

FEMININA FEMINISTA

Emilia Mendes

Giselle Luz

(orgs.)



FEMININA FEMINISTA

Uma mulher à frente de um jornal, no século XIX,
que bicho de sete cabeças será?

Amélia Feijó

Anália Franco

Francisca Senhorinha da Motta Diniz

Joana Paulo Manso de Noronha

Josephina de Azevedo

Maria Amélia Queiroz

Mlle Maria Rennotte

Nísia Floresta

Emilia Mendes
Giselle Luz
(orgs.)

FEMININA FEMINISTA

Uma mulher à frente de um jornal, no século XIX,
que bicho de sete cabeças será?

Amélia Feijó

Anália Franco

Francisca Senhorinha da Motta Diniz

Joana Paulo Manso de Noronha

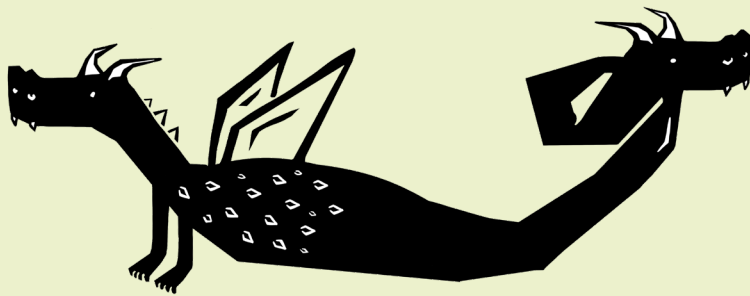
Josephina de Azevedo

Maria Amélia Queiroz

Mlle Maria Rennotte

Nísia Floresta





ZIGOTO ENSAIO

SUMÁRIO

Quem teme uma revolução feminista? | 17

A MULHER NO BRASIL

A mulher no Brasil | 27

Emancipação da mulher | 30

A heroica província de Minas Gerais
sempre na vanguarda do progresso (Parte 1) | 33

A heroica província de Minas Gerais
na vanguarda do progresso (Parte 2) | 37

Pela emancipação feminina | 40

Emancipação da mulher | 52

Emancipação feminil | 62

A EDUCAÇÃO DA MULHER NO BRASIL

Opúsculo humanitário/A educação da mulher
no Brasil (Fragmentos selecionados) | 71

A minhas patrícias | 109

Emancipação da mulher | 112

A educação da mulher | 116

Notas sobre a educação feminina | 119

Notas sobre a educação feminina | 125

Notas sobre a educação feminina (Continuação) | 132

Estudo sobre a educação | 140

Estudos – primeira lição | 147

Estudos – lição II | 152

Efeitos saudáveis da ginástica | 158

A MULHER PERANTE DEUS E O MUNDO

A mulher perante Deus e o mundo | 165

A MULHER PERANTE DEUS

As mães de família | 211

A racional emancipação da mulher | 214

A MULHER PERANTE O MUNDO

A questão das mulheres | 225

O que queremos? | 229

Mulher e liberdade | 234

Emancipação da mulher II | 242

As mulheres cursando a universidade de Cambridge | 244

A mulher e sua educação | 247

NOSSAS PATRÍCIAS

Amélia Feijó | 255

Anália Franco | 256

Francisca Senhorinha da Motta Diniz | 261

Joana Paulo Manso de Noronha | 263

Josefina de Azevedo | 266

Maria Amélia de Queirós Sodré | 269

Maria Rennotte | 271

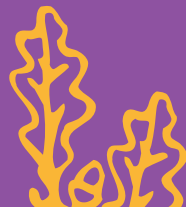
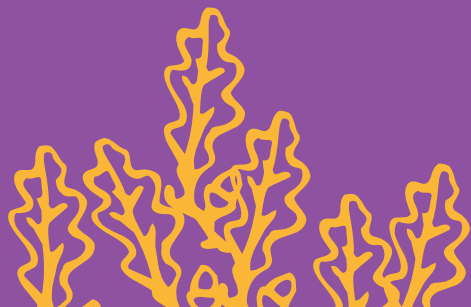
Nísia Floresta | 274

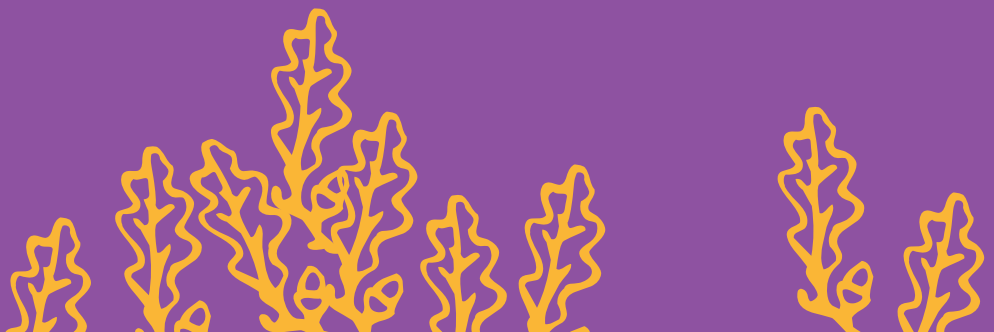
REFERÊNCIAS | 279

GLOSSÁRIO | 287

ÍNDICE ONOMÁSTICO | 292







QUEM TEME UMA REVOLUÇÃO FEMINISTA?

✿ ÍRIS LADISLAU E RAFAELLA RODINISTZKY



Quem nunca ouviu falar, nos dias de hoje, que essa onda de feminismo é moda da geração atual? Quem nunca ouviu falar que “na minha época era diferente” e que as mulheres de antes é que eram mulheres de verdade? Pensando nessa concepção errônea do movimento feminista, concordamos que era necessário mostrar como a ideia de emancipação feminina não é invenção dos anos 2000. Nessa coletânea de textos, trazemos artigos recolhidos de jornais do século XIX, época em que era de se surpreender uma mulher que estudasse, quanto mais que estivesse à frente de um jornal. Coletando textos de jornais e revistas como *Álbum das Meninas*, *O Sexo Feminino*, *Jornal das Senhoras* e *A Família*, trazemos escritos de mulheres que tomaram frente na questão feminista, trazendo uma abordagem que vai desde a religião até a instrução, sempre pontuando como que a boa educação seria instrumental para a emancipação feminina.

A revista *Álbum das Meninas* foi uma revista literária e educativa dedicada às jovens brasileiras. Com publicações a partir de 1898, entre seus temas centrais estavam a participação da mulher na sociedade, seu direito de ter uma educação como a dos homens e preocupações com as práticas de ordem moral, social e escolar. As edições da revista podem ser acessadas, mediante inscrição, no site do Arquivo Público do Estado de São Paulo. Anália Franco, professora, jornalista, poeta, escritora e filantropa brasileira, foi a fundadora dessa revista. O jornal *O Sexo Feminino* foi fundado em 1873, um dos grandes pioneiros da defesa da emancipação feminina, e pode ser acessado na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional. A fundadora desse periódico, Francisca Senhorinha da Motta Diniz, foi uma escritora, educadora e jornalista brasileira, que defendia a mesma educação para homens e mulheres e, além disso, que elas tivessem conhecimento de seus direitos e participação na sociedade. O Jornal das Senhoras foi fundado em 1852, na Bahia, pela jornalista e escritora Violante Bivar, a primeira mulher brasileira na direção de imprensa. Tratava-se de uma publicação ilustrada que falava sobre moda, literatura, belas-
-artes, teatro e crítica. Suas edições também estão disponíveis na Hemeroteca Digital. *A Família* foi um jornal literário dedicado à educação da figura da mãe de família, tendo sido fundado no

Rio de Janeiro, em 1888, pela jornalista, poeta e escritora Josefina Álvares de Azevedo. Outras ilustres autoras que contribuíram para esses jornais e revistas (e, naturalmente, para esta nossa coletânea) foram: a professora e abolicionista Maria Amélia Queirós; a escritora e poeta Amélia Feijó; a escritora, professora e tradutora Joana Paulo Manso de Noronha; a educadora, escritora e poeta Nísia Floresta e a escritora, professora e médica Maria Rennotte.

O que todos esses jornais e revistas têm em comum é a defesa da emancipação feminina por meio da educação. Por essa razão, o tema da instrução feminina perpassa, de uma forma ou de outra, todos os textos, assim como a temática religiosa: recurso do qual muitas das jornalistas se utilizavam para demonstrar o quanto a educação da mulher era um direito resguardado pelo divino. Essa inteligente manobra trazia credibilidade perante a sociedade cristã daquela época, desconstruindo a imagem radical que, em um primeiro momento, tinha-se da emancipação feminina, ao mesmo tempo que apelava para um argumento poderoso para aquela conjuntura profundamente moralista e religiosa.

Sem sombra de dúvidas, a chegada da família real ao Brasil, em 1808, impulsionou a criação de veículos de imprensa femininos, assim como alterou os padrões de comportamento da elite brasi-

leira, principalmente no âmbito da educação. No ano seguinte à instalação da corte portuguesa, os primeiros colégios privados para meninas brancas foram criados no Rio de Janeiro. Porém, os ensinamentos se limitavam às prendas domésticas, visto que “educar” as filhas nesse período era um investimento relacionado ao aumento do dote para o casamento.

Diante do rebuscamento cultural trazido pela corte portuguesa ao Brasil, as publicações voltadas à moda e aos costumes europeus despontavam entre a pequena parcela de mulheres elitizadas que não queriam ficar excluídas das novidades de Paris. Além da moda, as poesias, as novelas e os contos povoavam as páginas das publicações femininas, tema comum entre homens e mulheres, visto que a literatura funcionava como uma espécie de atestado de refinamento e inteligência na “Paris dos Trópicos” do século XIX.

As patricias que encabeçaram a imprensa feminina do período são justamente essas mulheres que tiveram o privilégio da instrução pelas mãos do ensino privado. Entretanto, em vez de se limitarem ao casamento e às obrigações domésticas impostas por uma sociedade impregnada pelo moralismo patriarcal, elas driblaram os entraves materiais e simbólicos ao escreverem ou dirigirem jornais e tipografias. Entre textos que valorizavam a mulher, enquanto mãe e esposa, estavam embutidos ideais de emancipação e equidade de

direitos para as mulheres. Desse modo, a imprensa tornava-se o principal meio de difusão da luta feminina, mesmo que fosse por trás de textos anônimos.

Este livro foi dividido em três seções: “A mulher no Brasil”, onde trazemos um primeiro panorama da situação da mulher brasileira do século XIX; “A educação da mulher no Brasil”, seção onde especificamos mais a questão da instrução e como isso era colocado, pelas jornalistas, no âmbito nacional; “A mulher perante Deus e o mundo”, título do texto introdutório da seção, a qual se ramifica em outras duas subseções: “A mulher perante Deus” e “A mulher perante o mundo”. A primeira subseção traz dois textos que selecionamos como representantes da questão religiosa que perpassa a grande maioria dos demais. A segunda subseção reúne um pequeno apanhado de artigos que tratam de questões mais abrangentes, questões que se alastram para o mundial, como comparações do Brasil com outros países, além de abordar questões que podem ser vistas como mais gerais.

Nosso objetivo primordial com essa coletânea histórica sobre o feminismo é a difusão desse assunto tão importante, que ele chegue ao maior número de pessoas. Por isso, optamos por uma linguagem mais acessível, fazendo as adaptações necessárias dos textos para os dias de hoje. Nossa finalidade, aqui, é a divulgação de

informação, antes de ser algum tipo de pesquisa aprofundada. Mas trazemos os endereços digitais onde os textos podem ser encontrados, para quem se interesse em pesquisar a história, a linguística, a política ou quaisquer outros assuntos aos quais esses jornais podem ser de extrema utilidade.

O que será que pode fazer uma mulher frente a um jornal voltado a outras mulheres? Pode revolucionar a história, começando um movimento que, elas sabiam, só tenderia e tende a crescer e ganhar cada vez mais voz. Nestes textos, por vezes nos surpreendemos com a submissão que ainda podemos ver nessas mulheres, e parte de nós se alegra ao ver o quanto já conquistamos, desde então. Mas outras vezes lemos demandas e justificativas tão assustadoramente atuais que algo em nós se desanima, ao ver a quanto tempo estamos lutando e demandando as mesmas coisas, sem parecer que estamos sendo ouvidas. Mas não desanimai-vos! Nunca esperemos que a luta seja breve, mas estejamos prontas para a luta constante e para não desistir, assim como nossas companheiras resistiram em tempos ainda mais sombrios. Como dito no texto “As mulheres cursando a universidade em Cambridge”, “será que o governo se arreceia de alguma revolução resultante de ciência feminina?”. Com certeza sim, eles temem! Justamente por isso fomos tolhidas por tanto tempo. Mas, uma vez tendo o conhecimento em nossas mãos, não iremos parar. Nós, que tememos tantas coisas todos os dias, não tememos a luta quando esta se avizinha. Avante!



A MULHER NO BRASIL



A MULHER NO BRASIL



grandiosa ideia da Emancipação da Mulher vai despertando em toda parte, a atenção das senhoras brasileiras.

Como que se sente uma espécie de acordar de um longo letargo, para a vida nobre da mulher moderna; se bem que ainda não esteja perfeitamente compreendida a verdadeira direção desta nova conquista da civilização moderna. É como uma luz fraquíssima, bruxuleante, atravessando prolongada bruma.

As minhas patrícias não querem de certo ficar estacionárias em meio do movimento evolucionista das novas sociedades; e como que se preparam para as lides do trabalho material e intelectual que a ciência social dos nossos dias lhes prescreve.

A maior ventura desta parte da humanidade é a mulher civilizada e livre, que os homens tão desdenhosamente têm denominado “sexo frágil”. Será talvez a última, e, ao mesmo tempo, a mais importante revolução do século assombroso, que tem justamente conquistado o título de século das luzes.



As minhas patrícias começam a sua conquista pela educação, além do vulgar; isto é, do que então constituía a educação de uma moça, principalmente nas províncias.

E adquirido um razoável cabedal de ilustração literária, eis que, sem desdenharem os sagrados deveres de esposas e de mães, antes, servindo-os mais meritoriamente, se consagram ao árido afã da imprensa e até da tribuna, para elucidação do magno problema que a todas nós preocupa presentemente.

Para demonstrar basta citar os nomes de Anália Franco, Maria Amélia de Queirós, Octavia Mululo, Ignez Sabino, Zalina Rolim, Maria Jorandes, Presciliana Duarte, Maria Clara, Corina Coaracy e muitas outras, que tão brilhantemente honram as letras pátria.

Este valioso advento é precursor de uma nova época mais fecunda, que não está longe porque já hoje vejo em toda a parte a educação tomar impulso, despertando as ambições, guiando as inteligências e consubstanciando as ideias.

Isto ainda não é uma aurora plena, brilhante de fulgurações radiosas; ainda temos as peias do jesuitismo maléfico¹, a moral teológica, com os seus dogmas tirânicos e atrozes; mas o momento psicológico da nossa completa liberdade soará e esse será o da nossa supremacia.



Artigo: A mulher no Brasil

Jornal/Revista: A Família

Edição: Ano 1891, nº101, p.1-2

Autoria: Josefina de Azevedo

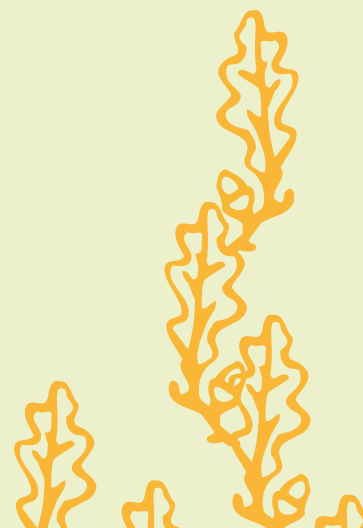
Transcrição: Giselle Luz



Acesse o texto original [aqui](#), ou utilize seu celular para visualizar pelo *QR Code* abaixo:



1. A expressão “peias do jesuitismo maléfico” pode ser entendida como “amarras do jesuitismo maléfico”. Refere-se aos resquícios de dogmas pregados pelos jesuítas que viam as mulheres como filhas de Eva, e, portanto, detentoras do pecado original e desvirtuadoras de homens. N.E.



EMANCIPAÇÃO DA MULHER



Desde as mais importantes cidades do mundo às mais pequenas povoações; desde os mais ricos palácios aos mais míseros casebres – surge a luminosa ideia da emancipação feminina!

Infelizmente o governo de nosso país conserva-se contrário a essa grande causa social, que pouco a pouco vai conquistando terreno nos mais adiantados países da Europa e América do Norte, justificando assim que a nossa cara pátria está ainda no número de nações atrasadas, desde que repele a liberdade social, preferindo o atraso ao adiamento.

Estamos certas que o governo de nosso país se não ama as ideias adiantadas, não nos cabe o direito de reagir-lo, mas o que nos entristece é a grande parte das mulheres brasileiras, que, em vez de nos ajudarem e encorajar-nos na sinuosa jornada que enfrentamos, envolver suas ideias as nossas – são as que justamente desejam verem calcada a grandiosa ideia da emancipação feminina, em cuja propaganda trabalhamos.

Triste verdade, mas devemos confessá-la!

Umas trabalham, sacrificando suas forças moral e intelectual; outras querem desfazer o que custam as longas horas cheias de

amargas decepções, em que o espírito iluminado pela chama vida do amor ao progresso trava a luta entre a consciência ditadora e o coração imerso na impetuosidade da valente causa da civilização, pelo nivelamento social do universo!

É um problema bem fácil de resolver-se e é somente a falta de instrução que sobre esse ponto nos veda a passagem no escabroso caminho que trilhamos: mas não nos falta coragem; encaremos com desprezo o cansaço e a inércia, e trabalhemos, que os obstáculos serão rompidos.

É nessa luta que devemos reunirmos e emprenharmos em apagar os últimos vestígios do cativeiro, quebrar as negras cadeias que nos prendem, finalmente desmoronarmos o selvagem pardieiro da ignorância, a sombra do qual vivem agregados milhares de ignorantes e sobre as ruínas deste construirmos o belo e majestoso edifício da civilização dos povos, e no pavilhão frontispício, desfraldarmos uma bandeira que simbolize o doce e puro beijo da liberdade ao Progresso!

É o que deviam aspirar todas as mulheres brasileiras, mas já que assim não acontece, contentemo-nos em podermos publicar livremente as nossas observações sobre a humildade com que apresentam os braços às algemas nefandas de um cativeiro bárbaro, essas nossas semelhantes fracas e sensíveis que recebem do homem

a mais humilhante prova do cruel rebaixamento a que se pode reduzir!

Mas, jamais desanimaremos; firmes no nosso posto, pugnando sempre pela liberdade universal, nos acharão, ao lado da justiça, cheias de crença e patriotismo, empunhando o lábaro da liberdade, até alcançarmos a vitória que será certa.

.....
Artigo: Emancipação da mulher

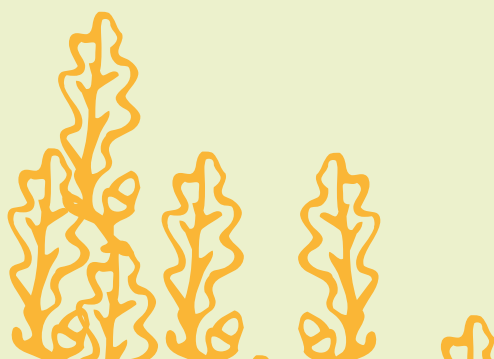
Jornal/Revista: A Família

Edição: Ano 1891, número 105, p.2-3

Autoria: Amélia Feijó

Transcrição: Giselle Luz

.....
Acesse o texto original aqui, ou
utilize seu celular para visualizar
pelo *QR Code* abaixo:



A HEROICA PROVÍNCIA DE MINAS GERAIS SEMPRE NA VANGUARDA DO PROGRESSO (PARTE 1)



terra brasileira, uma vez regada com o sangue de um mártir da liberdade continua a germinar, crescer, medrar incessantemente, frutificando a árvore da liberdade e independência. Todos os brasileiros que hajam lido a história pátria sabem, que cabe à nossa província, a honra e glória de ser a primeira em que se tem manifestado as grandes aspirações, figurando à frente delas, a ideia de libertar-se o Brasil do jugo português, proclamando sua independência.

Tiradentes, o ilustre, o mais ativo dentre seus compatriotas pagou com a vida no cadafalso o nobre e santo desejo da liberdade; mas seu sangue tem obtido da Providência que seja dada à sua terra natal a glória de ser o berço das grandes ideias e melhoramentos intelectuais, morais e materiais.

Foi nesta heroica província que apareceu a ideia de nossa emancipação política; foi ela a primeira que em 1835 criou a 1ª escola normal; foi a que primeira fez leis estatuinto que as senhoras ocupassem cadeiras de instrução primária do sexo masculino;



foi nela que teve lugar a primeira exposição nacional; foi enfim a primeira que apresentou a ideia da emancipação da mulher com a aparição do *Sexo Feminino*, a qual ideia, graças à tendência das dignas e inteligentes mineiras, nossas comprovincianas, para o melhoramento intelectual e moral, esperamos que irá avante irremissivelmente como avante caminha o progresso e a civilização.

Acima da oposição que o sexo contrário nos venha opor, temos além da santidade da causa, a alma do mártir da independência do Brasil, ante Deus para auxiliar-nos em nossa grandiosa missão. Erguer o nosso deprimido sexo da humilhação em que até aqui tem jazido, não é menos nobre que sacudir o jugo de uma nação egoísta.

O século é o das luzes, e por isso com júbilo mais de uma vez hemos visto nossas ideias propagadas ou como que cumprimentadas, encontrando-se na mesma jornada por cavalheiros distintos: é que a verdade é uma, e todos os pensamentos, todas as ideias que a ela tenderem, devem forçosamente conchegar-se, se não andar *pari passu* por

uma simpatia fraternal, se não por uma identidade natural e racional.

Instrução, instrução para a mulher é o brado unísono de todos os brasileiros, porque dela resultará com facilidade e a mãos cheias a do homem, a da humanidade.

Malgrado a improgessibilidade de alguns cérebros masculinos que têm querido achar pretensa utopia de nossa ideia até em diferenças fisiológicas, do cérebro, e do todo físico da mulher relativamente ao homem, diferenças que no dizer deles fazem ver que na mulher só há sensibilidade, somente coração, e (heresia psicológica) quase ausência de razão, constituindo meras e raras exceções as mulheres ilustradas e sábias que têm figurado na república literária; malgrado esses cegos que não querem ver, aparece clara e manifestamente a verdade, a ideia que sustentamos e afagamos, a qual vai caminhando desassombrada, aparecendo e reproduzindo-se em diversos pontos do orbe, e não com pouca adesão e animação no nosso país, como o fizemos já ver noticiando a proposta do muito



ilustrado Dr. Bezerra de Menezes ultimamente na municipalidade da corte.

Artigo: A heroica província de Minas Gerais na vanguarda do progresso I

Jornal/Revista: O Sexo Feminino

Edição: Ano 1874, nº27, p.1-2

Autoria: Francisca Senhorinha da Motta Diniz²

Transcrição: Íris Ladislau



Acesse o texto original aqui, ou utilize seu celular para visualizar pelo *QR Code* abaixo:



2. Autoria atribuída. Alguns textos dos jornais não apresentavam assinatura, portanto, optou-se, aqui, por atribuir a autoria desses textos às editoras dos respectivos jornais. N.E.

A HEROICA PROVÍNCIA DE MINAS GERAIS NA VANGUARDA DO PROGRESSO (PARTE 2)



e as mulheres sábias e ilustradas têm aparecido em número que consente aos voluntários não videntes ou obcecados, considerarem-nas exceções, é isso devido a não terem sido proporcionados ao nosso sexo os meios que soem ser omnimodamente prodigalizados aos homens; e porque a mulher não tem merecido dos poderes sociais, aliás em geral exercidos por homens, ser elevada à altura que lhe foi destinada pelo Ente Supremo: sem meios é impossível a consecução dos fins.

Finalmente uma observação: a mulher não tem as aptidões do homem segundo os obcecados e, entretanto, ela até dirige estados, sem que em país algum civilizado só seja admitida por exceção a sentar-se no trono e a cingir a coroa de rainha. É que as que se destinam a reinar já recebem uma educação diversa da que se tem geralmente dado



às outras mulheres; do que de algum modo servem de exemplo as nossas princesas, que entre seus mestres tiveram o sábio Frei José de Santa Maria Amaral, que lhes ensinou ciências e disciplinas que não soem ser aprendidas pelas mulheres.

Não deve passar aqui desapercibido que à Providência aprouve haver por bem que a mais filosófica e humanitária das nossas leis da emancipação dos escravos – fosse assinada por uma mulher, a nossa amável e virtuosa Princesa Imperial, cujo augusto nome tão belamente assim se eternizou nessa grande lei, que parecia de perigosos resultados tão temidos pelos tímidos retrógrados e que, entretanto, nenhum abalo causou à sociedade brasileira, ao contrário fazendo-lhe honra no meio das nações civilizadas.

Dê-se, portanto, ao menos semelhante educação e instrução a todas as mulheres, e ver-se-há que só por exceção é que se encontrarão algumas incapazes de ilustrarem-se como os homens e mais que eles.

Se houver mesmo mulheres que entendam dever só cuidar em amamentar e pensar crianças, em arranjos de casa contentes assim com sua sorte, ainda será isso devido à carência de educação e instrução de que se ressentem esse seu pensar; no que fazem o mesmo papel que o homem ignorante e analfabeto matuto quando se espanta com o que vê no civilizado instruído, julgando que

nunca poderia chegar a tal posição superior ao seu humilde labor de simples roceiro, arrieiro, domador de animais etc. Curvem-se pessimistas dos tempos da ignorância e do obscurantismo, e confessem que a mulher é dos seres criados o protótipo, o suprassumo da perfectibilidade racional da espécie humana.

.....
3. A autoria
atribuída. N.E.



.....
Artigo: A heroica província de Minas Gerais na vanguarda do progresso II

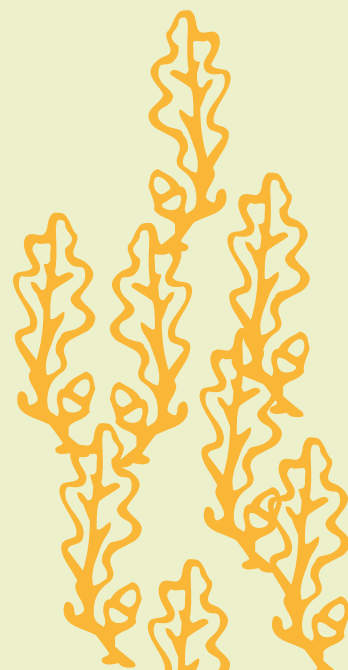
Jornal/Revista: O Sexo Feminino

Edição: Ano 1874, nº28, p.1-2

Autoria: Francisca Senhorinha da Motta Diniz³

Transcrição: Íris Ladislau

.....
Acesse o texto original aqui, ou utilize seu celular para visualizar pelo QR Code abaixo:



PELA EMANCIPAÇÃO FEMININA



Por uma singularíssima coincidência de fatos ocorrentes, vejo-me hoje numa posição idêntica à do meu ilustre colega e mestre Quintino Bocaiuva, quando após longa série de acusações a sua posição de homem público e jornalista, encontrou, enfim, no seu caminho, na pessoa de um jornalista de sua consideração, contendor com quem ajustar contas.

Salvos os motivos, julgo ter também agora, no acidentalismo da minha propaganda em favor da *emancipação feminina*, encontrado no cronista do *Diário de Santos*, que se referiu em longo artigo ao meu último livro *A Mulher Moderna*, um paladino digno de uma polêmica.

Até hoje, é certo, tenho visto o açodamento com que jornalistas de seções mínimas, aparentando denodo e procurando iludir falta de ciência e critério, procuram, na arena do combate em que manejam, a falta de melhores pelouros, argumentos sarcásticos e pilherias de mau gosto, compelir-me a uma verdadeira querela, em que nem eu nem a minha causa lucrariam coisa alguma. O silêncio que lhes tenho oposto, mais expressivo não poderia ser do meu desgosto para com eles e da negação instintiva de acompanhá-los nesse verdadeiro *bate-boca* que nunca poderia merecer o qualificativo de uma discussão proveitosa.

Eu mesmo, e até o meu jornal, temos sido alvejados pelos apodos de quem na fatuidade da *pose* e na alacridade do alarido melhor escudo não encontre aos seus estímulos de vaidade.

Suscitou-se, não há muito, uma questão em que se de uma parte se negava à mulher toda a competência para a laboriosidade das fainas intelectuais, de outra, defendendo-se essa competência, com o maior tresvario do senso e da razão, aniquilavam a intelectualidade feminina dentro de um monstro preconceituoso sem arbítrio, sem vontade e sem estímulos, funcionando intelectualmente nos limites de um artifício banal, sem utilidade e sem preponderância.

Mas tudo passou, na etérea voragem da fugacidade, apenas impressionando algumas organizações mais tímidas do que as vulgaridades indiferentes ao tirocínio da ideia que se expande iluminando.

Agora, porém, deparo com um extenso trecho de crônica, em que, a propósito do meu livro *A Mulher Moderna*, primoroso jornalista investe contra a nossa emancipação, e tal é a competência que diviso no seu autor, através do período trabalhado, fluente e instruído, que não devo deixar passar sem o devido reparo quanto ali se expende.

Transcreverei em seguida o referido trecho para que as leitoras avaliem de quanto é má a causa do egoísmo masculino,

ainda quando ele seja sustentado pela proficiência e habilidade do mais hábil polemista.

Ei-lo:

Pra fazer crônica tenho um fato: o aparecimento de um livro escrito pela Sra. Josefina Álvares de Azevedo, redatora de *A Família*, valente propagandista da educação da mulher, em todas as manifestações sociais, querendo vê-la gravitar em todas as esferas em que gravita o homem.

O livro tem 152 páginas; intitula-se *A Mulher Moderna*, e consta de uma introdução da autora; de O Voto Feminino, comédia de um ato da mesma senhora; e mais de artigos publicados no jornal *A Família*, sobre a Emancipação da Mulher.

Diz a propagandista, na introdução, que o livro não é inteiramente novo.

O exemplar que recebemos parece ser.

Novas são as ideias enunciadas nos artigos reunidos.

Enquanto a Sra D. Josefina quer para as mulheres todas as regalias que têm os homens, inclusive o direito de voto, a Sra. Guiomar Torrezão acha que tal ideia caracteriza este fim do século desequilibrado, e, em nome do bom senso, suplica à mulher, sua irmã, que responda com uma gargalhada ao escárnio que ser

quer atirar sobre o seu sexo, intentando, arrastá-lo às forças eleitorais, e exclama:

– “Pró pudor!”

A Sra. Guiomar Torrezão é uma mulher de espírito e acha assustadora a ideia, não desejando usar do mesmo direito e gozar da mesma regalia, julgando-se feliz por conservar-se a respeitável distância desse espetáculo quase lúgubre, a força de ser cômico.

Eu sempre pensei que a maior aspiração da mulher, mãe, filha ou esposa, fosse gozar no lar uma vida gorjeada, sem nenhuma sopro que lhe devaste a felicidade, sem nenhuma sombra que lhe venha obscurecer as quimeras, a tratar dos petizes, a fazer o *ménage*⁴ mas agora, depois da propaganda enérgica da autora de *A Mulher Moderna*, sei que as adoráveis leitoras de faces rosadas, cabelos de ébano, não querem mais continuar a rotineira existência que têm tido e pretendem um lugar no Congresso, ao lado dos Srs. Cartacho, Catanda, Amphiphio, Oiticica e mais ilustres representantes da nação.

Compreende-se, pois, que a divina eloquência do amor, de uma vida extasiante de ter-



4. Fazer o *ménage* significa ocupar-se das tarefas domésticas e rotineiras. N.E.

nuras, carícias, afetos, para os filhos, pais, esposos, vão preferir, as nossas leitoras, a tribunícia eloquência parlamentar, sujeitando a política brasileira às crises psicológicas em que as afeições venham ocupar o posto de ideias e da reflexão, impondo a mais cega confiança, fazendo emudecer a experiência, até que os desenganos façam desaparecer as venturas.

E então, ao discutir os interesses públicos, que lógica não terão as deputadas e que autoridade não exercerão sobre os colegas do sexo feio.

Um sofisma pronunciado por uma boca de mulher, é uma coisa adorável.

Imaginem como os Srs. Do Congresso se abandonarão, sem restrições, sugestionados, a qualquer projeto apresentado e discutido por uma deputada.

Em tudo quanto tem produzido a autora de *A mulher Moderna*, há ideias aproveitáveis, mas há também teorias absurdas, inadmissíveis.

Que será da sociedade brasileira quando a mulher sair do círculo que lhe foi traçado, para imiscuir-se nas alevantadas questões que se agitam na vida econômica e política dos povos?

Nada, minha senhora; à mulher cabe o lugar de educadora da prole.

Queremo-la instruída, muito instruída, mas na qualidade de educadora dos filhos, a preparar-lhes o cérebro e o caráter.

E o que não for isto, com relação a mulher, é quixotesco, ridículo.

Imagine V. Exa., um congresso de sogras impertinentes a papaguear, que desastre não seria!

A Sra. D. Josefina, terá carradas de razão em pregar que a mulher necessita orientar-se, acompanhado a evolução científica, artística e literária, mas quanto a vê-la política, doutora, financeira e mais coisas, isso é que não!

Ao acontecer isso, há de ter graça ver o meu amigo Caldeira, gordo, nédio, a ninas os petizes, ver o Affonso Verediano a aplicar a mamadeira aos bebês; ver o Chiquinho Martins Filho a costurar a máquina, abainhando colchas e guardanapos, cantando.

“Carolina que as horas contava”

E as Exmas, esposas, senhoras respeitadas, mães virtuosíssimas, a fazerem escrituração mercantil, a fazerem despachos, e trabalharem no foro.

Nada, minha senhora!



5. Perder o seu latim significa gastar o seu tempo com algo inútil. Também pode significar que alguém está a perder o seu tempo explicando algo para uma pessoa que não quer entender o assunto. N.E.

V. Exa. tem trabalhado, mas está perdendo o seu latim⁵.”

Thiers Minor

Deixando de parte a introdução do artigo em que se faz a apresentação do livro, por não serem as ideias ali expendidas suscetíveis de proveitosa discussão, tomo para ponto de partida a afirmativa de que a Sra. D. Guiomar Torrezão acha que a completa emancipação da mulher e a conquista de direitos sociais em igualdade com os homens constituem ideia característica deste fim de século desequilibrado.

Eu não sei se o escritor julga dever submeter-se a todas as opiniões absurdas das daquela escritora; quanto a mim, e toda a criatura consciente e emancipada, tais opiniões não prevalecem. Muito contrário a elas é o procedimento da própria escritora, que não se subordina a preconceitos, diz o que quer e o que pensa, *fura* por toda a parte no país e no estrangeiro, valoriza em extremo os ditames de sua vontade e se não se submete as exigências dos deveres cívicos de cidadã, é porque as leis portuguesas

não lhes facultam esse privilégio, e se não o deseja, é porque não é capaz de sentir a dedicação patriótica que desde os tempos mais remotos tem notabilizado a mulher distinta.

Que a mulher responda com uma gargalhada ao nobre estímulo de ter um papel saliente na sociedade regulada por leis equitativas!

Eu responderia e responderei sempre com o lamento da comiseração àquelas que futilizando as suas aptidões nas banalidades da vida, vivem fora dos preconceitos da sociedade e das leis, renegando entretanto direitos que lhes conferem rigorosos deveres e liberdades que lhes concedem bem entendida e aplicada autonomia.

Ninguém poderá fazer justiça ao proclamado espírito de escritora, julgando-a como refletida calma por tão absurdas e fátuas ideias.

O cronista do diário, diz em seguida uma futilidade muito gasta pelos pueris que entendem que a mulher não pode deixar de ser um bibelô. Há de encontrar uma espécie de mulheres que concorde com isso – a das tolas. As outras podem ser tão úteis à sociedade e à pátria como os homens mais úteis.

Não examinarei o período alambicado em que fala de amor, *de uma vida extasiante de ternuras, carícias, afetos, etc.,*

porque convenha o colega, não vale a resposta. Deixo-o de propósito para transcrever aqui, ainda uma vez, este pedacinho de ouro:

“E então, ao discutir os interesses públicos, que lógica não terão as deputadas e que autoridade não exercerão sobre os colegas do sexo feio.”

Ora aqui tem como distinto jornalista acusa a superioridade da mulher sobre o homem! Pois, depois disto, não acha que de preferência nos devem caber cargos que os homens não podem desempenhar tão perfeitamente?

É justo que os membros do parlamento se distingam pelos seus atributos de superioridade intelectual e moral, e estando esta superioridade da nossa parte como confessa, lógico é que nos pertence o posto que os homens, até hoje, têm usurpado egoisticamente.

É simplesmente uma questão de justiça.

Outra opinião perfeitamente contestável é aquela que afirma que os deputados se abandonarão, sem restrições, suggestionadas, a qualquer projeto apresentado e discutido por uma deputada.

Se todos os homens fossem assim, mal deles, houvesse ou não deputadas.

Mas tal não acontecerá; e para prová-lo, basta um exemplo: as transações comerciais entre homens e mulheres.

“Que será da sociedade brasileira quando a mulher sair do círculo que lhe foi traçado para imiscuir-se nas alevantadas questões que se agitam na vida econômica e política dos povos?”

Terá ganho para o homem uma companheira mais útil e mais digna, e para a sociedade uma consciente, equilibrada e forte operária do seu progresso e da sua civilização.

Quer a mulher instruída, muito instruída para educadora da prole, de acordo; mas além disso que há de fazer da sua instrução quando a sua atividade mental estiver a pedir-lhe uma aplicação prática variada com aquela que a fatalidade da sua organização lhe impôs?

Quanto mais vasto é o círculo das nossas ideias, mais amplo deve ser o campo da nossa atividade. Tudo quanto alcançamos pelo pensamento nos interessa pelo estímulo. Como, portanto, consorciar a expansão da nossa atividade intelectual iluminada pela intensidade da instrução, com a brutalidade do círculo vicioso que o egoísmo masculino nos quer a força insistentemente, impor?

Ó ilustre jornalista reflita bem, e há de convencer-se de que não tem carradas de razão, como deseja, nesta questão.



E não contesto os últimos períodos, porque tudo mais quanto escreveu foi pilheria de cronista, sem necessidade de resposta.

Creio mesmo que todo esse trecho, cuja forma tem todos os labores da mais apurada arte, não passou de pura pilhéria, embora com ares sérios; que de outro modo não se compreende bem como um escritor de tão fino quilate atira à circulação ideias tão absurdas.

.....

Artigo: Pela emancipação feminina

Jornal/Revista: A Família

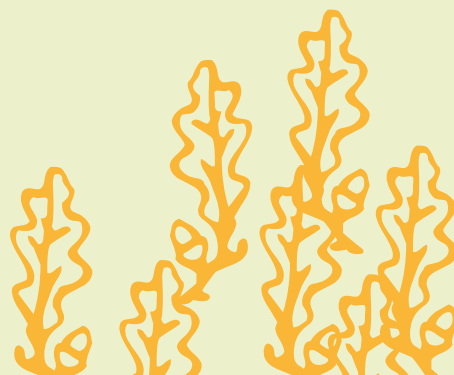
Edição: Ano 1891, nº 96, p.2-4

Autoria: Josefina de Azevedo

Transcrição: Giselle Luz

.....

Acesse o texto original [aqui](#), ou
utilize seu celular para visualizar
pelo QR Code abaixo:



EMANCIPAÇÃO DA MULHER

(À minha colega Amélia de Queirós)



Brasil que será ainda apontado como a primeira nação americana, quer quanto ao seu movimento político e comercial, quer quanto ao seu adiantamento social, modificando usos e costumes, nivelando o socialismo, introduzindo reformas de grande importância, derruindo o velho e rude pardieiro da ignorância e do egoísmo e sobre as ruínas deste levantar um edifício belo e majestoso, digno de um povo livre — o edifício da civilização dos povos, — não pode nem deve abafar o brado entusiástico, soltado pelo sentimento da justiça!

A civilização no seu lento caminhar pela estrada gloriosa do progresso, vão exprimindo as verdades incontestáveis, que a nossa consciência proclama a cada instante, e, nos aponta para o futuro, como quem diz: querem deixar para as gerações vindouras os gozos que vos estão reservados?

Não, respondemos nós, nem é possível deixar para os nossos descendentes a vitória de tão nobre batalha. Seremos nós mesmo

que assentaremos as principais bases de tão monumental edifício; seremos nós mesmo que romperemos o caminho agro, estreito e dificultoso, fazendo dele uma estrada larga e plana, para que as futuras gerações possam junca-la de flores!

—

De todos os pontos de nosso país, surgem arrojados propugnadores de tão importante causa!

A mulher que é um ser inteligente e amante do progresso, igual ao homem, apenas com diferenças sexuais, (como diz a nossa distinta preceptora Josefina Alvares de Azevedo no seu livro *A mulher moderna*) não deve ficar imóvel ante os destinos de seu país.

Se ela tem forças para empunhar uma espada em defesa da pátria, como tantas vezes tem acontecido, porque, tendo o espírito bastante forte para produzir, lhe negam o direito de agir?

Cúmulo de egoísmo!

Outra razão se nos apresenta clara e transparente, e nos faz crer no egoísmo e na vaidade ilimitada da maior parte dos homens brasileiros: a mulher pode responder perante o direito criminal, e perante o direito político, não; qual a razão, porém porque ela respondendo por um crime que pratica, não pode também manifestar a sua opinião franca e desinteressada, pelo direito do voto? A ilustrada

pernambucana D. Maria Amélia de Queirós, esse gênio feminino, que unindo a sua inteligência rara, uma aprimorada educação, derrama jorros de luz sobre essa questão em cujos reflexos brilhante, aparece a verdade.

Em um artigo publicado neste jornal a 15 de setembro do corrente ano, encontramos entre outros tópicos, estes que abaixo transcrevemos:

“Do mesmo modo, porque a mulher, é responsável perante a lei penal e os códigos das nações consideram-na tão responsável quanto o homem, sujeitando-a aos mesmo castigos, e, sendo nesse caso a sua posição igual a daquele, não tendo em vista o Direito Criminal, a 'fragilidade do seu sexo', assim também ela não deve ser inibida de toda e qualquer liberdade, para entrar no exercício de todas as funções que lhes deverão assistir, intervindo em todos os negócios Político Sociais, concernentes portanto ao engrandecimento geral do seu país.

“Se a 'fraqueza da mulher' não a garante de ser equiparada ao homem, nos casos em que justamente deveria ser apreciada; como é, que somente é entendida, quando se trata de fatos que dizem respeito a seus direitos civis?

“Pois se compreende uma legislação tão incongruente?

“Insistamos.

“Se a mulher é julgada incapaz, por sua 'fragilidade' como o afirmam as leis civis que nos regem, com muito mais razão deveria ela ser menos responsável perante o direito criminal, visto como, um ser tão débil, como chamam a mulher, não pode sofrer uma pena igual a imposta ao 'sexo forte'.

“Onde está a coerência?

“Uma lei negar-lhe a imputabilidade jurídica. (Dir. Civil) ao passo que outra (Dir. Criminal) a consagra”.

Depois de tão brilhante defesa, que posso eu escrever a respeito deste assunto? Erguer mais, com elogios sinceros, o nome da distinta escritora? Não; os meus elogios não estão a par do mérito dessa distinta cultora das letras.

Apenas poderei cerrar os ouvidos as palavras insensatas de espíritos malévolos, que querem macular aquele talento pernambucano.

Daqui, bem longe de teu estado natal, eu te abraço, denodada combatente, irmã na crença!

Só vos peço que não abandoneis o lugar que tão bem ocupais, e continuai a defender a causa da nossa emancipação, cuja realização será o engrandecimento da nossa sociedade!

Algum dia, envoltas na mesma bandeira bradaremos o grito entusiástico da nossa liberdade social! Algum dia, se preciso for, se os



.....

6. O orientalismo é o termo que define os estudos do oriente, sejam eles históricos ou artísticos. A maioria desses estudos era desenvolvida por homens europeus e poderia apresentar uma abordagem tendenciosa, principalmente no que se refere à cultura dos povos orientais e, claro, em relação ao papel da mulher na cultura oriental, muitas vezes julgada erroneamente como submissa, pouco inteligente e dedicada apenas ao lar, desprovida completamente de qualquer tipo de emancipação. É a essa estagnação que Josefina de Azevedo faz referência. N.E.

dominadores eternos da nossa infeliz pátria, querendo fazer triunfar a tirania, negando os nossos direitos tão justos, devemos com prazer, de lavar a nódoa de nossa bandeira pátria com o nosso próprio sangue!

Como Josefina de Azevedo disse: “Nós temos hoje o dever de caminhar; a humanidade não se poderá deter na estagnação do orientalismo⁶, que faz da mulher um ser desequilibrado”, mas cedendo o entusiasmo à razão terminarei como Octavia Mululo:

Esperemos.

—

Para provar a quanto tem alcançado a nossa propaganda neste país transcrevo abaixo uma correspondência de S. Paulo enviada ao importante periódico “A Gazetinha” que sob a direção do Sr. Antônio Cuba e publicado na cidade de Guaratinguetá, daquele Estado.

—

DE S. PAULO

A FAMÍLIA, valente e bem redigido órgão da imprensa fluminense, conseguiu reunir em torno de si um corpo otimamente escolhido de agradáveis escritoras, distintas poetisas, literatas à *fin de siecle*⁷.

Constitui uma plêiade brilhante e plenamente digna de mérito, porque representam a atualidade, porque encarnam em si as ideias modernas, porque tem a aspiração elevada de conquistar a opinião pública sobre as importantes questões políticas e sociais, relativamente á emancipação da mulher.

Reagindo fortemente contra os ataques dos adversários, *A Família* defende com entusiasmo, em suas simpatias colunas, os direitos que muitos ilustrados publicitas tem buscado conquistar para o sexo amável e delicado.

E é de crer-se que a mesma propaganda feita por esse órgão fluminense, tenha influído no ânimo de muitos Congressistas, quer fede-



.....

7. A expressão *fin de siecle* em francês significa “fim de século”. Tal expressão é amplamente usada para designar ações extremamente modernas e que quebram o padrão da época. N.E.

rais, quer estaduais, animando-os a pedir os direitos políticos para as mulheres.

Na verdade, uma propaganda feita por tão gentis propagandistas, não pode deixar de ecoar no espírito dos ouvintes e dos leitores por mais desatenciosos que sejam, por mais ciosos que se constituam das suas prerrogativas mazelas.

Mas, não só no terreno das questões políticas que *A Família* se tem salientado.

As suas páginas, as suas colunas são a prova exuberante do talento, que não é raro, da ilustração admirável que as mulheres brasileiras, em grande parte, possuem e cultivam com proveitos evidentes, enchendo o arquivo pouco exuberante das nossas produções intelectuais com verdadeiras e apreciáveis peças de literatura.

É muito notável a fase inteiramente nova porque, mesmo entre nós, vai passando a educação da mulher.

Procura-se desenvolver-lhe as faculdades intelectivas, educar-lhe o espírito com esmero, prendá-la com todos os requisitos que a civilização já exige em tão delicado ser, porque a mulher não se considera só como a soberana do lar doméstico; ela deve ser o espírito da casa, a sua animação, a alma do ideal sublime da estética.

O grupo gentil de escritoras da *Família* representa a guerra aos preconceitos antigos, a guerra ao escravismo político literário da mulher.

Dentre as poetisas que abrilhantavam o periódico fluminense e diversos órgãos da imprensa diária do Rio com suas melodiosas poesias, inspirações ternas de um gênio admirável, produções entusiasmamente acolhidas e admiradas por todos os espíritos ilustrados, sobressaía a figura excessivamente simpática de Carmem Freire, que há poucos dias adejou da contingência pouco poética da vida, para o seio paradisíaco das musas.

Rendemos homenagem ao belo sexo brasileiro e, sobretudo, fluminense, transcrevendo um dos sonetos da saudosa poetisa, que temos á memória no momento em que escrevemos:

Meia Noite

Lá fora apenas o silêncio e a treva...
E nessas horas de melancolia
Que a alma dos crentes, como a luz do dia,
Nua, ás celestes regiões, se eleva.

Felizes crentes, que não tem por guia
O corvo horrendo que a grasnar me leva;

Corvo cruel que no meu peito ceva
A fome eterna que jamais sacia;
Mas, nessas horas em que a noite corre
Tranquila, como um ai que foge e morre,
Aliviando um peito desgraçado;
E que eu voltando os olhos pra meu seio,
Tremula e triste com saudade leio
Toda a história feliz do meu passado.
(Carmem Freire)

Hoje, a poetisa deve ler mais alegremente a história feliz de seu passado, se ela encontrou no mistério impertinente de além-túmulo o paraíso que o poeta sonhou para os bardos no seio eterno, inocente e meigo das musas”

As consciências adormecidas já vão despertando... É tempo.

.....

Artigo: Emancipação da mulher

Jornal/Revista: A Família

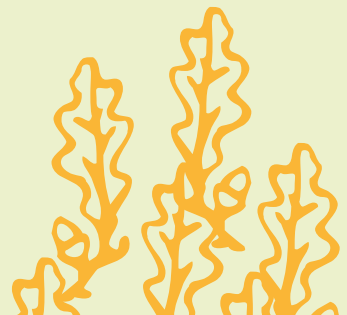
Edição: 1891, nº119, p. 1-2

Autoria: Amélia Feijó

Transcrição: Victória Zanette

.....

Acesse o texto original [aqui](#), ou
utilize seu celular para visualizar
pelo QR Code abaixo:



EMANCIPAÇÃO FEMINIL



eminentemente admirável a marcha que nestes últimos tempos tem tomado o Brasil, em relação a propaganda da Emancipação Feminil.

Ela caminha a passos largos apesar dos obstáculos invencíveis que encontra em sua trajetória.

Vemos com o coração extravasado de júbilo levantarem-se corajosamente de alguns pontos deste apreciável país, arrojados propagadores de tão santa ideia, cuja realização será o engrandecimento supremo da nossa cara Pátria, as regiões mais sublimes da civilização e do progresso.

Porque, por isso mesmo que é o problema mais complicado que o Brasil tem de resolver atento a variedade de sua engrenagem, ela — a Emancipação Feminina — será sem dúvida a precursora de uma aurora tão rosada e encantadora quão feliz e bonançosa para humanidade inteira.

Parece que a estrela fulgente da verdadeira regeneração social, vem despontando através daquelas brumas que nos escreviam o horizonte. Muito embora a luta infrene dos refratários da nossa emancipação seja reunida e mordaz e se entenda do Amazonas ao

Prata, todavia, estão completamente desbravadas as barreiras insuperáveis que antepunha ao seu primeiro passo.

É verdade atravessamos uma fase bem difícil e carecedora de grande energia e atividade, mas temos a quase certeza de que em breve poderemos ver restituídos os nossos direitos, que tão cruelmente foram conspurcados

Os escravos tiveram seu dia, nós também teremos o nosso!...

E não se poderá negar à mulher, que tanto concorreu e que foi até um fator necessário, para solução daquela causa, aliás tão justa e tão santa, os direitos que são inerentes a todo ser humano!

O homem mais tarde há de ver inevitavelmente surgir diante de seus olhos um farol, que iluminará o caminho a fim de que ele não continue a proceder injusta e desacertadamente como até hoje.

O próprio espírito do tempo que tanto poder exerce sobre o estado evolutivo de um país, e que, não teme urzes e espinhos em seu valente caminhar, disso se encarregará. É preciso que os legisladores sejam bem coerentes.

Do mesmo modo, porque a mulher é responsável perante a lei penal e os códigos das nações consideram-na tão responsável quanto o homem, sujeitando-a aos mesmos castigos, e, sendo nesse caso a sua posição igual à do homem, não tendo em vista o Direito Crimi-

nal a fragilidade ao seu sexo, assim também ela não deve ser inibida de toda e qualquer liberdade, para entrar no exercício de todas as funções, que lhes deverão assistir, intervindo nos negócios Políticos — Sociais, concernentes aos engrandecimentos de seu país.

Se a fraqueza da mulher, não a garante de ser equiparada ao homem, nos casos em que justamente deveria ser apreciada, como é, que somente é entendida quando se trata de fatos que dizem respeito a seus direitos civis?

Pois se compreende uma legislação tão incongruente?

Insistamos.

Se a mulher é julgada incapaz, por sua fragilidade como o afirmam as leis civis que nos regem, com muito mais razão deveria ela ser menos responsável perante o direito criminal, visto como, um ser tão débil como chamam a mulher, não pode sofrer uma pena igual a imposta ao sexo forte.

Onde está a coerência?

Uma lei negar-lhe a imputabilidade jurídica. (Dir. Civil) ao passo que outra (Dir. Criminal) a consagra...

Pobres legisladores que nem sabem o que dizem!...

Deixando, porém, de parte essa série de argumentos, cuja magnitude é palpável *prima facie*, comprovamos o que acima dissemos sobre o impulso tomado pela questão da Emancipação Feminil.

Vamos aos fatos.

Em alguns dos números de jornais procedentes do Estado do Espírito Santo, lemos com o ardor do entusiasmo que nos arrebatava a alma, a notícia animadora de estar ali (naquela grandiosa porção de terra iluminada pelos mais vivificantes raios do sol da civilização, que de perto se derramam) de formando um Partido Feminino, cuja pujança e heroísmo, vinha por iniciativa das próprias senhoras de que é composta a elite social daquele lugar.

Imaginamos as dificuldades que atravessaram essas moças denodadas companheiras de luta, e, só com muito trabalho e uma densidade abnegação à causa simpática a que pertencem, poderão elas conseguir o seu *desideratum*.

Bem encaminha, portanto se vai a questão da Emancipação Feminil, assunto que me prende e me encanta, que me rouba todas as atenções e todos os momentos e é o tema obrigado das minhas sérias elucubrações. Uma infinidade de pensamentos transborda-me do cérebro e a vista do incremento e dos impulsos novos, parece que se tem injetado sangue novo.

É sintoma precípua desse fenômeno a posição de muitos congressistas que mantendo inabaláveis as suas opiniões, tiveram a coragem sublime de propor emendas reconhecendo a capacidade política da mulher.

E agora mais uma fonte inesgotável de venturas nos promete um futuro grandioso.

A incorporação de uma companhia destinada a reorganizar a família, isto é, a criar bases mais sólidas a sua vida, é um fato realmente de elevadíssimo alcance.

Nada é mais esquivo, mais prudente do que o capital brasileiro, que só entra em negociações cujo fundamento seja sólido.

A fundação, portanto, de uma empresa anônima, destinada a aquisição de um periódico, que é o nosso órgão, o nosso reduto, o nosso faro, prova a confiança que a nossa propaganda calma e pacífica vai inspirando as classes conservadoras da sociedade.

A nossas aspirações não é um sonho inconsciente de cérebros escaldados; mas, a representação de uma ideia, nobre, grandiosa e civilizadora.

Convém, pois, que de todos os pontos do Brasil, parta o grito da mulher, pedindo a restituição de seus direitos, a fim de

que os propagandistas não se vejam embaraçadas no seu constante e sublime labutar.

Que cada uma seja um baluarte inexpugnável, conta aqueles que ainda hoje a quiseram privar do direito sagrado de sua emancipação.

Concluindo, convido mais uma vez, não só as minhas caras coestadanas e patrícias: mas, ao sexo em geral, para protestarem solenemente contra a inércia, indiferentismo e desânimo em que até o presente tem vivido a mulher, infelizmente no Brasil.

E a minha colega e companheira de trabalho, Josefina de Azevedo, a quem dedico estas linhas, um apertado abraço de verdadeira fraternidade.

Recife, 9 de maio de 1891

.....
Artigo: Emancipação feminil

Jornal/Revista: A Família

Edição: 1891, nº105, p. 3-4

Autoria: Maria Amélia de Queirós

Transcrição: Victória Zanette

.....

Acesse o texto original [aqui](#), ou utilize seu celular para visualizar pelo QR Code abaixo:



**A EDUCAÇÃO DA
MULHER NO BRASIL**



OPÚSCULO HUMANITÁRIO/A EDUCAÇÃO DA MULHER NO BRASIL

Nísia Floresta (Fragmentos selecionados)

I. [Introdução]



nquanto pelo velho e novo mundo vai ressoando o brado de “emancipação da mulher”, nossa débil voz se levanta, na capital do império de Santa Cruz, clamando “educação às mulheres”!

Povos do Brasil, que vos dizeis civilizados! Governo, que vos dizeis liberal! Onde está a doação mais importante dessa civilização, desse liberalismo?

Em todos os tempos e em todas as nações do mundo, a educação da mulher foi sempre uma das mais salientes características da civilização dos povos. Na Ásia, esse berço maravilhoso do gênero humano e da filosofia, a mulher foi sempre considerada como um instrumento do prazer material do homem, ou como sua mais submissa escrava: assim, os seus povos, mesmo aqueles que atingiram o mais alto grau da glória, tais como os Babilônios, ostentando aos olhos das antigas gerações suas admiráveis muralhas, seus suspensos e soberbos jardins, suas colunatas de pórfiro, seus templos de jaspe,

.....

8. Débora foi juíza e profetisa. No contexto da opressão das tribos separadas de Israel pelo rei Jabim de Hazor, organizou um movimento de resistência que saiu vencedor.

.....

9. Semíramis era uma princesa da Assíria que ocupava uma posição de influência e que guerreou contra os medos indo-germânicos e os caldeus.

.....

10. Judite foi uma heroína que matou Holofernes, o general de Nabucodonosor, salvando Jerusalém e seus habitantes.

com zimbórios de pedras preciosas elevando-se às nuvens, obras que até hoje não tem podido ser imitadas; esses povos tão poderosos, dizemos, permaneceram sempre em profunda ignorância dessa civilização, que só podia ser transmitida ao mundo pela emancipação da mulher, não conforme o filosofismo dos socialistas, mas como a compreendeu a sabedoria Divina, elevando até a si a mulher, quando encarnou em seu seio o Redentor do mundo.

As Déboras⁸, as Semíramis⁹, as Judites¹⁰ se mostraram em balde, atestando aquela a graça de que a tocara Deus, permitindo-lhe revelar aos homens alguns de seus mistérios; estas, uma razão esclarecida, uma coragem rara, que provavam já então não ser a mulher somente destinada a guardar os rebanhos, a preparar a comida e a dar à luz à sua posteridade. [...]

XVII. [AS TREVAS DA IGNORÂNCIA OBSCURECEM A INTELIGÊNCIA]



tempo de voltarmos ao nosso caro Brasil, cujo interesse inspirou-nos este trabalho, e repetir a exclamação com que começámos este opúsculo.

Povos do Brasil, que vos dizeis civilizados!
Governo, que vos dizeis liberal! Onde está a doação mais importante dessa civilização, desse liberalismo?

Temos já transposto metade do século XIX, século marcado pelo Eterno para nele revelar ao homem estupendos segredos da ciência tendentes a aplainar as grandes dificuldades, que se opõe à universalidade do aperfeiçoamento das ideias, em ordem a fraternizar todos os povos da terra.

Temos testemunhado o empenho dos homens pensadores das nações cultas em harmonizar a educação da mulher com o grandioso porvir, que se prepara à humanidade!

Nada porém, ou quase nada, temos visto fazer-se para remover os obstáculos que retardam os progressos da educação das nossas mulheres afim de que elas possam vencer as trevas que lhes obscurecem a inteligência e conhecer as doçuras infinitas da vida



intelectual, a que tem direito as mulheres de uma nação livre e civilizada.

Deus depôs no coração da Brasileira o gérmen de todas as virtudes; vejamos o impulso, que o governo e os homens da nossa nação tem dado a este gérmen precioso; como tem eles cultivado e feito desabrochar as flores, madurar os frutos, que se deve esperar de uma planta de abundante seiva, sob os cuidados de um hábil e sábio horticultor.

XVIII. [A EDUCAÇÃO DA MULHER NO BRASIL]



ão ignoramos que imos encetar uma matéria tanto mais difícil, quanto leremos de ferir prejuízos inveterados e o mal-entendido amor próprio d'aqueles que julgam as coisas em muito bom estado, só porque tal era a opinião

de seus antepassados; mas o desejo ardente, que nos cala n'alma, de ver o nosso país colocado a par das nações progressistas, nos impõe a obrigação de franca e imparcialmente analisar a educação da mulher no Brasil, esperando excitar, com o nosso exemplo, penas mais hábeis que a nossa, a escreverem sobre um assumpto que infelizmente tão desprezado tem sido entre nós.

Aqueles que escrevem tão somente pelo bem da humanidade, que não por orgulho, ou pela triste vaidade de fazerem-se um nome, ainda mesmo nos países onde um nome literário tem pátria e glória, não cogitam do juízo parcial dos que limitam os interesses da humanidade no mesquinho círculo de seus interesses pessoais.

Não nos embala a vã pretensão de operar uma reforma de espírito de nosso país; por demais sabemos, que muitos anos, séculos talvez! serão precisos para desarraigar herdados preconceitos, a fim de que uma tal metamorfose se opere. Esperamos somente, que os zelosos operários do grande edifício da civilização, em nossa terra, atentem para os exemplos que a história apresenta, do quanto é essencial aos povos, para firmarem a sua verdadeira felicidade, o associarem a mulher a esse importante trabalho.

A esperança de que, nas gerações futuras do Brasil, ela assumirá a posição que lhe compete, nos pôde somente consolar de sua sorte presente. Entretanto sigamos o exemplo do pobre e corajoso

explorador de nossas virgens florestas, exposto aqui e ali à mordedura de venenosos répteis, para rotar um campo, que outros terão de semear e colher-Ihes os saborosos frutos... Felizes seríamos nós se pudéssemos conseguir o primeiro resultado desse trabalho, que muito nos lisonjearíamos de oferecer às nossas conterrâneas, como penhor do verdadeiro interesse, que elas nos inspiram.

XIX. [EDUCAÇÃO DA MULHER COMO DETERMINANTE PARA ÉTICA/MORAL NA VIDA EM SOCIEDADE]



ais de um moralista tem estabelecido o princípio que julgamos ter já demonstrado, isto é: que a educação da mulher muita influência tem sobre a moralidade dos povos, o que é ela o característico mais saliente de sua civilização.

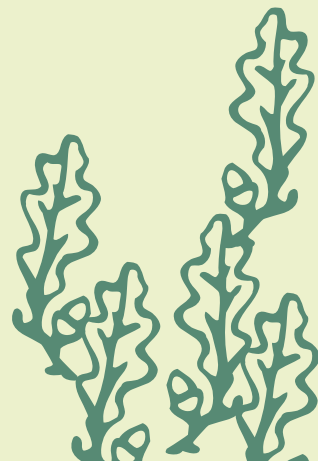
Isto posto, indaguemos, à vista do estado atual da educação das nossas Brasileiras, quais os meios, que se tem empregado, há mais de três séculos, para promover o seu desenvolvimento em ordem a conseguir os resultados felizes que dela se deve esperar, quando dirigida por instituições sábias e liberais.

Retiremos por agora os olhos das tristes páginas de nossa história, concernentes à situação da mulher indígena, depois que o farol do cristianismo veio esclarecer esta mais deliciosa porção do novo mundo. Nós a analisaremos em lugar competente e com o coração profundamente compenetrado da sua sorte!

Tratemos primeiramente das mulheres a quem os homens da civilização, entre nós, denominam brasileiras; isto é, as mulheres não indígenas, que nascem de famílias livres, ou aquelas que a bondade dos pais resgata, na pia baptismal, do triste selo da escravidão!

Não é na história de nossa terra que iremos estudar a situação de nossas mulheres porque infelizmente os poucos homens, que têm escrito apenas esboços dela, não as acharam dignas de ocupar algumas páginas de seus livros.

Assim, recorreremos aos viajantes estrangeiros, que consagraram alguns de seus escritos à narração, por vezes alterada, do caráter e costumes das Brasileiras, para tratarmos delas nas províncias, em que não temos nós mesmo viajado, e sido testemunhas oculares da maneira por que é dirigida ali a sua educação. [...]



XXV. [AÇOITE E PALMATÓRIA]



s escolas de ensino primário tinham mais o aspecto de casas penitenciárias do que de casas de educação. O método da palmatória e da vara era geralmente adoptado como o melhor incentivo para o desenvolvimento da inteligência!

Não era raro ver nessas escolas o bárbaro uso de estender o menino, que não havia bem cumprido os seus deveres escolares, em um banco, e aplicarem-lhe o vergonhoso castigo do açoite!

Se as meninas, que em muitos desses repugnantes estabelecimentos eram admitidas de comum com o outro sexo, ficavam isentas dessa sorte de barbaria. Entretanto, não deixavam de presenciá-la, por vezes, e de receber uma impressão desfavorável, que muito concorria para enervar-lhes a delicadeza e a modéstia, que de outra sorte dirigidas, dão tanto realce às qualidades naturais da mulher.

A palmatória era o castigo menos afrontoso reservado às meninas por mulheres, em grande parte, grosseiras, que faziam uso de palavras indecorosas, lançando-as ao rosto das discípulas, onde às vezes ousavam imprimir a mão, sem nenhum respeito para com a decência, nem o menor acatamento ao importante magistério, que exerciam sem compreender.

O sistema inquisitorial das torturas infringidas às inocentes vítimas do *Santo Ofício*, que sob outra forma e com diverso fim transpusera o Atlântico, presidia o ensino da mocidade Brasileira, ministrado por severos jesuítas ou por mestres charlatões, cujo mérito consistia em saber soletrar alguns clássicos portugueses e assassinar pacificamente Salústio, Tito Lívio, Virgílio e Horácio!¹¹

Essa inaudita e brutal severidade era sancionada por um grande número de pais cuja educação tinha sido assim feita e cujo rigor doméstico não era menos cruel.

Com algumas modificações, continuou infelizmente este regime muito tempo depois. Pais e filhos estavam ainda por educar, como se vê nesta observação do Conde dos Arcos a um mestre d'escola da Bahia, que se lamentava do pouco resultado de seus grandes esforços para bem dirigir a educação de seus discípulos: “Será preciso primeiramente educar os pais, para que se possa conseguir a boa educação dos filhos”.

.....

11. Salústio, Tito Lívio, Virgílio e Horácio foram escritores e poetas clássicos da literatura latina. A escritora nos informa nesse trecho que a educação feminina não era tão completa quanto a masculina, já que as mulheres, em seus anos básicos, não tinham conhecimento sobre esses autores considerados de extrema importância à época. N.E.



Não deixaremos, entretanto, passar esta observação, posto que é justa, sem que acrescentemos outra, e essa vem a ser: que não era a um filho do país – a quem o Brasil deve todos os seus erros e prejuízos – que cabia censurar uma falta dele precedente e tão geralmente nele cometida.

Ademais, o célebre introdutor das primeiras comissões militares no Brasil, digno sectário da doutrina de Hobbes – que pretende ser o despotismo ordenado pela religião – não devia censurar a falta de uma educação esclarecida sem a qual, mais facilmente, os homens se submetem ao absolutismo de seus governantes?

XXVI. [CONCEPÇÕES ERRADAS SOBRE A EDUCAÇÃO DA MULHER]



quanto mais ignorante é um povo, tanto mais fácil é para um governo absoluto exercer sobre ele o seu ilimitado poder.

É partindo deste princípio, tão contrário à marcha progressiva da civilização, que a maior parte dos homens se opõe a que se facilite à mulher os meios de cultivar o seu espírito. Porém, é este um erro, que foi e será sempre

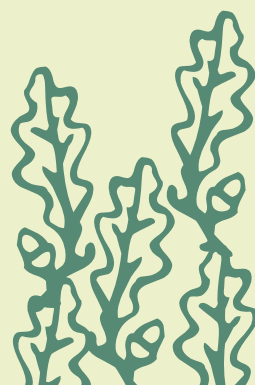
funesto à prosperidade das nações, como à ventura doméstica do homem.

O país, onde o soberano é mais absoluto, é justamente aquele em que o seu poder está menos seguro. É esta a ideia do próprio Fénelon, depois de ter apoiado a aristocracia.

A força não pode nunca persuadir, mas sim fazer hipócritas.

Assim como um governo paternal é o mais próprio a fazer a felicidade dos povos e a inteligência destes devidamente cultivada o melhor incentivo para o exato cumprimento de seus deveres, assim também a educação moral é o guia mais seguro da mulher, a estrela polar que lhe indica o norte, no frágil batel em que ela tem de navegar por esse mar semeado de abrolhos, a que se chama vida.

A falta de uma boa educação é a causa capital, que contribui para que a mulher, no meio da corrupção da sociedade, perca esse norte, o qual não é outro senão a moral.



Procurando-se sempre prender-lhe a inteligência e enfraquecer-lhe os sentidos, inabilitam-na para ocupar-se, como um dever, antes de tudo, do cuidado de purificar o seu coração, o que nunca poderá ela vantajosamente conseguir se a sua inteligência permanecer sem cultura.

Bem diversas desta doutrina são as de Rousseau e Gregori, quando lhe aconselham cultivar o gosto pelos adornos (que ambos pretendem ser natural às mulheres) e embelecer os dotes do corpo, tirando da beleza física e do artifício os meios para subjugar os homens.

Todos os que têm escrito sobre a educação da mulher, pregando tão errôneas doutrinas e considerando-a sob ponto de vista puramente material, não têm feito nada mais do que tirar-lhe toda a dignidade de sua natureza.

Mulheres assim educadas seriam próprias para fazer as delícias de qualquer epicurista em um harém; mas cremos que nenhuma de nossas Brasileiras amará semelhante existência, a não ser a que é indigna de outra melhor. Qual é aí o homem razoável e honesto, que se contente de uma esposa, que prefere passar no seio dos prazeres do mundo entregue às futilidades de uma vida de dissipação e indolência, antes que no empenho constante de restabelecer seu direito aos gozos razoáveis e

de ilustrar-se pela pratica das virtudes, que honram a espécie humana e contribuem para a felicidade?



XXVII. [A FRAGILIDADE FÍSICA FEMININA É COMPENSADA PELA INTELIGÊNCIA]



mulher é como o homem, conforme se exprime o sublime Platão, uma alma servindo-se de um corpo.

É um absurdo pois, uma profanação mesmo, pretender-se que essa alma, obra prima do Criador para o seio do qual tem de voltar, consagre o corpo, que anima na rápida passagem desta vida, unicamente a fúteis adornos, a graças factícias, para deleitar as horas de ócio de uma criatura sua igual, que vemos ceder mais ao império dos sentidos, que ao da razão.

Todos esses princípios subversivos, espalhados com tanta profusão por penas mais ou menos hábeis de pretendidos melhoradores da educação da mulher, confirmando o antiquado e funesto prejuízo, segundo o qual ela deve somente aspirar ao império das graças exteriores, só tem feito com que se aumente o número, já tão considerável de escravas, procurando iludir despóticos ou fanáticos senhores afim de haverem, pela fraude, um cetro que elas deveriam conquistar pela razão, se lhes deixassem a liberdade de aperfeiçoarem as suas faculdades morais.

A fraqueza física é um dos pretextos, de que se prevalecem certos sofistas para subtraírem a mulher do estudo, para o qual a julgam imprópria. Não é a natureza física, como pretende Helvécio, que faz a superioridade do homem, mas sim a inteligência. Voltaire, Racine, Pascal e outros muitos, de uma compleição demasiadamente delicada, comprovam esta verdade. E a inteligência, que não tem sexo, pode ser igualmente superior na mulher, salvo a opinião de alguns materialistas cujo espírito fraco identificou-se, permita-se-nos a expressão, com o escalpelo afeito a revelar-lhes a organização animal, mas sem inspirar-lhes os sublimes pensamentos de Duvernei, Schoenlein, Orfila e do eloquente Serres, quando na indagação dessa nobre ciência que reclamam as dores físicas da hu-

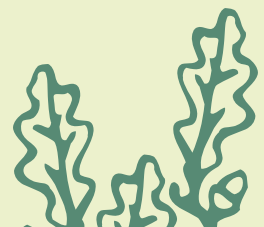
manidade, eles enlevam a alma de seus admiradores por suas filosóficas considerações.

Se a natureza deu à mulher um corpo menos robusto que ao homem, não tem ela por isso mesmo mais precisão do exercício de suas faculdades intelectuais, para que possa melhor preencher os deveres de filha, esposa e mãe, sem descer ao artifício?

Porém um erro ainda mais funesto vem, adornado dos atrativos que podem melhor lisonjear os sentidos e triunfar da razão, sobrestar os progressos da educação do sexo. Trata-se do axioma ridículo, segundo o qual a fraqueza constitui um de seus primeiros encantos!

“A fraqueza pode excitar e lisonjear o arrogante orgulho do homem, diz uma célebre escritora inglesa, mas as carícias de um senhor, de um protetor, não satisfarão uma alma generosa, que quer e merece respeito”.

Não, por certo. E o homem delicado e justo, compreendendo devidamente esse respeito, sabe tributá-lo à energia da razão que combate e não à fraqueza que se humilha. [...]

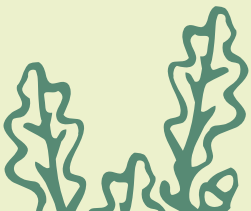


XXVIII. [ARTIFÍCIOS DA BELEZA VS. INTELIGÊNCIA]



repelindo com profunda indignação o princípio daqueles que apresentam a mulher naturalmente inclinada a fixar a atenção do homem pelas graças exteriores, incapaz de reflexão e apta somente para lhe oferecer agradáveis passatempos, fazemos justiça à maioria dos nossos conterrâneos para pensar, que não eles, mas somente os libertinos podem assim agredir os domínios da razão, e profanar a dignidade da virtude. Destes temos piedade, porque passam por esta transitória vida envolvidos na densa atmosfera das paixões sensuais, sem que os seus olhos jamais descortinem o radiante sol da verdade.

Se todos os homens, porém, tivessem o espírito justo, como pensa Helvécio, veríamos nós, todos os dias, o grande edifício social ameaçado aqui e ali de desabar sobre os seus mais bem fundados alicerces? Se assim fosse, qual teria sido o fim de Aristóteles, dando-se ao trabalho de compor sua *Lógica*, tão preciosa e tão útil ao esclarecimento das ideias e à perfectibilidade da razão? E para que, ainda, precisariam os homens do estudo da filosofia, que, infelizmente, tão poucos aprofundam e praticam?



Não compartilhando a doutrina de Helvécio sobre a igualdade da inteligência em todos os homens, sabemos que todas as mulheres não podem ser igualmente instruídas, ainda mesmo quando a todas se proporcionasse os meios de cultivar o seu espírito: o que pretendemos é possível, justo e de rigorosa necessidade, isto é: que todas sejam bem-educadas, em suas respectivas situações.

A nossa digressão parecerá talvez longa, mas não é estranha ao objeto que nos ocupa. Tomemos, pois, o fio de nossa análise sobre a educação de nossas mulheres e, transpondo os tempos coloniais, falemos primeiramente de um grande extraordinário acontecimento, que veio mudar a categoria do Brasil, mas não a sorte de suas mulheres. [...]

XXXV. [REFORMAS NAS ESCOLAS E EDUCAÇÃO DAS MENINAS]



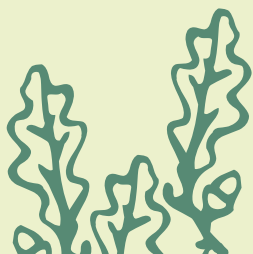
m todos os pontos do Brasil, qualquer homem ou mulher que saiba ler - embora não seja no português classicamente belo de A. Herculano - e que tem meios de montar uma casa de educação, logo, julga-se habilitado a arrogar

o título de diretor de colégio, caricaturando o que na Europa ilustrada assim se denomina. Em regra, nenhum exame se exige desses educadores da juventude, que terá de fazer um dia a glória do nosso país. Eles ensinam pelos compêndios que querem; instituem doutrinas à sua guisa. O pedante goza das mesmas garantias, e quase sempre de maiores vantagens, que as inteligências superiores.

Seria difícil explicar vantajosamente a negligência com que um governo ilustrado deixa praticar assim abusos, que tanto se opõem à nossa futura prosperidade. Enquanto vemos os nossos legisladores debaterem meses e anos sobre diversos melhoramentos do país, uma única voz não se levanta enérgica do meio dessa ilustrada corporação para reclamar sérias medidas tendentes à reforma da educação da nossa mocidade!

Sempre que brilha um novo dia e que nos bate à porta o *Jornal*, apoderamo-nos com solícitude dessa folha e avidamente percorremos a sessão das Câmaras do dia antecedente à procura do assunto que temos escrito no coração e no espírito — a educação da mulher Brasileira — e dobramos a folha desconsolados, aguardamos o dia seguinte, que se escoia na mesma expectativa, no mesmo desengano!

Tem-se tratado de muitas coisas, menos disso; disso que merece incontestavelmente a mais circunspeta atenção dos homens pensadores.



Um dia raiará mais propício para nós, em que os escolhidos da nação Brasileira se dignem de achar a educação da mulher um objeto importante para dele ocuparem-se, com a circunspeção que merece.

Entretanto lancemos os olhos para o que se acha atualmente feito pelo governo em favor do ensino primário das nossas meninas. [...]

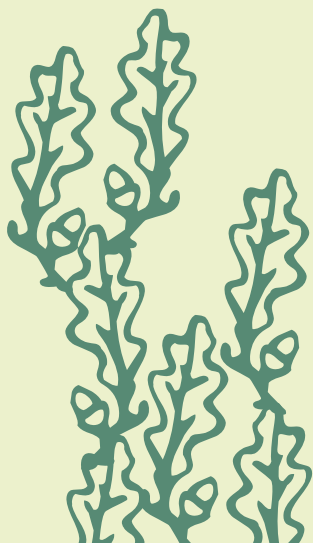
XL. [EDUCAÇÃO PÚBLICA E EDUCAÇÃO PARTICULAR NA VIDA DAS MULHERES]



empre divergimos dos que preferem a educação pública à particular, para as meninas principalmente. Não desconhecemos a vantagem da tão preconizada emulação das classes como incentivo necessário aos progressos dos estudos. Entretanto, como pouca diferença haja, aparentemente, da emulação à inveja e mais pouca atenção ainda se tenha em fazer os discípulos discriminarem aquela virtude deste vicio, muitas vezes confundidos em certos espíritos, não quiséramos expor às nossas meninas às fatais consequências de uma paixão, que tem por mais de uma vez funestado a existência da mulher.

Poucas diretoras sabem inspirar a emulação a suas alunas, conduzindo-as com esclarecida prudência pelo declive perigoso das raias da inveja, de sorte a garanti-las de resvalarem em seus funestos domínios. Porém, mais poucas são ainda as discípulas capazes de compenetrar-se da utilidade de uma e das tristes consequências da outra, sujeitas como elas se acham às duas tão opostas atmosferas em que respiram — a família e o colégio.

A emulação, diz um escritor moralista, é uma paixão nobre e generosa, que só tem por objeto a virtude. Assim, não tende ela a rebaixar os outros, nem a desmerecê-los. Sem querer que sejam menos estimáveis, exprobra-nos o intervalo que media entre eles e nós. Se é susceptível de mal humor, falo-nos sentir somente, sem rancor aos que nos excedem. A inveja, pelo contrário, é uma paixão baixa e ignóbil, que por seu amargor corrompe a virtude: desejando manchar o lustre das boas ações com um sopro peçonhento, a inveja aspira subir para ver os outros inferiores. A primeira é uma filha do céu e um resto da grandeza para



que nascera o homem; a outra, um fruto do inferno e do demônio, que se perdeu a si por ela, servindo-se desse veneno contagioso para perder o primeiro homem.

E, pois, como além de temermos esta arriscada alternativa estamos intimamente convencidos de que nenhuma diretora poderá fazer de nossa filha aquilo que nós poderíamos conseguir fazer, decidimo-nos pela educação feita, sob o teto paternal, pelas mães em condições apropriadas. Para o que desejaríamos proporcionar a todas conhecimentos, aptidão e gosto para preencherem elas mesmas, como deviam, a honrosa e sublime missão de preceptoras de suas filhas.

Uma mãe bem-educada e suficientemente instruída para dirigir a educação de sua filha obterá sempre maiores vantagens, aplicando-se com terna solicitude a inspirar-lhe como emulação o sentimento da própria dignidade, que qualquer diretora não conseguiria obter de suas educandas.

Para provar esta asserção, bastaria a experiência de duas meninas, de idênticos recursos intelectuais, submetidas, uma aos cuidados de sua mãe, mulher de bons costumes e nas condições que acima apontamos, dando-se a possibilidade de conservá-la sempre sob suas vistas; outra sob a direção de uma preceptora (supomos também com iguais habilitações), de

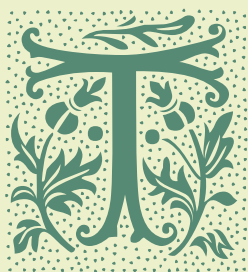
comum com grande número de companheiras, imitando ou sobressaindo a todas na aplicação aos estudos. Aos 18 anos, estas duas jovens poderão ser perfeitamente instruídas, mas não igualmente educadas e possuindo o mesmo grau de simplicidade. A primeira será a esquisita delicada flor da estufa, desabrochando as lindas pétalas de uma corola não tocada por impuros insetos, esparzindo o precioso aroma da inocência e da candura; a segunda, a flor dos jardins, exposta ao contato de malignos insetos, e às variações súbitas da atmosfera, que lhe tiram por vezes o aroma, quando ela conserva ainda o brilhantismo de suas cores.

Uma tal experiência seria, porém, quase impossível fazer-se entre o povo, em que a mulher não é ainda o que deve ser — a primeira educadora de seus filhos, a mais útil amiga do homem.

Enquanto pois ela não atingir esse estado em que esperamos vê-la um dia colocada, é de vigorosa necessidade para os pais recorrerem aos colégios cujas diretoras sejam reconhecidas por seu zelo e dedicação ao ensino. Ali, ao menos a menina gozará de duas vantagens: a de seguir os estudos em horas para isso reguladas e a de não se achar tão em contato com os escravos, cláusula essencialmente necessária para o bom resultado da educação.

Já que tocamos em uma das causas capitais da pouca morigeração de nossa mocidade desenvolvamo-la prontamente, com o laconismo a que nos obriga o título deste escrito. [...]

XLII. [ES CRAVIDÃO]



Todo o serviço do interior das famílias sendo feito entre nós por escravos, a menina acha-se desde a primeira infância cercada de outras tantas perniciosas lições, quantas são as ocasiões em que observa os gestos, as palavras e os atos dessa infeliz raça, desmoralizada pelo cativo, e condenada à educação do chicote!...

Sua nascente sensibilidade se habitua gradualmente a esse espetáculo afligido, repetido quase diariamente à sua vista; não é raro ver ela (com horror o dizemos) infringir o mais cruel tratamento à própria ama que a amamentou, a qual é alguma vez indiferentemente vendida ou alugada como um fardo inútil, apenas acaba de ser-lhe necessária!

Esta revoltante ingratidão é um dos mais detestáveis exemplos dados à menina, que tendo um dia de ser mãe, o transmite por seu turno a seus filhos!

De um lado os mais rudes tratamentos do senhor para com o escravo, do outro, a impotência deste em repelir um jugo anticristão, sancionado pela mais tirânica das leis, e a necessidade do artifício para iludir o senhor e atenuar os sofrimentos da escravidão, tais são os quadros constantemente apresentados na vida doméstica às crianças, que crescem e se vão pouco a pouco insinuando em diversas perigosas práticas, passando dos aposentos de seus pais aos quartos das escravas, que as pensam.

Assim, aquele embrião de inteligência envolvido na epiderme de uma graça factícia desenvolve-se nas condições mais contrárias ao seu futuro engrandecimento.

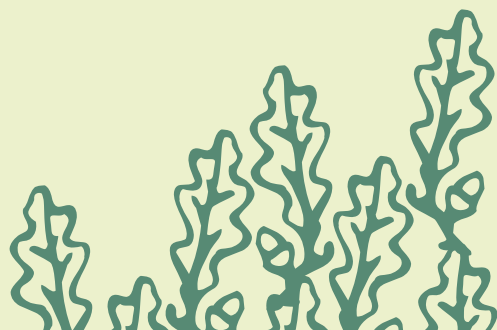
E ninguém atenta para as desfavoráveis impressões que d'esta arte vai a infância recebendo e gravando na cera, que conforme a expressão de Homero, tem-se n'alma, onde se conservam com traços mais ou menos distintos; impressões que semelhante a sutil veneno lhe destroem por vezes as melhores disposições naturais!

Trata-se de embelecer por todos os meios da arte o exterior das nossas meninas, o qual poderíamos comparar à haste ascendente de uma tenra planta. Entretanto que se vai deixando com inqualificável negligência a haste descendente receber de um mal terreno, sem preparação alguma, nutrição viciada que terá de transmitir à planta, em geral, a sua perniciosa influência.

Aos tristes inevitáveis resultados do constante viver dos meninos em contato com escravos reúnem-se outros escolhos não menos funestos à sua educação, sendo um dos mais revoltantes o pouco respeito havido entre nós para com a inocência.

Nada é mais comum no Brasil do que o uso por demais condenável de se falar sem nenhuma reserva perante as crianças. Há mesmo aí quem, pelo simples desejo de um passatempo agradável, as entretêm sobre assuntos que fariam corar a homens bem morigerados em qualquer idade!

Por toda a parte, encontram elas uma ação, um gesto, um riso indiscreto em certas ocorrências que as vão iniciando em tenebrosos conhecimentos, quando o espírito não tem ainda suficiente luz para guia-las nesse tremendo dédalo, nem a alma assaz de energia para repelir insinuações que tanto degradam a espécie humana e tanto horror deviam inspirar aos povos cristãos. [...]



XLVII. [REFORMAR A EDUCAÇÃO PÚBLICA¹² E DOMÉSTICA]



s lições e os esforços do uma ou outra pessoa, desta ou daquela outra família, nada podem contra a generalidade dos princípios e hábitos seguidos

por uma nação inteira.



.....

12. Quando Nísia Floresta fala de educação pública, não faz distinção entre escola financiada pelo estado e escola particular. Para ela, a educação pública ocorre na esfera social e a educação particular no âmbito doméstico, no seio do lar. N.E.

Um ou outro pai conseguirá educar bem seus filhos, mas não estando esta educação no espírito de seu país, eles permanecerão estrangeiros no meio de sua própria sociedade e nada terá o país ganho com estas frações diminuídas da enorme soma dos prejuízos e erros que presidem à educação geral. Para cortar as cabeças sempre renascentes dessa hidra moral, seriam precisos outros tantos Hércules, quantas são as ideias e práticas errôneas do nosso povo.

Enquanto o governo e os pais não reconhecerem o dano de tais práticas e se esforçarem por bani-las inteiramente, em vão, uma ou outra voz se levantará para indicar os meios de um me-

lhoramento, considerado ainda por muitos como utopia.

Mme. Coicy diz que *“C’est la nature du gouvernement de chaque société qu’établit la nature de l’éducation, qui y donne la faiblesse ou la force, les vices ou les vertus.”*¹³

Este princípio é incontestável, mas se na insuficiência de enérgicas medidas do governo para a reforma da nossa educação, apelamos para os pais de família, é porque estamos convencidos de que, em um país onde a escravidão é permitida, deles dependem principalmente os meios de subtraírem seus filhos a grande parte dos inconvenientes, que os prejudicam. Um desses inconvenientes é sem dúvida a instrução superficial, isolada de uma educação severamente moral, que constitui de ordinário a superioridade das nossas meninas de hoje sobre as de outrora.

Desconhecendo-se, ou não se querendo seguir comumente o bom método de educar, vai-se usando com elas pouco mais ou menos daquele com que foram suas mães

.....

13. É a natureza do governo de cada sociedade que estabelece a natureza da educação, dando-lhe a fraqueza ou a força, os vícios e as virtudes. (Tradução própria) N.E.



educadas, acrescentando-se-lhe por vezes certa liberdade mal-entendida e, por estar em moda, o ensino de algumas prendas vedadas outrora ao sexo.

Certo, o que se chama no Brasil, por via de regra, dar boa educação a uma menina? Mandá-la aprender a dançar, não pela utilidade que resulta aos membros de tal exercício, mas pelo gosto de a fazer brilhar nos salões; ler e escrever o português, que apesar de ser o nosso idioma não se tem grande empenho de conhecer cabalmente; falar um pouco o francês, o inglês, sem o menor conhecimento de sua literatura; cantar, tocar piano, muita vez sem gosto, sem estilo, e mesmo sem compreender devidamente a música; simples noções de desenho, geografia e história cujo estudo abandona com os livros ao sair do colégio; alguns trabalhos de tapeçaria, bordados, crochê etc., que possam figurar pelo meio dos objetos de luxo expostos nas salas dos pais afim de granjear fúteis louvores a sua autora.

O desenvolvimento da razão por meio de bons e edificantes exemplos da família; o hábito de raciocinar, que se deve fazer contrair às crianças, ensinando-as a atentarem ao valor das palavras que proferem e ouvem aos outros proferir; discriminar as boas das más ações, excitando-as a imitar aquelas e a reprovar estas; tudo isto se deixa na mais completa negligência: o que há de mais essencial a ensinar ou a corrigir guarda-se para uma idade mais avançada, repetindo-se sempre “ela é tão criança!”

Assim, quando a menina passa da casa paterna para o colégio, leva no espírito o gérmen, algumas vezes tão desenvolvido, de mil pequenos vícios, que impossível, ou muito difícil, é desarraigar.

E quais são aí as educadoras, por mais dignas que sejam de exercer tais funções, que ousem contrariar inteiramente as opiniões e o gosto dos pais a respeito da educação de suas filhas?

Seria exporem-se a ver suas aulas sem auditório e, como já observamos, sendo o magistério em nossa terra, por via de regra, um objeto de especulação, grande cuidado se tem em transigir com os pais de família, embora em detrimento dos alunos.

É partindo desta experiência que tiramos a conclusão de que, no Brasil, não se poderá educar bem a mocidade enquanto o sistema de nossa educação, quer doméstica, quer pública, não for radicalmente reformado. Debalde, tentarão os diretores e mestres que pertencem à exceção da regra enunciada, fazer de seus alunos indivíduos bem morigerados, conspícuos e modestos, se os pais não forem os primeiros em inspirar-lhes estes princípios. Debalde esperarão os pais que tal fizerem, os devidos progressos destes princípios, se os mestres não possuírem as qualidades indispensáveis para preencherem os encargos do magistério.

Será, portanto, da comunhão das boas práticas de uns e de outros, que somente poderão sair homens e mulheres capazes de firmar o renome da nação Brasileira, a qual tão grandemente elevada

pela natureza, tão pequeno espaço tem ainda conquistado no vasto e fértil campo da civilização moderna. [...]

LIX. [AS HEROÍNAS INDÍGENAS]



ocámos, anteriormente, nos indígenas em geral, mas é somente de suas mulheres que queremos falar.

Dignas, por suas virtudes inatas de receberem educação moral e intelectual que as colocassem a par de nossas mulheres civilizadas, as aborígenes do Brasil foram as primeiras vítimas imoladas à licença dos homens da civilização que vieram trazer ao seu país as vantagens da vida europeia.

Companheiras submissas e fiéis a seus maridos, a quem seguiam na guerra e ajudavam com incansável zelo e natural dedicação em diferentes misteres da vida errante, na cabana ou fora dela, sua sorte era preferível à que depois lhes trouxe o cristianismo de seus vencedores, envolvendo-as na atmosfera de seus vícios, ligando-as ao férreo poste da escravidão e vendendo-as, como faziam, com inaudita atrocidade sob o mesmo

céu onde Deus as havia feito nascer com seus irmãos no pleno gozo da liberdade!

Falando-se-lhes de Cristo e dos salutares bens de sua santa religião, desmentia-se em geral pela prática havida com elas e com os seus, as máximas que as tinham chamado ao grêmio da igreja!

Não obstante, porém, essa conduta e a falta absoluta de educação moral, as indígenas fornecem exemplos de virtudes ou de heroísmo, que poderiam ser colocados a par dos que têm apresentado as mulheres civilizadas de todos os tempos e nações com o duplo merecimento de serem tais exemplos promovidos pela espontaneidade, que não pelo cálculo, que preside de ordinário às grandes ações dos povos civilizados.

Quereis ver a mãe na sublime simplicidade do amor materno? Contemplai as indígenas em todas as correrias que eram e são forçadas a fazer, seguindo os maridos através dos bosques, perseguindo ou fugindo do inimigo, sobrecarregadas dos filhinhos, além dos objetos que são obrigadas a levar. Segui-as, entre outras, na grande emigração, aconselhada tão pateticamente pelo seu grande chefe Japiassú/Japiaçu, resignadas a deixarem aos usurpadores de sua pátria todos os bens de que nela gozavam, a fim de subtraírem seus filhos à opressão e ao

opróbrio, que tanto havia já pesado sobre seus pais! Ide vê-las, hoje mesmo, como nós as vimos, nos restos de algumas aldeias, ao Norte e ao Sul do Rio de Janeiro, desenvolverem, no estado intermediário do selvagem e civilizado, ligadas dia e noite a seus filhinhos por mais fortes vínculos de natural afeição, do que muitas mães da nossa sociedade, não deixando-os, como muitas destas, em seio estranho, alguma vez mesmo enfermos, para irem tomar parte nos prazeres do mundo ou satisfazerem uma etiqueta da sociedade.

Quereis ver a esposa terna, previdente, dedicada e fiel? Contemplai a célebre Paraguaçu, captando para o esposo as simpatias e os favores da sua tribo, ajudando-o em sua missão civilizadora e civilizando-se ela mesma para amenizar-lhe os dias, privado como se achava ele das comodidades europeias. Circunspeta e fiel aos seus deveres, quando passou a França e apresentou-se na Corte de Catarina de Médici, que lhe deu seu nome servindo-lhe de madrinha, ela atraiu a admiração de todos, por seu tipo americano, suas graças ingênuas e sua dedicada afeição pelo esposo, com quem voltou à Bahia no mutuo e constante empenho de utilizar aquela nascente colônia.

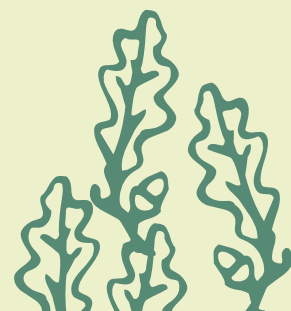
Quereis admirar o amor em toda a sua espontaneidade e na grandeza da abnegação pessoal? Vede Moema. A sensível e infeliz Moema, lançando-se ao mar, seguindo a nado o navio

que lhe levava o homem por quem só prezava a existência e por quem queria morrer, não podendo com ele viver!

Quereis enfim admirar a guerreira em toda a glória das armas? Atentai para a intrépida esposa do celebre Camarão, seguindo à frente de outras as pegadas do esposo, e duplicando-lhe os louros colhidos em tantos combates sobre o famoso solo Pernambucano!

As privações e perigos que ela arrastou nas mais difíceis crises; a coragem e constância que desenvolveu quando as armas do denodado guerreiro indígena faziam com as de Henrique Dias e Vieira, o terror dos aguerridos Batavos, foram muito superiores, pelas circunstâncias em que se achava e pelos combatentes que a rodeavam, as que imortalizaram Joana d’Arc! Elas mereciam por sem dúvida de seus vindouros, se não estátuas, que não sabemos ainda erigir aos nossos gênios, ao menos justos tributos de homenagem, que fizessem corar aqueles que têm propalado a falsa reputação de covardia e inaptidão dessa raça que cooperou para que o Brasil não fosse então arrancado do povo que o havia descoberto!

De tantos triunfos, porém, de tanta dedicação e fidelidade nenhuma glória, nenhum feliz resultado ficou às futuras gerações, que em pouco desaparecerão talvez inteiramente do solo Brasileiro! [...]



LXII. [CONCLUSÃO]



or mais rigorosas que tenham sido as instituições dos povos concernentes à exclusão absoluta da mulher de toda a sorte de governo público, quem há aí que ignore ter ela a maior influência nas ações dos homens e, por conseguinte, nos destinos dos povos?

Desde o último subalterno até o mais alto dos funcionários, são todos mais ou menos, não diremos somente inspirados, mas dirigidos por seu amor, senão por seus caprichos, que têm mais de uma vez desviado da senda de seus deveres os maiores gênios, os caracteres mais abalizados.

Passamos em silêncio o vergonhoso predomínio da mulher sem mérito, na vida privada do homem, para apontar somente aquele que influi em sua vida pública.

Quantas vezes a pena do circunspeto magistrado tem-lhe tremido na mão, firmando uma sentença contra sua consciência, para satisfazer o pedido de uma esposa, que lhe implora justiça pelo réu? Quantas outras, o guerreiro impávido à frente do inimigo da pátria, no campo de batalha, curva o joelho e depõe a espada aos pés de uma mulher amada, se esta exige dele o

sacrifício de sua glória e mais ainda, o de sua honra? E os monarcas, não têm alguns fechado os ouvidos às reclamações de seus súbditos para seguirem os ditames do coração, que lhes fala por um desses seres destinados a abaterem o orgulho do homem curvando-o à sua vontade?

Se pois, apesar do quanto se tem dito e se continuará a dizer, da fragilidade da mulher e da preeminência da razão do homem, este dobra quase sempre essa razão ao amor daquela, arbitro de suas ações; quem mais do que a mulher precisa de urna boa educação, correspondente às condições em que se acha colocada? Quem mais do que ela deve esclarecer o seu espírito de sorte a não abusar do império, que exerce sobre o homem, e dirigir este à sua própria ventura e ao bem da humanidade?

A vós, pais de família, a vós cumpre remediar os erros das gerações extintas! Educai vossas-filhas nos sólidos princípios da moral, baseada no perfeito conhecimento de nossa santa religião, no exemplo de vossas virtudes quer domésticas, quer cívicas. Em vez da leitura de inflamantes e perigosos romances, que imprudentemente lhes deixais livre, fornecei-lhes bons, escolhidos livros de moral e de filosofia religiosa, que formem o seu espírito, esclareçam e fortifiquem sua razão. A história, principalmente a de nossa terra, de que bem poucas se ocupam, é um estudo útil

e agradável, mais digno de ocupar as suas horas vagas, que certos contos de mal gosto inventados pela superstição ou fanatismo ignorantes para recrear a mocidade sem espírito. Fazei-lhes compreender desde a infância, que a mulher não foi criada para ser a boneca dos salões, a mitológica-ridícula divindade, a cujos pés queimam falso incenso os desvairados adeptos do cristianismo. Inspirai-lhes o sentimento de sua própria dignidade e a firme resolução de mantê-la intata e vantajosamente por ações dignas da mulher, dignas da cristã, dignas da humanidade.

Bani de seu espírito os errôneos preconceitos que por aí vogam a respeito da fraqueza do sexo, fazendo-as penetrar-se desta verdade Evangélica — a fraqueza escudada nas virtudes cristãs será sempre invencível.

Pais, governo, povos do Brasil! Elevai os olhos para esse esplêndido firmamento, que se estende variando constantemente de mil encantadoras cores por sobre as nossas cabeças; volvei-os depois para essa perene pomposa vegetação, incansável de expandir a vossos pés seus ricos tesouros, esperando da vossa mão direção mais digna dela. Contemplai todos esses prodigiosos dons da Providência, desdobrados a olhos indiferentes! e recolhei-vos depois em vossos pensamentos e meditai...

Não vos diz a consciência que a mulher nascida nesta vigorosa terra superabundante de magnificências naturais, respirando sob um céu radiante, no meio da poesia de tão admirável natureza, não se pode limitar ao papel que tem até hoje representado? Não sentis que a sua missão nesta parte da América civilizada, tão baldia ainda de instituições caridosas, não deve ser a de recolher factícios triunfos tributados à matéria, quando o seu espírito pode e deve pretender a elevar-se a mais dignas e nobres aspirações promovendo na terra o bem do seu semelhante?

A Providência, colocando-vos tão vantajosamente, pareceu chamar-vos a comandar um dia os destinos de toda a América do Sul, assim como aos filhos da União os de toda a América do Norte.

Eia! Se com mais rico solo do que o dos Estados-Unidos, faltou-vos a mola principal - a educação - para a par deles marchardes,



preparai-vos ao menos a satisfazer dignamente a parte essencial da grande missão que vos fora destinada.

Educai, para isso, a mulher e com ela marchai avante, na imensa via do progresso, à glória que leva o renome dos povos à mais remota posteridade!

.....

Artigo: Opúsculo humanitário (fragmentos)

Jornal/Revista: Textos publicados em livro a partir de textos publicados em jornais.

Edição: Diário do Rio de Janeiro, 1853, O liberal de 07/07/1853 a 21/05/1854.

Autoria: Nísia Augusta Brasileira Floresta

Transcrição: Emília Mendes

.....

Acesse o texto original *Diário do Rio de Janeiro* [aqui](#), ou utilize seu celular para visualizar pelo *QR Code* abaixo:



A MINHAS PATRÍCIAS



mulher, pertencente ao sexo frágil; como é denominado pela onipotência do homem, é um móvel, um brinquedo que o capricho de qualquer estoico coloca no canto de casa ou atira barbaramente à última escala social!

Vedada da instrução, que a perspicácia masculina tem julgado incompatível com o sexo, inconsciente de seus direitos ela, qual cordeiro humilde, deixa subjugar-se e esmagar-se pela manopla de ferro de qualquer bárbaro.

É tempo de olharmos atentamente para a nossa situação.

Que papel representa a mulher na sociedade?

Quando filha, quando mãe, esposa ou viúva, sempre, sempre manietada, oprimida e dominada desde o primeiro até o último homem.

A mulher dotada com as mesmas faculdades do homem, com a inteligência e a razão abertas a receber o cultivo das letras, das artes e das ciências, para ser útil à pátria e desempenhar a sua missão na sociedade, a maior e a mais santa missão da humanidade que toda depende da — mãe de família — deve chamar a si os foros que não pode negar-lhe uma sociedade culta.

Instrução para o sexo feminino minhas caras patrícias! Não cessemos de pugnar e clamar até que completamente consigamos este *desideratum*.

Com a instrução conseguiremos tudo, e quebraremos ainda as cadeias que desde séculos de remoto obscurantismo nos roxeiam os pulsos e aviltam a própria dignidade.

Quando os olhos do espírito culto de todas as mulheres virem as injustiças, o cruel domínio e a postergação de direitos de que somos vítimas, então o nosso triunfo será completo, porque formaremos uma cruzada que tudo vencerá.

Principiemos a reagir contra o despotismo do homem, e o primeiro passo seja este, habituando-nos a vir à imprensa exprimir os nossos pensamentos.

Ao ver despontar o primeiro órgão de nosso sexo no seio desta cidade, transborda-me o espírito de júbilo, porque é o primeiro raio de luz que reflete em nossa sociedade de trevas; é o primeiro recinto onde as jovens devem habituar-se a esgrimir as armas da inteligência, que para o futuro lhes deve ornar as frentes de tantos louros.

Pela discussão persuadiremos, e conquistando palmo a palmo o terreno que nos hão roubado, seremos um dia independentes e felizes.

O hino da vitória será nosso.

Avante pois.

.....
15. Autoria
atribuída. N.E.

.....
Artigo: Emancipação da mulher

Jornal/Revista: O Sexo Feminino

Edição:1873, nº 02, p. 02

Autoria: Francisca Senhorinha da Motta Diniz¹⁵

Transcrição: Rafaella Rodinistzky

.....
Acesse o texto original [aqui](#), ou
utilize seu celular para visualizar
pelo QR Code abaixo:

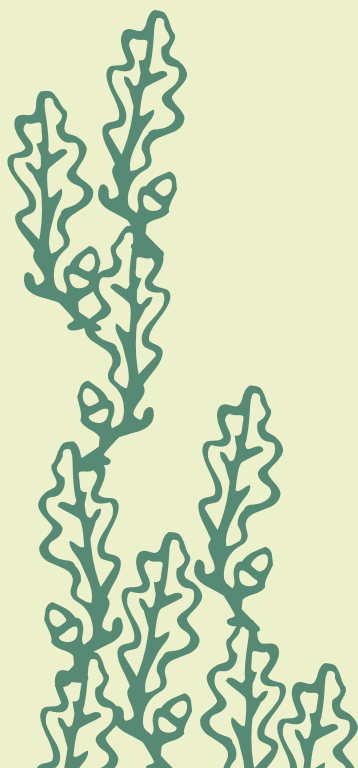


EMANCIPAÇÃO DA MULHER



á circula por aí o primeiro número do *Sexo Feminino* periódico que se dedica à defesa dos direitos da mulher. A esta hora tem ele transposto montes e serras para penetrar nessas cidades ruidosas, nesses centros de luzes, onde não faltam talentos para fazerem irradiar por todos os lados os frutos de uma civilização apurada — de uma educação esmerada — e de uma instrução variegada.

O *Sexo Feminino* ergue-se modesto no vasto mundo da imprensa: está animado de bons desejos para conviver, e corresponder-se com os demais periódicos, com os quais deseja entreter relações amistosas, máxime com aqueles que não deixam de propugnar pelos interesses da mulher, cujos direitos tem até o presente sido tão descuidosamente tratados pelo nosso governo, que parece temer alguma revolução resultante da instrução, educação e emancipação da mulher.



A revolução da sabedoria sufoca-se facilmente com a mesma ciência; aplique-se-lhe a lei dos semelhantes.

Nos combates da inteligência não jorra o sangue que se vê nessas batalhas físicas, e sangue muitas vezes de inocentes!

O direito de guerra, o direito de matar não se origina de fonte divina; não é um direito natural porque aberra de todos os princípios de justiça.

O direito de guerra é um triste e desanimador epigrama à nossa civilização — é uma prova viva de que a lógica ensinada pelos homens não disse ainda sua última palavra: tal direito é anticristão. É a ciência e não a espada que incumbe decidir as mais complicadas desavenças humanas.

Prepare-se o futuro pela educação e instrução do sexo frágil.

Formem-se as mães de família, que por seu turno vão erguer escolas e colégios, nos campos, nas vilas e nas cidades; que en-



sinem à mocidade de ambos os sexos os são princípios de uma instrução moral e religiosa, e a face da sociedade se há de mudar.

Mães de família assim formadas prepararão a mocidade que futuramente possa ornar as diversas carreiras a que pode aspirar um moço ou uma moça desde a mais alta escala social até o mais modesto emprego oficial.

Só há um meio de regenerar a sociedade, de mudar moralmente a face da terra, de emancipar a mulher, de salvar-lhe um futuro — é pela educação e instrução no colégio, ou no lar doméstico por pedagogos da escolha paterna, e isto enquanto não se preparam as mães de famílias.

É tal a preponderância materna que a seu respeito Aimé Martin assim se exprime:

“No coração maternal se nutrem o espírito dos povos, os seus costumes, prejuízos, virtudes, e por outros termos, a civilização do gênero humano.”

Artigo: A educação da mulher

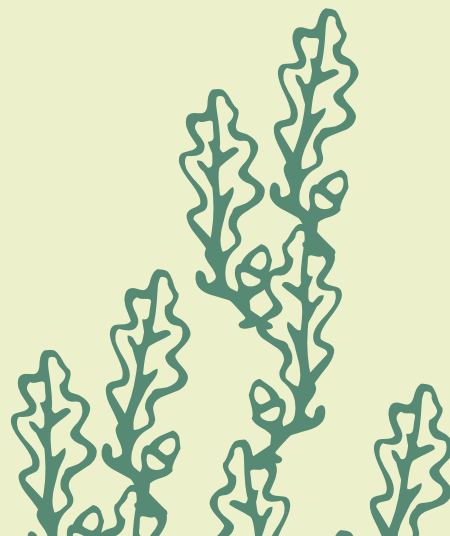
Jornal/Revista: O Sexo Feminino

Edição: 1873, nº 01, p. 01

Autoria: Maria Amélia de Queirós

Transcrição: Denise Campos

Acesse o texto original [aqui](#), ou
utilize seu celular para visualizar
pelo QR Code abaixo:



.....

16. Zombem muito embora os pessimistas do aparecimento de um novo órgão na imprensa — *O Sexo Feminino*: tapem os olhos os indiferentes para não verem a luz do progresso, que, qual pedra desprendida do rochedo alcantilado, rola violentamente sem poder ser impedida em seu curso; riam os curiosos seu riso sardônico de reprovação à ideia que ora surge brilhante no horizonte da cidade da Campanha; agourem bem ou mal o nascimento, vida e morte do *Sexo Feminino*; persigam os retrógrados com seus ditérios de chufa e

A EDUCAÇÃO DA MULHER



uito embora os pessimistas zombem do aparecimento de um novo órgão da imprensa, *O Sexo Feminino*, os indiferentes tapem os olhos para não verem a luz do progresso, que, qual pedra desprendida do rochedo alcantilado, rola violentamente sem poder ser impedida em seu curso; os curiosos riam seu riso sardônico de reprovação à ideia que ora surge brilhante no horizonte da cidade da Campanha; agourem bem ou mal o nascimento, vida e morte d'*O Sexo Feminino*; e os retrógrados persigam com seus ditérios de chufa e mofa nossas conterrâneas, chamando-as de utopistas, *o Sexo Feminino* aparece, há de lutar, e lutar até morrer: morrerá talvez, mas sua morte será gloriosa e a posteridade julgará o perseguidor e o perseguido.¹⁶

O século XIX, século das luzes, não se findará sem que os homens se convençam de que mais de metade dos males que os opri-

mem é devida ao descuido, que eles têm tido da educação das mulheres, e ao falso suposto de pensarem que a mulher não passa de um traste de casa, grosseiro e brusco gracejo que infelizmente alguns indivíduos menos delicados ousam atirar à face da mulher, e o que é mais às vezes, em plena sociedade familiar!!!

Em vez de pais de família mandarem ensinar suas filhas a coser, engomar, lavar, cozinhar, varrer a casa etc., etc., mandem-lhes ensinar a ler, escrever, contar, gramática da língua nacional perfeitamente, e depois, economia e medicina doméstica, a puericultura, a literatura (ao menos a nacional e portuguesa), a filosofia, a história, a geografia, a física, a química, a história natural, para coroar esses estudos a instrução moral e religiosa; que estas meninas assim educadas não dirão quando moças estas tristes palavras:

“Se meu pai, minha mãe, meu irmão, meu marido morrerem o que será de mim!!”

mofa nossas conterrâneas, chamando-as de utopistas: *O Sexo Feminino* aparece, há de lutar, e lutar até morrer: morrerá talvez, mas sua morte será gloriosa e a posteridade julgará o perseguidor e o perseguido. (Redação original adaptada no corpo do texto para a presente edição). N.E.



Não sirva de cuidado aos pais que suas filhas, assim educadas e instruídas, não saibam coser, lavar, engomar, cortar uma camisa, etc. etc.

A riqueza intelectual produzirá o dinheiro, e com este se satisfarão as necessidades.

O dinheiro, Deus o dá e o diabo pode tirar; mas a sabedoria que Deus dá — o diabo não a roubará.

.....

Artigo: A educação da mulher

Jornal/Revista: O Sexo Feminino

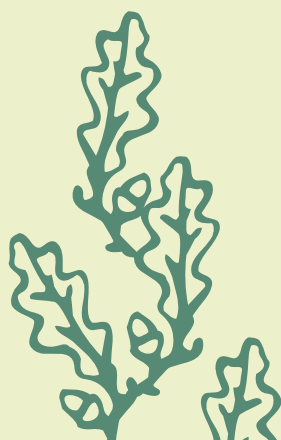
Edição: 1873, nº 01, p. 01

Autoria: Maria Amélia de Queirós

Transcrição: Denise Campos

.....

Acesse o texto original [aqui](#), ou utilize seu celular para visualizar pelo QR Code abaixo:



NOTAS SOBRE A EDUCAÇÃO FEMININA



proporção que a voz do progresso vai soando pelo meio dos séculos, pouco a pouco a razão humana triunfa contra os preconceitos e a realidade contra as tradições vetustas das sociedades; quebram-se os grilhões e os povos reconhecem inspirados pelo amor da justiça, que lei nenhuma pôde legitimar o aviltamento a uma parte da humanidade que vegeta destituída de razão e dignidade.

Entretanto, apesar da marcha triunfante do progresso, que é a ideia ativa e poderosa da razão humana, pela mais absurda das prevenções, a mulher ainda parece submetida a humilhante tutela de menor; visto que para ela a educação quase em geral não se exime a disciplina da tradição, nem a pressão da rotina. Essa educação rotineira adstrita desde a infância a uma ordem mística, a uma disciplina de convento, onde o estudo e os livros são considerados coisas perigosas para ela, estraga de um modo talvez irremediável os espíritos mais bem-dotados.

Neste século que aboliu todas as escravidões, que nivelou todas as castas e que destruiu o monopólio da instrução até então pertencente às classes privilegiadas, permanecerá irrisório que existam ainda tantos partidários do obscurantismo da mulher.

.....

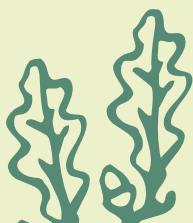
17. Referência a Jules Michelet, filósofo e historiador francês que dedicou parte das suas obras a discutir o papel da mulher na educação das crianças. N.E.



E por isso, quando alguns dos espíritos mais humanitários e ilustrados como Michelet¹⁷ e outros, clamam contra a tirania dos absurdos preconceitos que a subjugam e tentam arrancá-la do mortífero influxo desse estiolamento a que a condenaram, surge logo a falange agressiva dos visionários anacrônicos, adeptos da ignorância da mulher, e então não há calamidades que eles não antevejam, com a conquista da sua emancipação moral e intelectual.

Se todos reconhecem que o espírito que não foi cultivado e nem recebeu desde a infância os hábitos da virtude, será eterno ludibrio de erros e paixões, como, pois, recusar-se esse cultivo a uma parte da humanidade, que exerce tão notável influência sobre a outra metade?

Aqueles que interdizem o estudo a mulher, e negam-lhe a faculdade de conhecer os seus direitos e os seus deveres, fazem-nos lembrar Mahomet, que para torná-la mais voluptuosa julgou conveniente negar-lhe a alma.



Escusando, ou desprezando o homem a educação da mulher, há de receber dela todas as más inspirações que deixou sem corretivo; porque a preponderância instintiva espontânea com que ela influi naturalmente no caráter do sentimento, a que a sociedade irresistivelmente obedece, tem subsistido sempre, desde a mais remota barbaria até os nossos dias.

E para provar essa verdade, abra-se a história; porém se os seus exemplos nada valem, se as aviltantes cenas de Roma pagã já se acham quase obliteradas pela poeira dos séculos, lancemos um olhar em torno de nós e vejamos mais ou menos a reprodução dessas cenas na atualidade, no meio dos requintes extremos da civilização, com menos pompa decorativa é verdade, com menos vigor físico e moral, porém mais banais, mais cheias de contrassensos, de transigências e de covardias. Se consideramos a poderosa influência da mulher sobre quase todos os hábitos e ações do homem, vemos que quando Jackal dizia – *cherchez la femme*¹⁸ não enunciava um prin-

.....

18. A autora faz referência ao personagem Jackal, chefe de polícia do romance *Les Mobicans de Paris* (1859) de Alexandre Dumas. A frase inteira dita por Jackal pode ser traduzida como: “Há sempre uma mulher envolvida em todos os casos. Assim que me trazem o relatório, digo logo: ‘Procure a mulher’”. A fala do personagem repercute a ideia de que há sempre uma mulher por trás das motivações dos crimes, vez que a mulher é dotada de grande poder de persuasão e influência sobre os homens. N.E.



cípio só aplicável ao crime, mas a todos os atos do homem. Ninguém ignora que a uma época de credulidade e singeleza viril, vai sucedendo pouco a pouco a indiferença religiosa, filha do ceticismo polido, e que a incurável descrença do nosso século começa a invadir todas as classes sociais. Neste momento de transição, a mulher influenciada pelas circunstâncias deletérias e funestas do meio em que vive, vai se imbuindo lentamente das ideias do seu tempo e perdendo pouco a pouco a fé sincera que outrora a amparava em todas as lutas morais que em seu peito se travavam. Infelizmente a educação moral, que poderia ter para ela um vasto alcance e uma fecunda influência sobre a sua existência, não passa de noções abstratas e tão superficiais que não penetram no coração.

E ainda para mais agravar-se o mal, os limitados conhecimentos que recebe, consistem, com algumas restrições, na arte exclusiva de brilhar, de agradar, para subjugar, valendo-se de todos os artifícios, que a sua perspicácia lhe sugere. É por isso que, digamos uma verdade dolorosa, mas infelizmente uma verdade, tantas mulheres desperdiçam a melhor parte da existência em loucas frivolidades, em passa tempos revestidos de circunstâncias que lhes favorecem comoções gozadas pelo triunfo da vaidade.

E quantas não se deixam arrastar por um impulso irresistível, a esse luxo desenfreado que perturba a felicidade das famílias, a santidade do lar doméstico, a dignidade pessoal e os deveres sociais.

Essa funesta educação que parece cifrar o sentido e o destino da vida da mulher, na posse exclusiva dos bens físicos, paralisa-lhe as forças e perverte-lhe os sentimentos.

Desejamos fazer algumas rápidas considerações sobre os efeitos funestos de tão perniciosa educação, mas não nos permitindo a estreiteza do espaço de que dispomos, reservamo-las para as notas subsequentes. Todavia ao terminarmos, não podemos eximir-nos ao desejo de fazer conhecidas as palavras de uma distinta educadora em referência ao assunto de que tratamos.

Neste século, diz ela referindo-se a algumas classes da sociedade, a mulher alucinada e inconsciente, vai na procissão que leva a nossa raça exangue e anêmica, de ferocidade do gozo à ferocidade do desespero impotente, e vingá-se mostrando ao homem que desdenhada, ultrajada como é, é ela quem o domina, é ela quem o arrasta, é ela quem o tenta e quem o subjuga, levando o político à apostasia, o argentário à banca rota, o artista à impotência cerebral, o



poeta ao desespero inconsolado, o rico à miséria, o pobre à infâmia,
o honesto ao esquecimento de todos os deveres.

.....
Artigo: Notas sobre a educação
feminina (I e II)

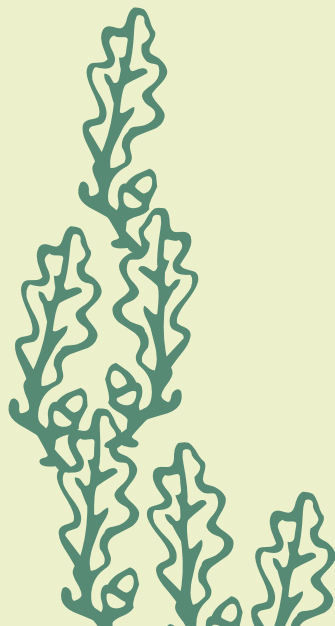
Jornal/Revista: A Família

Edição: 1890, nº 56, p. 02-03,
nº 79, p. 01, nº 90, p. 01.

Autoria: Anália Franco

Transcrição: Cibelle Magalhães

.....
Acesse o texto original [aqui](#), ou
utilize seu celular para visualizar
pelo QR Code abaixo:



NOTAS SOBRE A EDUCAÇÃO FEMININA



s nações que a luz vivíssima da civilização e do progresso vão afirmando a sua individualidade possante, apresentam e suscitam incessantemente no jornal, no livro, nas conferências e no parlamento, novas ideias e novos planos sobre a mais sagrada e mais potente das funções sociais – a função educativa. E, como muito bem dissera um distinto escritor:

“E ao problema educativo que intimamente se prendem as mais graves e mais imperiosas questões do dia. E a arena pedagógica que se acolhe a luta suprema da civilização. O grande campo da batalha, disse-o *Littré*, é o da educação, o da escola.”

Todavia todas as instituições pedagógicas, ainda as mais aperfeiçoadas serão como que artificiais e mesmo infecundas, se se desprezar a poderosa e íntima influência da mãe, a primeira mestra que a Providência deu ao homem.

E, muito embora o contestem, por mais que se lhe desenvolva a inteligência, o homem há de sempre pensar, obrar e querer segundo os sentimentos afetivos que recebeu na infância desde o amor filial, origem das afeições domésticas e cívicas, até o amor pelo ideal e pelo divino, fonte inexaurível das artes, das ciências e da religião.



A mais simples observação, vemos que quase no geral o pai além do cuidado incessante de prover as necessidades materiais da família, ou a abastança do dia seguinte, tem deveres a preencher na sociedade, os quais de ordinário, absorvem quase toda a sua atenção, deixando-lhe às vezes apenas a noite para o repouso, e por isso abdica à esposa os direitos que pela sua inteligência poderia exercitar na inteligência dos filhos.

Assim é a mãe a quem cabe grande parte do trabalho de corrigir e aperfeiçoar o caráter e a inteligência dos filhos, auxiliando o professor na sua missão educativa.

E como diz M. Dupanloup: “a melhor educação há de ser sempre profundamente defeituosa sem a legítima influência dos pais.”

E é isto tão verdade, acrescenta um ilustre pedagogo, que em rigor os termos da questão deviam ser invertidos, não é no auxílio prestado pela família à escola que deve falar-se, mas do auxílio prestado pelo mestre à família; tanto a missão da família é primordial, e tanto a sua ação é profunda, incessante, quase soberana.

Infelizmente, porém, é preciso convir que a maior parte das famílias pouco tempo e pouca atenção prestam a tão importante assunto. E por isso vemos tantas mães que longe de colaborarem com o professor no desenvolvimento da sensibilidade, do raciocínio, da imaginação e da consciência dos filhos, pela acanhada compreensão que tem da vida à qual nenhuma centelha de arte espiritualize ou ilumine, por falta de um conhecimento mais ou menos profundo das faculdades e do meio de as por em jogo, por uma solícitude de todos os instantes, contrariam ou neutralizam incessantemente a sua ação.

E não é raro ver-se profundos antagonismos de opiniões e de meios práticos, entre a escola e a casa paterna.

“Sendo a mãe desprovida de qualquer guia teórico, observa Spencer, é absolutamente incapaz de se guiar a si mesma pela educação dos processos mentais dos seus filhos, ela desempenha um papel impulsivo, inconsistente, pernicioso, que seria geralmente funesto se não fosse a tendência onipotente que tem os espíritos juvenis para se apropriarem do tipo da raça a que usualmente se subordinam as influências menores.”

Por uma espécie de impulso instintivo, a criança desde logo manifesta a curiosidade de saber, e para que essa curiosidade não se extinga antes de vencer as dificuldades de princípio, para que

os seus primeiros lampejos de inteligência convertam-se em uma chama permanente, cumpre a mãe alimentar constantemente o interesse dos filhos, para o descobrimento da verdade, facultando-lhes surpresas novas e assimilares, aplaudindo-os pelas conquistas por eles alcançadas sob as suas pequenas dificuldades. Em geral, pouco se atende que ao despertar a inteligência da criança, toda a influência feliz cabe a quem lhes despertou o sentimento, e nisto é que deve consistir o verdadeiro talento da mãe inteligente e dedicada.

E para este fim, a mãe que ama sinceramente os seus filhos deve preparar-se por um trabalho mental, algum estudo, grande paciência e algum domínio sobre si mesma, porque como diz Jorge Hebert: Uma boa mãe vale cem mestres.

Sendo, pois, a mãe quem cabe maior parte no cuidado de formar o caráter dos filhos e de elevar-lhes a alma até a origem do belo e do infinito, será também a ela o maior quinhão de glórias com a felicidade e bem-estar dos filhos.

Quando, porém, a mãe por negligência, fraqueza, egoísmo e incapacidade, menospreza este sagrado dever, cedo ou tarde é ela quem cruelmente tem a sofrer as consequências funestas de sua culpável incúria.

E se como se diz os maus homens fazem as más mulheres, não é menos certo que quase no geral a negligência, a fraqueza e a inconsequência das mães, fazem os maus homens.


Entre nós a ignorância da maior parte das mulheres, a dificuldade em interessa-las em assuntos sérios, a sua falta de gosto artístico e literário, sua falta de curiosidade espiritual, tudo isso influi mais do que se supõe para a insuficiência e mau êxito do ensino público, e quem sabe talvez para o abatimento moral, essa insidiosa doença de que está enferma a nossa sociedade.

A história com os seus exemplos e as suas lições fecundas é um profundo ensinamento sobre essa influência grata ou funesta, sem falarmos nos varões ilustres de todos os tempos, cujas virtudes deveram a piedade e a energia moral de suas mães, citaremos ao acaso alguns exemplos de escritores notáveis.

O célebre Kant, o reformador, ou antes, criador da filosofia moderna, que dizia dever a sua mãe os puríssimos princípios de religião e de moral profundamente gravados em seu coração.

Parmentino em cujos escritos faz o elogio de sua mãe com uma sensibilidade que a ambos honra.


O ilustre Cuvier, que atribuía a sua mãe o feliz êxito dos seus estudos e a glória das suas descobertas.



Catellar, que muitas vezes tem referido tudo quanto deve a sua mãe com tanta ternura, reconhecimento e arrebatadora eloquência.

Quiséramos também apresentar sob essa influência quando funesta, mas isso levar-nos-ia mais longe do que nos permite a estreiteza do espaço de que dispomos, e assim limitamo-nos a dizer como Mme. Necker: - a educação feminina é a chave da pedagogia.

Porque se como em toda a parte se observa é a influência poderosa da mãe que determina e faz o destino do homem, para que tal influência se torne profícua, indispensável é que seja bem dirigida.



Em suma, educar a mulher, emancipá-la dos preconceitos, robustecer-lhe o corpo, enriquecer-lhe o espírito e formar-lhe o caráter, a fim de habitua-la a dirigir a si mesma, e a melhorar sua existência no seio da família e da sociedade é o meio mais potente, mais fecundo e mais seguro para promover de um modo gradual a grandiosa obra da regeneração universal.

Artigo: Notas sobre a educação feminina

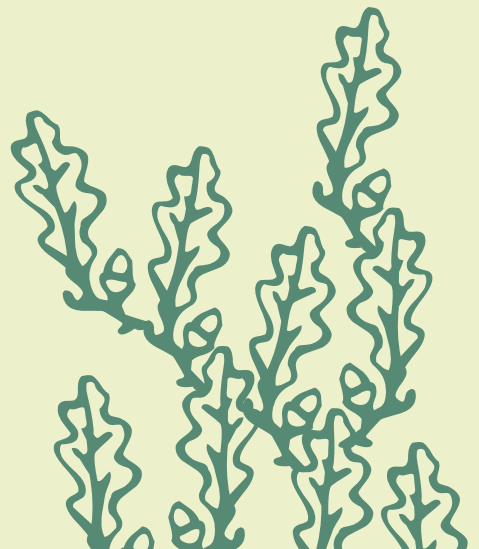
Jornal/Revista: A Família

Edição: 1890, nº 84/85, p. 01.

Autoria: Anália Franco

Transcrição: Cibelle Magalhães

Acesse o texto original [aqui](#), ou
utilize seu celular para visualizar
pelo QR Code abaixo:



NOTAS SOBRE A EDUCAÇÃO FEMININA (CONTINUAÇÃO)



As leis universais da evolução ampliando e desenvolvendo cada vez mais na consciência humana a iluminação do direito e o sentimento da justiça, vão fundando pouco a pouco os alicerces de uma nova fase de fraternidade e de igualdade universal.

Nunca as qualidades altruístas e beneficentes da natureza humana foram postas em tanto relevo, como no presente século. Estudam-se os mais difíceis problemas, empregam-se todos os meios de destruir as desigualdades sociais, nivelando-se a superfície moral do mundo difundindo-se a todas as classes, o gozo e o bem-estar. Com relação à mulher, nos países mais cultos a sua posição social tem melhorado consideravelmente, o que representa já um triunfo assinalado da justiça do nosso tempo.

É claro, porém, que ainda se tem muito a caminhar e se não de passar algumas gerações antes que ela possa a vir ocupar o lugar que lhe compete na plena posse intelectual e moral de si mesma. Os mais benéficos resultados da cruzada em prol

dos direitos da mulher, só serão conquistados nos estádios mais adiantados da humanidade.

Neste ponto as nações acham-se retardadas, umas mais do que as outras, devido talvez aos fenômenos do seu clima e ao temperamento e origem da sua raça.

Nas atuais condições da nossa sociedade, em que parece predominar em nós a mórbida estagnação da alma oriental, bem sabemos quanto é ainda difícil e delicadíssima esta questão, encarada por não pequeno número, como qualquer coisa muito próxima da zombaria.

Todavia o que é mais triste e desconsolador para nós é que a maior parte das pessoas do nosso sexo, longe de contestarem a postergação dos seus direitos, por meio da persuasão, aceita passivamente em uma espécie de entorpecimento de anestésias essa tutela historicamente indispensável a que estão sujeitas, de modo a tornar a sua liberdade apenas uma fórmula e não um fato. Desprovidas de experiência, estioladas por uma educação deplorável e fútil, embatidas nas fontes nervosas de energia, incapazes de luta, no conflito da existência, é evidente que preferam a sujeição, o servilismo, a doce placidez da obediência automática, à preocupação constante, ao trabalho assíduo de fortalecerem-se para as provas da liberdade e para os combates da vida.

.....

19. Antiga designação de uma vasta região do sul de África, que abrangia a região da Cidade do Cabo, na República da África do Sul, e algumas regiões adjacentes, habitadas por povos não muçulmanos, que correspondem hoje aos Zulos, os Pundos e os Xhosas. N.E.



Consideradas com o sendo frágeis e ineptas, sem uma vontade livre para saberem impor-se, pela confusa e contraditória ideia que têm da justiça e do direito, se cumprem os seus deveres e quase sempre de olhos fechados sem razão por mero instinto.

Daí a nossa inaptidão, a nossa esterilidade inventiva, a deficiência e atraso da nossa educação intelectual e estética, a nossa indiferença dissolvente para todos os progressos do espírito humano, como se habitássemos na Cafraria¹⁹, ou outro país congênere.

Está claro que assim falando não nos referimos a todas as mulheres: mas afirmamos com respeito a uma grande maioria. Entretanto, o que é ainda mais grave, e o que mais dificulta a elevação do seu nível moral e intelectual, é o desprezo que se tem generalizado entre os homens para com a mulher.

Cada um considerando aquelas que lhe merecem simpatias como criaturas excepcionais não poupando as mais aceradas epigramas, no

intuito de amesquinhar o restante das mulheres. E, no indiscreto e sôfrego empenho de “fazer espírito”, eles tornam-se às vezes, de uma crueldade excessiva na ironia e no sarcasmo, esquecidos sem dúvida de que os erros daquelas a quem tudo devem não são mais do que um reflexo das suas próprias culpas.

E, por isso o esquecimento da consideração devida à mulher, o atraso e abandono em que deixaram a sua educação constituem uma das principais fontes de onde promanam muitos dos males que pesam sobre a geração atual.

Todos os defeitos e lacunas que se notam na educação da mulher afetam desfavoravelmente na educação do homem, e de um modo bem mais funesto do que em geral se pensa. Muito mais pernicioso será ainda a sua influência quando o cultivo esmerado da inteligência, fornecendo simplesmente uma provisão de conhecimentos, sem solicitar ao mesmo tempo paralelamente todos os modos da atividade moral, vier a produzir uma vontade e uma sensibilidade débeis.

Daqui provêm os graves erros da educação que no geral se dá, cujos funestos resultados nem a abundância de raciocínios nem as forças intelectuais podem compensar jamais.

A falta de uma sólida cultura moral, paralisando as forças do homem e pervertendo-lhe os sentimentos, inflama as inclinações ativas e egoístas arrastando-o a sacrificar a irritação das paixões e a depravação geral, a dignidade pessoal, os deveres públicos e a felicidade da vida íntima.

E por isso os costumes descem e baixam a olhos vistos, a indiferença dissolvente invade e vence os impulsos dignos, tornando-se os gozos materiais o pensamento exclusivo do povo, que parece querer adormecer a consciência acabando por extinguir tudo quanto há nobre, elevado e viril no coração do homem.

A experiência nos tem demonstrado que por mais aperfeiçoadas que sejam as leis políticas e administrativas, elas não são suficientes para reformar os costumes, visto que a moral só se cria na família.

Por conseguinte, o meio mais eficaz de remedar-se este mal em geral sentido é transformar-se moralmente a geração nascente por meio de uma educação mais racional, mais prudente e mais equilibrada.

Cumpram o seu dever os que o conhecem, diz um ilustre escritor. Podem pouco salvar a muitos “há contágio no mal, mas há simpatia no bem”.

Assim todos aqueles que amam o bem e sentem generosa paixão do progresso da humanidade devem por obrigação de patriotismo, empregar todos os seus esforços, para que os males que oprimem a sociedade atual sejam atenuados e diminuídos quanto possível, além de que os motivos para se trabalhar nunca serão mais sérios, nem mais urgentes.

É preciso, pois começar pela educação da mulher, proporcionando-lhe uma cultura moral e intelectual mais elevada e mais completa, a fim de que ela possa ocupar-se com especial solicitude da educação da infância ensinando aos seus filhos os primeiros rudimentos de todos os conhecimentos humanos.

Não vamos, porém tão longe como aqueles que alimentam a esperança de que se as mães possuíssem instrução esmerada, bastante providência, simpatia e força de vontade, poderiam educar os seus filhos, independente de qualquer auxílio estranho transformando cada casa em uma escola. Isto apenas se poderia admitir como exceções.

O lugar que assinalamos a mãe o qual, todavia só pode ser atingido por um grau de desenvolvimento de subido valor, é o de cooperadora ativa, inteligente e dedicada dos professores com os quais deve compartilhar os cuidados da educação física, moral e intelectual dos filhos.

É indubitavelmente verdade que a tarefa de educar bem, complexa e difícil como é, para produzir os mais benéficos e profícuos resultados, reclame uma cópia de juízos, de invenções, de simpatia intelectual, de faculdades analíticas, que só um professor experimentado com o auxílio de profundos conhecimentos poderá conseguir e isto mesmo em prescindir da colaboração dos pais em um alto grau de adiantamento mental.

Mas essas dificuldades não são razão suficiente para se evitar pusilanimemente a questão, bem pelo contrário devem ser um tratamento para trabalhar-se sempre e progredir-se cada vez mais, procurando aproximar-se tanto quanto possível de uma educação ideal mais conforme a moral, a justiça e a igualdade humana. Ao terminarmos estas mal delineadas notas, diremos como um ilustre estadista.

O grande caso é que o mundo moral acompanhe o desenvolvimento material, e para isto tudo depende de dar educação as mulheres, as quais tem muito maior importância do que se lhe tem dado — elas são o depósito do gênero humano, o princípio de toda a civilização e a base de todos os sentimen-

tos benévolos e generosos, e antes dos filhos serem apreciados ou instruídos estão por elas perdidos ou ganhos.

Artigo: Estudo sobre a educação

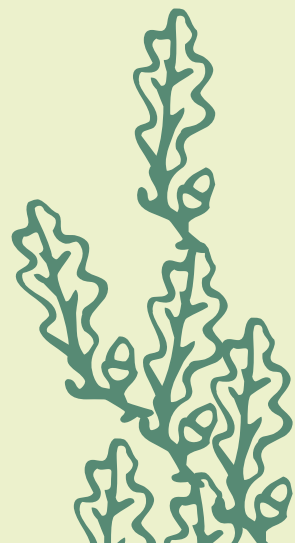
Jornal/Revista: Jornal das Senhoras

Edição: 1852, tomo I, p. 28.

Autoria: Joana Paulo Manso Noronha

Transcrição: Octávio Cardozzo

Acesse o texto original [aqui](#), ou utilize seu celular para visualizar pelo QR Code abaixo:



ESTUDO SOBRE A EDUCAÇÃO



epígrafe deste artigo parece-nos assaz importante para as famílias, e nos poupamos ao trabalho de demonstrar a necessidade absoluta de bases certas e judiciosas em que fundar o ensino moral da mocidade; assim como a falta total de métodos fáceis para o ensino dos meninos de ambos os sexos.

Contudo, advertimos desde já que, conquanto as nossas ideias vão de encontro com o praticado até hoje, assim como com os preconceitos que viciam a educação da mocidade, nem por isso deixaremos de as expor com toda a franqueza que devem ter opiniões de tal importância. Difícil é a tarefa, porém, ajudados da nossa boa vontade, dos conselhos da experiência, e do fruto de algumas leituras, possuímos a doce esperança de dizer alguma coisa que mereça a pena de ouvir-se, e talvez de tirar algum pensamento vantajoso ao bem geral.

É inegável que a América do Sul é um dos lugares do globo terrestre mais atrasado a respeito dos métodos de ensino.

O ensino primário entre nós merece o nome de alopatia moral; é o flagelo das crianças que, uma vez entre as mãos do

mestre, já não são mais consideradas senão como entes racionais, quando todos sabemos que até a idade de 8 a 10 anos, não temos outra coisa que o instinto da inteligência; que os nossos órgãos, fracos e incompletos, aprendem por imitação e sem discernimento, e por conseguinte, seria mais conveniente adotar aquele plano de ensino que melhor conviesse às necessidades dos padecentes meninos, e não imbuir-lhes esses métodos rancosos e defeituosos que tanto os mortifica.

Os mestres nunca devem esquecer que as crianças não têm reflexão, são como os papagaios: aprendem de cor e sem compreender o sentido disso, mesmo que lhes ensinem fácil e distintamente, e repetem. Vamos, pois, esboçar um plano de educação, cuja aplicação já ensaiamos, havendo seus resultados excedido às nossas esperanças. No próximo número continuaremos.

(Transcrevi da *Imprensa do Rio Grande do Sul* este meu artigo, com o qual continuarei os Estudos sobre a educação).

Parte II

Antes de desenvolvermos as nossas ideias sobre educação, queremos fixar e estabelecer clara e precisamente o sentido da palavra educação. Pouco extenso é o número daqueles que se dão ao trabalho de analisar e compreender sua importância, e que dos

preceitos são de uma moral bem estabelecida e solidamente baseada, pretendam diferenciar-lhe os erros. A educação sofre o destino de todas as doutrinas que tendem à realização do porvir da humanidade: está reduzida a uma palavra que se pronuncia sem compreender-se primeiramente o que ela quer dizer.

O que deveremos, pois, entender por educação?

Quais as bases sobre que deve versar esta doutrina?

Entenderemos por educação essas habilidades agradáveis ou frívolas, que ornaram de leve o espírito sem ilustrá-lo?

Entenderemos por educação esse verniz polido e brilhante, de maneiras calculadas, que fazem o distintivo do homem da sociedade?

Entenderemos por educação o trajar mais ou menos elegante dos indivíduos?

Entenderemos por educação os próprios conhecimentos artísticos ou científicos que adornam um indivíduo, e que as vezes o denotam como um homem de talento?

Não, mil vezes não.

A educação não é uma palavra.

É um princípio que não entende só com o espírito. O seu pedestal é o coração: a educação é o aperfeiçoamento moral e intelectual do indivíduo; a educação é a nossa segunda natureza e a peia das más paixões.

A educação é a retidão, a honra, a justiça, a proibição, é o verdadeiro conhecimento dos nossos deveres para com os nossos semelhantes e para conosco.

A educação são as nossas ações, é o nosso procedimento.

Vesti um homem de ouro, colocai-o em um palácio, se o seu proceder for mal, jamais será um homem de educação.

Entendemos por base única de toda a educação a religião, o amor a deus, simbolizado na humanidade.

Toda a fórmula religiosa nos é necessária porque não há natureza humana, por destituída de inteligência que ela seja, que não sinta a necessidade da poesia e do maravilhoso, que não procure a realização destas duas belas instituições divinas, já nas tradições populares, já no formulário religioso; porque a religião é outra necessidade inerente ao coração ou ao espírito, onde quer que coloquemos os sentimentos, as paixões e os instintos. Daqui, porém, não deve concluir-se que o ensino religioso se encerra no hábito de suas fórmulas.

A educação, entendemos nós, deve despertar e desenvolver no coração o império da consciência, para que ela dirija nossas ações reprovando as más, e auxiliando-nos com a força moral no difícil desempenho das virtudes e daqueles deveres que as vezes vão de encontro ou às nossas paixões ou aos nossos interesses.

Empreenda-se a educação da mocidade ensinando-lhes, por meio de uma linguagem pura, a falar com a alma e com as ações ao Supremo Criador do Universo. Ensina-lhes a doutrina da verdade, ensina-lhes a respeitar a virtude e a inteligência, porque são atributos divinos; dizei à mocidade, não há se não uma maneira de amar a Deus: praticando a caridade; realizando em todas as fases da nossa vida as divinas palavras do Mestre dos apóstolos.

Não fazer aos outros aquilo que não desejamos para nós.

A indulgência com os defeitos alheios; a prudência e a paciência com os maus, deve ensinar-se praticamente desde os mais tenros anos da mocidade.

Uma falta sensível nos estabelecimentos de educação é, sem dúvida, a de um livro que esteja ao alcance da inteligência das crianças, e que contenha os princípios de que falamos; livro não escrito para ser lido, mas sim para ser praticado; livro, enfim,

que incluísse as bases sobre as quais deve fundar-se a educação, que servisse de estudo aos mesmos professores.

Trememos, apesar nosso quando vemos a indiferença com que olha a educação!

Trememos quando nos lembramos que os exames dos professores são apenas a análise de certos conhecimentos vulgares, e que nunca se indaga uma palavra, nem sobre os sentimentos, nem sobre o comportamento daqueles indivíduos encarregados de tão árdua e difícil tarefa!

Trememos quando vemos chegar um estrangeiro, que ninguém conhece as vezes, e abrir um colégio com a mesma facilidade com que abriria um botequim!

E ninguém lhe pergunta nada! Ninguém indaga se essa criatura tem compreendido as necessidades da sociedade, nem as maneiras porque ele interpreta a educação!

Um colégio é uma especulação como outra qualquer. Nada mais!



.....
20. A autoria
atribuída. N.E.



Falem os meninos inglês ou francês,
chegar o dia em que nem o filho entendo o
pai, nem o pai entenda o filho, e – Oh, ventu-
ra! – A educação será completa!

.....
Artigo: Estudo sobre a educação

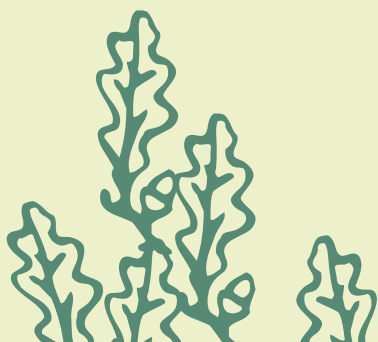
Jornal/Revista: Jornal das Senhoras

Edição: 1852, tomo I, p. 28.

Autoria: Joana Paulo Manso Noronha²⁰

Transcrição: Octávio Cardozzo

.....
Acesse o texto original [aqui](#), ou utilize seu
celular para visualizar pelo QR Code abaixo:



ESTUDOS - PRIMEIRA LIÇÃO



e o permitires, minhas queridas leitoras, vamos começar uma série de lições bem explícitas, e que com toda a possível clareza hão de conduzir-nos ao fim a que eu me tenho proposto.

Na verdade, aquilo que eu vos disser é mais fruto da inspiração e de minhas próprias reflexões, do que obra de aturado cálculo sobre os livros.

Já fui muito afeiçoada à leitura; depois que aprendi a horrível ciência de ler no coração humano, prefiro-a a dos livros.

Este mundo é um livro aberto para quem nele quiser estudar os homens, os acontecimentos e a verdade.

Por isso francamente vos digo, não possuo profunda erudição, mas para atingir os meus propósitos, que são a vossa verdadeira ilustração, podem servir muito bem os meus pequenos conhecimentos.

Ora vamos nós tratar de assunto muito sério.

Vamos tratar, nada menos, que da definição de uma palavra.

A Filosofia! Deus nos acuda! O que eu proferi? O dragão das sete cabeças é menos assustador que a ideia de que as mulheres possam compreender o sentido desta palavra, que não haverá quem chame o coco dos meninos!

Quantas aplicações tão diversas não sofre esta infeliz palavra!

Vê-se um sujeito desleixado, às vezes porco: está dito! Aquele é um filósofo!

Vê-se outro, maníaco, amigo de andar sentando-se nos cantos, amigo de passear sozinho e devagar: está filosofando!

De maneira que, para o vulgo, a Filosofia não tem a sua verdadeira definição.

Vamos nós então saber o que vem a ser a Filosofia.

A Filosofia é a coisa mais simples do mundo. É a ciência dividida em três partes.

A 1ª trata do conhecimento de nós mesmos, o estudo da nossa alma; a análise das nossas faculdades morais, dos nossos sentimentos, paixões, sensações e impressões.

Já vedes que esta primeira parte nada tem de medonho e de impossível, que não possamos compreender, porque não há nada mais simples.

Possuímos uma alma, emanção do Criador. Esta alma, cujo organismo invisível pode comparar-se às molas e rodas de um relógio, é o princípio de todo o conhecimento; por isso o estudo de nós mesmos será sempre a base de qualquer outro estudo que empreendemos.

Uma vez separados do mundo exterior e recolhidos em nós mesmos, o primeiro fato que comprovamos é o da nossa existência pelo Eu.

Depois sentimos a consciência que nos adverte de todos esses fenômenos, ou sensações singulares, que sentimos sem poder explicar.

O testemunho da consciência é irrecusável; nos juízos do espírito pode admitir-se o erro; mas naquilo que a nossa consciência nos demonstra pela dor, pela alegria, pelo remorso, ou por outra qualquer das emoções morais, não há engano, porque todos nós sentimos como sentimos.

A consciência é aplicável à inteligência também; e ela dá-nos a tácita convicção da nossa liberdade moral e intelectual.

Esta liberdade vem a ser.

O livre-alvedrio. Ou livre-arbítrio.

Já vedes que, se Deus nos quis dar estas faculdades todas, a culpa não é nossa; porque Ele não nos fez como o pólipo?

O livre-alvedrio não é o desenfreio das paixões como não faltará quem assim o interprete. Não é praticarmos as nossas vontades, contra a razão e contra a justiça; nem em oposição aos nossos deveres, nem de encontro às convenções da sociedade.

O livre-alvedrio, ou para melhor dizer, a liberdade da alma humana, é um presente da inefável bondade do Criador, pelo qual nos deixa a escolha dos nossos pensamentos, das nossas afeições, que só recebem a lei da simpatia ou atração; liberdade que uma vez verificada pelo fato íntimo da consciência, nos inspira a dignidade de toda a criatura que compreende, que existe, pensa, e sente por si mesmo.

Quatro horas e meia da madrugada. É tempo de dormir. Na próxima lição continuaremos a nossa tarefa. Lede, refleti, e compreendereis esta lição. (Continua)

Artigo: Estudos – primeira lição

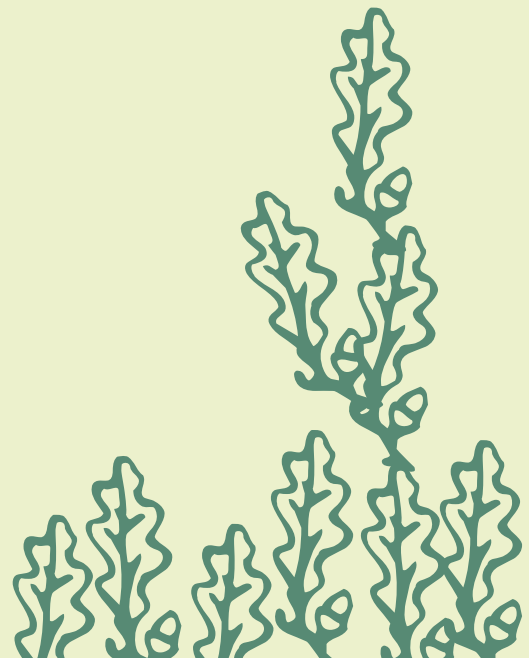
Jornal/Revista: Jornal das Senhoras

Edição: 1852, tomo I, p. 52.

Autoria: Joana Paulo Manso de Noronha

Transcrição: Octávio Cardozzo

Acesse o texto original [aqui](#), ou
utilize seu celular para visualizar
pelo QR Code abaixo:



ESTUDOS - LIÇÃO II



par da liberdade deu-nos Deus a razão.

O emprego da razão é vencer as más paixões e conduzir-nos pela senda do dever.

O estudo da filosofia, minhas queridas leitoras, longe de nos ser pernicioso ou inútil, é pelo contrário tão útil como importante.

Conhecendo nós a nossa capacidade intelectual é que poderemos também saber o que valem os.

Conhecendo nós as faculdades todas da nossa alma, é que poderemos distinguir o verdadeiro emprego dessas mesmas faculdades e o limite natural da liberdade.

O erro e o vício só nascem da ignorância da criatura; porque ignorando-se a si mesma, umas vezes passa além, outras vezes fica aquém da sua missão. Empreende impossíveis, ou recua sem saber por quê. O instinto nos guia, a inteligência murcha como uma planta sem cultivo, e os sentimentos embotam-se faltos daquele desenvolvimento necessário ao grau de perfectibilidade de que é suscetível a alma, e assim lavramos a nossa desgraça, porque um preconceito fatal se interpõe entre nós e a verdade.

O organismo da alma, as molas ou peças de que a alma se compõe, é o mesmo no homem e na mulher.

A única diferença que existe é que sentimos com mais veemência e somos mais impressionáveis.

O corpo humano não pode ser alma porque esta é considerada como substância imaterial, por consequência o terrestre invólucro da alma não pode, nem deve prejudicar seu destino, que é o desenvolvimento das faculdades que a compõe.


O que vem a ser a alma? A filosofia o diz:

“A alma é uma força que se desenvolve pela sensibilidade, inteligência e liberdade: é uma substância idêntica e única, que se manifesta por seus sentimentos, suas ideias e por suas vontades”

A alma é, pois, uma substância sensível, inteligente e livre.

Eis, queridas leitoras, o que vós examinais o vosso incógnito eu achareis, tão palpável e exato, como uma cifra aritmética.

Sois sensíveis porque sentis; sois inteligentes porque pensais; sois livres porque amais ou aborreceis e sentis como sentis, sem que as vontades tirânicas, que as mais das vezes vos fazem vergar aos alheios interesses, possam reagir sobre vosso espírito ou sobre vosso coração, que a despeito dos vossos verdugos é livre, e por isso ama ou desama segundo a livre faculdade que lhe outorgou o Criador!



Eu não quero ditar-vos um curso de filosofia. Intento apenas fazer-vos compreender o verdadeiro sentido da palavra e a verdadeira missão da ciência.

Quero, por meio desta breve resenha demonstrar-vos somente que não sois entes excepcionais com uma única missão no mundo.

A filosofia, pois, já sabeis pela minha primeira lição, que é uma ciência que se divide em três partes.

A primeira é o conhecimento de nós mesmos; é a observação da alma a si mesma.

A segunda parte, que a ciência chama lógica, é simplesmente a arte de raciocinar, ou o conhecimento das regras debaixo das quais devemos fazer os nossos raciocínios: o conhecimento da marcha que devem seguir as nossas faculdades no seu desenvolvimento.

A terceira parte trata dos deveres do homem para com Deus, para com a humanidade e para consigo mesmo.

Eis pois o dragão das sete cabeças, o coco dos meninos, o fantasma do outro mundo, com que se assustam os espíritos pequenos.

A falta de raciocínio, o nenhum costume de refletir, é funesto à mulher, minhas queridas leitoras. Ninguém como nós necessita aprender a pensar debaixo das regras mais estritas da prudência, para não desesperar, e já não piorar a nossa causa. A absoluta ignorância em que se deixa a mulher é o motivo primeiro da sua desgraça.

Quando não se dá um emprego útil às faculdades da alma, elas degeneram em vícios atrozes.

A sensibilidade converte-se em sede ardente de emoções para satisfazer a atividade. A inteligência ociosa procura saciar sua celeridade por meio de uma curiosidade sem fim de averiguações, que quase sempre se referem à vida alheia. E a liberdade, agrilhoadada e sufocada, torna-se em maldade insuportável para com os outros.

Assim é, como tudo, quanto de mais nobre empregou a bondade Divina no íntimo ser de sua criatura, que o preconceito funesto inverte, transtorna e desfigura.

Agora, portanto, que já sabemos o que vem a ser a filosofia, na próxima lição tratarei de dar-vos uma explicação bem sucinta da primeira parte desta ciência que é necessário que vos acostumeis a chamar-lhe: psicologia.

.....

21. Aatoria
atribuída. N.E.



Minhas lições serão breves, porque temos muitos outros objetos de que tratar, e por minha vontade ensinaria em um só dia tudo aquilo que julgo ser-vos útil.

Quisera possuir esse dom extraordinário que presta a cada palavra o colorido da convicção profunda, e que vibra poderoso em todos os corações. Irei me contentar, porém, com a minha pouca capacidade.

.....

Artigo: Estudos – Lição II

Jornal/Revista: Jornal das Senhoras

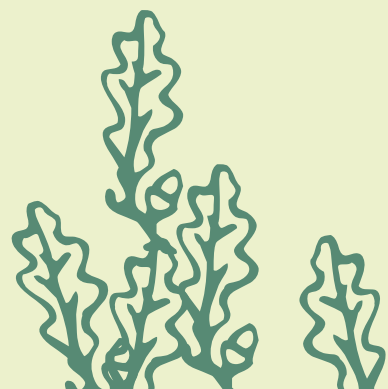
Edição: 1852, tomo I, p. 74.

Autoria: Joana Paulo Manso de Noronha²¹

Transcrição: Octávio Cardozzo

.....

Acesse o texto original [aqui](#), ou
utilize seu celular para visualizar
pelo QR Code abaixo:



EFEITOS SAUDÁVEIS DA GINÁSTICA



s exercícios ginásticos são hoje adotados em todos os colégios bem regulados.

Além das vantagens de desenvolver belas estaturas, lindas formas, boa saúde, constituição forte, têm também os exercícios corporais a utilidade de poderem servir a muitos doentes; vi eu grande número de pessoas moças, a quem os hábitos de seu sexo conservavam muito sedentárias, sarar prontamente de bronquites ou catarros mais ou menos crônicos que haviam resistido a outros meios da arte. As leves gastrites ou excitações gastrointestinais, tão frequentes nos colégios e casas de educação, em razão do mau alimento que dão à maior parte dos meninos, dissipam-se como por encanto, por meio de exercícios ginásticos. Aquela irritação que se caracteriza por um rosto pálido, lábios avermelhados, especialmente o inferior, sede mais ou menos forte e habitual, e desejo quase irresistível que sentem os meninos de tomar excitantes, cede logo a uma tez cor de rosa, feições brilhantes e rosto alegre, e aquela harmonia de forças e de necessidades, que mostram o equilíbrio em todas as suas funções.

Uma menina de doze anos tinha uma dor que se havia fixado na clavícula direita; parecia a extremidade esternal des-

te osso; apesar do descanso daquele membro, fricções de toda a espécie e cataplasmas emolientes²², o mal persistia: os banhos de vapor o haviam aumentado. Os exercícios ginásticos, tentados com muito receio e precauções no estabelecimento da senhora Masson, rua de Clery n. 3, tiveram felizes resultados. Tornou esta menina a entrar na casa real de S. Denis, e as dores se lhe desvaneceram.


O mais notável fato dos benefícios da ginástica, é o que vou citar.

A filha de J... da comissão dos hospitais de Paris teve sarampão que foi acompanhado, como muitíssimas vezes acontece, de grande irritação da membrana mucosa pulmonar. Apesar de minhas diligências, auxiliado com o conselho do Sr. Baffos, formou-se uma quantidade de pus no braço esquerdo, manifestou-se o abcesso abaixo do peito do mesmo lado. Foi ele aberto, e deitou grande porção daquele pus; saindo este tanto pelos escarros como pela ferida, e podia-se atravessar o pulmão esquerdo com um fio que entrasse pela boca e saísse pelo lado.

.....

22. Preparado medicinal pastoso que se aplica diretamente, ou entre panos, folhas, etc. sobre alguma área do corpo, com diversos fins. N.E.





Assistiu-me neste caso também com os seus conselhos o professor Chomel. Apesar desta grande desordem, a menina restabeleceu-se; mas, como bem se deixa ver, ficou defeituosa daquele lado do peito, e ultimamente principiava sua estatura a sentir-se, e não passava bem.

Nos princípios da última primavera, aconselhei-lhe a ginástica; foi a enferma levada para casa da Sra. Masson, onde a viram durante oito meses subir e descer em mastros, e hoje tem a estatura corrigida. Goza de perfeita saúde geral, e de tal sorte se lhe restaurou o lado do peito, que quase seria impossível dizer de que lado sofreu o pulmão.

— À vista deste artigo que extraímos da *Gazette Médicale*, e de muitos outros fatos que sabemos, que corroboram os incontestáveis felizes efeitos da ginástica, perguntaremos:

Vocês, diretoras inteligentes, dos colégios de educação da mocidade brasileira, por que não adicionam um curso de ginástica ao catálogo das muitas prendas que ensinam às suas discípulas,

entre os ramos de ciência e belas artes que ostentam pela lista dos seus professores?

Duvidam do lucro? Não hesitem: uma de vocês seja a primeira. Estabeleçam um curso de ginástica adaptado ao sexo e à idade de cada uma de suas educandas, cuidem dele com solicitude, prossigam, e mais tarde terão as bênçãos de muitas e muitas mães que falarão bem de vocês por toda a parte.

.....

Artigo: Efeitos saudáveis da ginástica

Jornal/Revista: Jornal das Senhoras

Edição: 1853, tomo III, p. 206-207

Autoria: Viscondessa da...²³

Transcrição: Rafaella Rodinistzky

.....

Acesse o texto original [aqui](#), ou utilize seu celular para visualizar pelo QR Code abaixo:



.....

23. Não foi possível localizar nenhuma informação sobre Viscondessa da..., possivelmente trata-se de um pseudônimo utilizado por alguma jornalista. N.E.



**A MULHER PERANTE
DEUS E O MUNDO**



A MULHER PERANTE DEUS E O MUNDO



Querida leitora, vou apresentar-vos os meus princípios e ideias, francas e leais, como sabem ser francas e leais todas as mulheres que devotamente tem cooperado para o progresso do seu semelhante. Tende, pois, paciência que eu dê começo com as palavras de um atleta pugnador dos nossos direitos, e com elas formule a série dos meus artigos seguintes:

Em todas as épocas, em todas as idades, em todos os espíritos de todos os tempos, tem-se desenvolvido mais ou menos primorosamente este belo pensamento de harmonia — a mulher.

Quase esgotada, por assim dizer, parecia estar esta ideia; mas o coração humano é tão fértil em criar, tão pronto a esboçar, que afoitamente se deve pretender ser para o homem, a mãe do homem, matéria inesgotável.

Será talvez como a religião, a quem ela está tão intimamente ligada, que por muito que se diga muito fica a dizer.

E contudo aí está ela, essa mulher de todos os tempos, com os mesmos seus atrativos, com as mesmas suas louçanias, e com toda a vaporosidade da sua existência — fora cantada nos tempos da fábula — adorada entre os guerreiros — harmonizada na harpa

dos trovadores — santificada no cristianismo — e libertada na humanidade do progresso.

Cada mulher de cada tempo reúne em seu nome imortal a vida desse tempo. É ela um monumento mágico que diz muito ou pouco, porque cada homem compreende a história segundo as suas inclinações.

A verdade, porém, é uma — só uma — e se senão empresta à vida da mulher sempre as mesmas cores, é que também a filosofia não costuma esboçar o seu raciocínio com as mesmas premissas.

A mulher, porém, foi sempre mãe.

Eis uma verdade que se não desfigura.

Ou se o não foi, ao menos foi sempre esse ser respeitado ou antes amado e admirado pelos homens.

Qual foi o capítulo da história da humanidade que não deve à mulher algumas linhas da sua poesia?

Que homem houve, que, meditando, raciocinando, escrevendo e cantando, não tivesse nos lábios amor e veneração diante do busto eloquente da criação?

Por isso, estando ela sempre ligada à alma dos tempos, entende-se que seja sempre ela, só ela, o poema épico do progresso.

II.

Deus, o sábio organizador de uma criação admirável, foi o primeiro que depôs na imortalidade da sua obra, o magnífico epílogo — ou a razão — do que havia criado.

Quando tudo estava formado, quando modelara de terra o soberbo homem da terra e o fizera marchar de cerviz altiva entre os outros animais da criação, viu em Adão, seu senhor orgulhoso, lançar para tudo que o cercava o seu olhar de rei absoluto.

Era um despotismo da matéria que tinha espírito.

Era como se nele houvesse já a ideia da propriedade.

Sim, porque quando a estátua de barro se levantava da terra, e que seus olhos tiveram fogo, o seu rosto expressão, e a sua boca a palavra, à maneira de estátua em que o cinzel acaba de aprofundar sulcos, formar saliências, arredondar formas e dar enfim expressão que venha dizer o que intentara o mestre, esse homem volveu a cabeça para todos os lados, abaixou-a e levantou-a, e como despertado de seu sono pétreo, deixou de ser imóvel, tremeu e avançou dizendo — tudo isto é meu!

E o filho morgado da criação levantou mais a fronte — consciência de si foi o orgulhoso — senhor de tudo dispôs à sua vontade.

Não era de certo uma graduação suave, passar a natureza tão destacadamente do poder ao cativoiro — do espírito à bruteza.

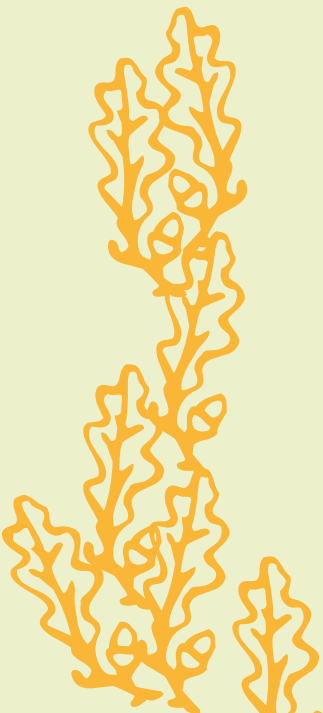
Deus havia legado ao homem uma alma para o homem, faltava, porém, a expressão da sua própria alma, que educasse aquela; pode-se dizer: faltava um raio puro e suave da porção diviníssima da alma do céu.

Porque sem limites, sem freio à sua vontade, correria esse homem só, obedecendo a esse instinto de mandar, e esquecendo talvez também a sua missão de progresso — esquecendo o pai que o havia criado tão sabiamente.

Quando então adormecida essa criatura orgulhosa, sonhando na sua prepotência, na sua vassalagem, despertou desse sono de rei, ia abrir os olhos para ainda contemplar o que era seu, e seu despertar foi num sorriso de Eva, a formosa que se mostrava ao seu lado para deslumbrar os olhos do homem que se cria só na terra.

Sorriu-lhe Adão, e contemplou-a como senhora.

Era a primeira mulher, a dadivosa dos primeiros sorrisos de encantar, a senhora das graças.



Era a harmonia, a suave passagem ou o passamento de paz, que vivia na terra, como um anjo da missão da brandura.

Nem lhe fora preciso a palavra doce para fazer despertar o senhor despótico que dormia, apenas o roçar dos seus cabelos pelo rosto do homem adormecido, para abandonar a expressão da sua fisionomia selvagem.

Diz o velho livro da criação, que fora ela, Eva, que nas delícias do Paraíso buscara distinguir o bem do mal — a serpente amaldiçoava-a, porque o vil e rasteiro réptil é venenoso, e não ama a doçura de uma alma serena e clara; o homem, porém, compreendendo melhor a sua missão, abertos os olhos pela mulher, ligado a ela pelo amor, embriagado em tanta beleza, fora-se com sua mulher a morrer ou viver por ela, suando por sustentá-la, armando o seu braço por defendê-la.

Em breve gemiam as espessas florestas debaixo do braço de Adão, as entranhas da terra foram aprofundadas, as águas desviadas, a terra cultivada, e no meio de toda a terra ainda selvagem, levantou-se singelamente a choça do primeiro homem formado com o braço guiado pela inteligência animada pela proteção que dele exigia a criatura formosa, como o primeiro movimento dos feitos da vida humana.

Essa família feliz aumentou-se: e agora, aos sorrisos amorosos da mulher esposa, juntaram-se os primeiros ciclos de amor maternal.

Eva era mãe.

Foram as suas, sobre a terra, as primeiras carícias que um filho recebera de uma mãe — a primeira mãe e o primeiro filho riam-se e entendiam-se.

Mais eloquente, mais sublime essa mulher-mãe, do que a natureza-mãe que havia amamentado Adão, ela houvera entregado sua existência toda inteira para salvar seus filhos da mancha do pecado original — mas sua alma era imortal.

III.

Já que a natureza não havia tão sabiamente pronunciado o nome — meu filho — a mulher o fizera, e nessa simples e curtíssima frase, sentia-se um não sei que de imensamente longo.

Oh! Que ouvi! — a única palavra de uma mãe, equivale à longa narração do que lhe vai por dentro d'alma.

Adiantavam-se os tempos e os homens.

Foi progresso em tudo.

Os primeiros homens tributavam já vassalagem à mulher; mas talvez essa vassalagem sem pensamento, só por instinto.

Vinha esse tributo na cadeia de progressão da geração, porque o homem era filho da mulher, e como na voz do Sinai impressa nas tábuas do tabernáculo de Moisés se lia: *respeita teu pai e tua mãe*; os filhos, compreendendo religiosamente essa prescrição gostosa, osculavam as faces da mulher que conheciam do berço, e que os ensinara a conhecer a Deus.

Não é de certo saliente nesses primeiros períodos a veneração que se tributava à mulher; havia necessidade da reprodução, o entendimento humano, ainda na sua infância, era mais instintivo do que racional, daí a escravidão em que ela vivia.

A mulher, porém, sempre firme na sua sagrada missão, foi sempre a mesma mãe para todos os filhos, para todas as idades e em todos os tempos: ela, a sábia e eloquente mestra do homem, nascera com o espírito cultivado para o seu fim.



.....

24. Agar é uma personagem bíblica, serva de Sara e mãe de Ismael, um dos filhos de Abraão. N.E.



Assim aparecia ela sempre à frente da criação, porque era, por assim dizer, o espírito puro de um Deus de amor, quando cansado de criar só matéria, criara-a com mais abundância de espírito.

Em Agar²⁴, experimentara o Senhor o puro amor maternal.

Em Sara, o amor maternal todo dedicação e sacrifício, vê-se agora nela, que não acompanhou Abrahão ao sacrifício de Isaac, desobedecendo tão virtuosamente a Deus! Deus é clemente e sábio, e não imporia de certo a uma mãe um sacrifício tão tremendo.

IV.

É no meio dessa antiguidade, desse começo da humanidade, que se ergue primorosamente essa personagem — a mulher — com todos os singulares atributos: a paciência, a dedicação e a humanidade.

Escrava sublime, sujeita ao barbarismo supersticioso daqueles tempos bíblicos, entrea-

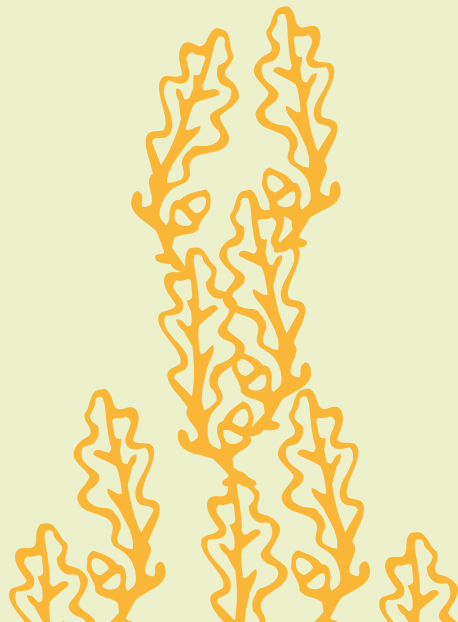
bria apenas as pálpebras, foco da vida de sua alma, para obedecer cegamente ao mundo tirânico dos seus senhores — ou para contemplar a furto o fruto do seu amor obrigado.

E n'alma iam-lhe sentimentos elevados, que ela devia agrilhoar nas algemas do seu martírio, chamado: *dever*.

O diálogo que não era ouvido pelos homens, ouvia-o a criancinha estendida brincando ou chorando sobre as palhas.

O homem então era surdo, e só via na mulher um instrumento, como outros, que servia à reprodução. Não compreendia o quanto havia de imensamente espiritual na sua companheira, não compreendia que o amor a Deus agrinalda sempre o amor à mulher — que a mulher, a perfeita composição do Criador, a suave passagem da alma para a matéria, era, como ele, destinada aos mesmos fins — senão a fins mais nobres.

Não se tragam para aqui os exemplos de mulheres perdidas daquela época; não, são exceções e estas não constituem regras.



Se erravam essas mulheres mais altamente erravam os homens.

Compreendamos.

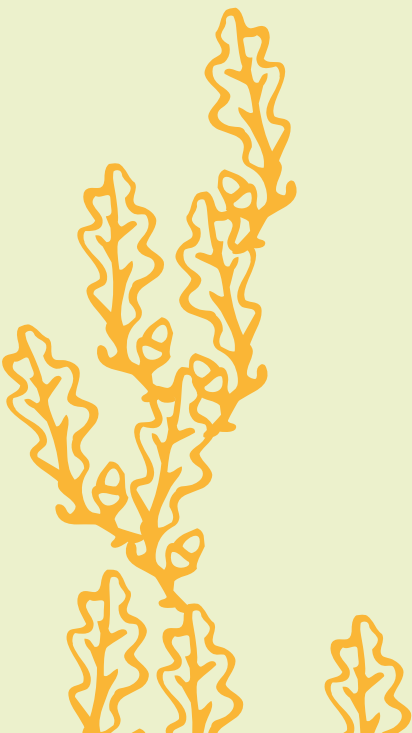
Assim como os costumes fazem os homens, e os homens são, por assim dizer, a expressão dos costumes; assim também a mulher sujeita a tão bárbaros costumes, e a quem se não lia a página dourada da sua missão celeste, poderia obrigada por eles, ir com eles.

Naqueles períodos do primeiro capítulo da história humana, onde faltavam as personagens para a sua representação, tinha-se apenas em vista o *número* e não a *qualidade*.

Parece que assim devia ser.

Contudo, a prepotência feroz do homem, aqui se apresenta como sempre vencedora, se é que o tem sido sempre completamente.

Colocavam eles a mulher, só e unicamente na criação das coisas da terra, quando ela também se acha, como estrela que brilha para eles, no firmamento infinito do espiritualismo.



Restos dessa velha superstição, bruxuleiam ainda aqui e ali na carreira da civilização.

Tem sido questão em diferentes épocas a *emancipação moral da mulher*.

Questão por si mesma resolvível. A má fé, porém, que anda sempre rastejando nas crenças arraigadas, põe-lhe sérios embaraços.

Mas, tornemos ao propósito.

Tempos deveriam vir, que mais ilustrados contemplativos, pasmassem maravilhados diante de tanta perfeição moral, como pasmara o mensageiro diante de beleza de Rebecca perto do poço.

Ela, a casta e inocente Rebecca, sentiu seu coração estremecer na presença desse mensageiro, que tão bruscamente a arguia.

Parece que sentiu ela todo o desprezo da sua posição.

Oh! Sim! Ela não ostentava esse despeito, por que não era do seu sexo o despeito, apenas profundamente estremeceu — duvidou.





E não será por acaso esse primeiro estremecimento, essa primeira dúvida, a consciência de sua superioridade?

Não se chame instinto o amor maternal; é indigna a classificação, sem caber a todas as mulheres.

A natureza depositou no coração da mulher um desejo vago e sagrado, um desejo que como nuvem move-lhe dentro d'alma — que ela não sabe explicar, nem distinguir, mas que o primeiro sorriso do infante lhe vem explicar.

Não é de certo um desejo sensual em seu completo sentido, como muitos céticos o querem; mas um desejo de transmitir parte de sua alma num corpinho, que vem ao mundo sorrindo-se ou chorando — estátua de maravilhosa feitura que maravilha os olhos deslumbrados do escultor — a mãe.

Foi sempre o homem tão inclinado para o mal, que mesmo depois que Moisés lhe fez ouvir a voz do Sinai, que o catequizou para a vida da eternidade, ele rebelde sempre a sãos preceitos, seguindo a vontade de seus sentidos, buscou entre os idólatras ídolos para, também adorar.



V.

Nas antigas repúblicas que se diziam no seu tempo civilizadas, enquanto que as hordas que eles chamavam bárbaras, as do interior da Europa divinizavam a mulher fazendo-lhe sentir toda a sua superioridade, a mulher não tinha senão um culto sensual.

Venham, para ser isto comprovado, os exemplos das mulheres superiores, já tão citadas nos livros.

É que, pois, o aumento dos conhecimentos humanos tem quase que roubado a espiritualidade do culto à mulher.

Entre os Hunos, era a mulher uma espécie de semideus, que tinha de ler-lhes a sorte das suas excursões.

Não falaremos noutros exemplos da Mitologia: vamos só a fatos que a história juramentou.

Os Saxões consagravam às suas mulheres um tal respeito, que as estimulavam a apresentarem o maior número de citações de virtude. Ou na guerra, ou no valor doméstico, havia para a mulher um altar de adoração.

Os Gauleses não permitiam a entrada no santuário misterioso de Ermensúl senão a virgens; e entre eles era também a mulher não um objeto, mas um gênio de veneração.

Parece, pois, que as primeiras excursões romanas e a fundação dos seus estabelecimentos na Gália Germânica, que eles respeitavam selvagem, roubaram a esses povos pouco a pouco o culto sublime da mulher.

A mulher sofreu por longo tempo as variedades das incoerências humanas, era ela como que um pensamento grandioso numa cabeça leviana, incapaz de o conservar.

Firme porém na sua missão de continuado sacrifício, se gemeu, foram seus gemidos guardados nos berços, ou abafados pela voz trovejante do seu senhor — constante em acompanhar o homem, curvou a linda cabeça para receber o ósculo ou a maldição. Jamais conspirou no seu longo cativoiro, pois que na eternidade lhe estava assinalada a divina redenção.

Nem um homem tinha aparecido que, meditando sobre essa sacerdotisa do tempo da humanidade, confirmasse os numerosos fatos que atestavam a sua primazia, e lançasse no mundo uma nova crença, ainda não seguida, que por majestosamente simples lhe conviesse.

Os homens ocupavam-se dos cantos de guerra — ou de ações nascidas entre paixões desenfreadas, que nada diziam, nada elogiavam, mas só faziam lembrar a matéria — a bruta matéria.

O tempo viria.

A história de todos os tempos prova claramente a tendência, que tem quase todos os homens a fazer calar os brados da consciência; acostumados então a sempre errar, transmitem uns aos outros defeitos aceitos — e o uso desbota as cores.

É por isso mesmo que o homem acha sempre grande diferença entre a linguagem de sua mãe e a linguagem dos homens.

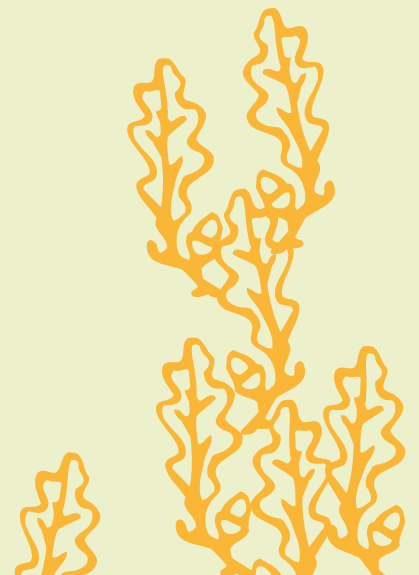
E como não deveria assim ser?

Se uma mulher mãe fala sempre o que a consciência lhe diz — e o mundo traz à frente os artigos das suas conveniências.

Nem sempre está a consciência em harmonia com as conveniências.

A primeira é obra pura de Deus — a segunda é obra informe dos homens depois de sujeitos ao erro.

A cartilha que rege o viver na sociedade humana, começou no primeiro artigo do pecado original, marchou sempre impávida,



corrigida e aumentada através dos anos: daí as diferenças que se conhecem nas diferentes idades da sociedade. Guardou, porém, nelas, mais ou menos, à mulher, o lugar do dever, porque os direitos, esses só conservavam para si os homens.

Direito abominável, porque vem da força bruta, bruta sim, porque ao menor raciocínio cai infalivelmente.

A maior parte dos homens contenta-se com dizer: *está feito; para que, pois, inovações?* Este medo de não derrogar velhos preconceitos, não é medo, mas consciência íntima de conservar esses preconceitos, que lhes dão uma usurpada superioridade — ou antes, medo de perderem o que receberam por dinastia.

Amam tanto essa herança, e com tudo quiseram sempre dizer-se livres!

A liberdade tão decantada por velhas e novas gerações, conservou a mulher quase sempre num estado de servidão; e não se lembram os homens, que a liberdade não é privativa do indivíduo para si mesmo, mas sim do indivíduo para os que o cercam — que ela é a ramificação de um tronco, ao qual todos os galinhos pertencem igualmente.

Sim, porque a liberdade do homem deve estender-se a todos os seres que pensam; e se a mulher pensa, também ela deve ter essa mesma liberdade.

Foi vício dos primeiros homens, que não aceitaram a lei de Deus com a inteligência devida ao homem.

Deus, na criação da mulher, provou a mais admirável sabedoria do formosíssimo composto do coração e da alma.

O estremecimento, o gozo inexplicável e particular que se experimenta na presença de uma mulher não vulgar assaz o comprovam.

Tudo quanto a retórica pode dizer de magnífico e elegante nela se acha reunido, mas não com o constrangimento do estudo, não com a afetação que prova a sabença, mas com aquela sincera e simples expressão da beleza natural.

Conversa ela: cabe-lhe no coração toda a ilustração da inteligência. Olha: exprime nos olhos o bem-acabado tema dos movimentos da alma. Gesticula: são suas posições próprias a seduzir toda a atenção e amor.

Por isso parece que toda a doçura e vivacidade do espírito do homem, participa mais da mulher do que do mesmo homem.



Nem duvidamos prová-lo.

Os anos que decorrem, a experiência que educa, o raciocínio frio que forma o homem da idade adiantada, roubam-lhe essa frescura na enunciação, tão capaz de chamar a si a atenção; mas a mulher, o coração da mulher, parece jamais sujeitar-se ao cadinho dos anos, da experiência e do raciocínio frio — conserva ainda o coração da juventude, aquele que sentira as primeiras impressões.

E como poderia a mulher deixar de ser jovem?

Não tem ela o filho que lhe alimenta essa vida íntima? Não tem ela a filha, que no desabrochar de suas graças, vai recordar-lhe, nessa herança, aquelas que julga pesadas?

Quando é velha uma mulher?

Jamais. Porque jamais ela deixa de ser mãe e de ter um espírito de mulher.

A misantropia, que é partilha tão conhecida dos homens velhos, não é ela muitas vezes dissipada pelos carinhos de uma esposa, que sabe fazer brilhar, através das rugas e dos cabelos brancos, conhecidos traços da antiga formosura.

Quais são os exemplos, que se nos apresentam numerosos, da misantropia na mulher?

Onde está a crônica, que a apresenta como regra geral?

Se o que avançamos não nos for crido, ainda assim não desistimos da declaração da verdade.

Filho, quando deixaste de achar tua mãe amorosa? Em que circunstância deixou ela de sorrir, com um sorriso que só a amante a iguala!

Ora, a verdade é pura e destaca-se sempre do fundo das asserções, como um vapor branco de fundo azul. Qual é o homem pois, que não seja filho? Qual é então aquele que não sentiu ser sua mãe uma bela mulher?

O coração, quando fala o amor filial, jamais mente.

Tem-se querido asseverar que o amor filial é nascido de um sentimento de gratidão.

São explicações, que muitos homens pretendem dar, para desculpar muitas vezes a sua falta de sensibilidade ou, antes, explicações de enjeitado, invejoso do amor que vem dos filhos às mães.

Aqui pois, não nos demoraremos, porque há pensamentos, cuja decifração deve pertencer mais ao sentimento de cada um, do que ao raciocínio que lhe apresenta por escrito. Marchemos nesse caminho florido, sem fadiga, e com bem

fundada esperança de alcançarmos o fim. Quando nos distraímos, é muito natural, porque nos passeios nem sempre vemos flores, alguns espinhos há que se devem evitar para não molestarem,

Dizia Pope: a mulher é um *softerman* isto é, um homem mais brando.

Ora a brandura é filha de um delicado sentir: o delicado sentir só pode conduzir a esse espírito florido; esse espírito não morre, não, os anos o pulem e o aperfeiçoam; logo, a mulher que é dotada essencialmente dessa preciosidade, não pode jamais ser velha, na acepção que por aí se dá.

Pague-se este tributo à mulher, se o recusar, se suas faces se colorirem na sua presença, dediquemos-lhe, ainda que seja só por gratidão, a veneração à sua vida imperecível.

Oh! A veneração deve ser eterna, e, aquele que pode ser venerado, com muito justa razão pode ser livre. Levantemos, pois, o braço, para que a nova geração nos ouça, ela que por natureza é destinada ao progresso e à ilustração.

VII.

Desça-se o pano a esses atos já representados, onde as personagens já devem quase ficar esquecidas, e assistamos, levados pelo

impulso da curiosidade, aos outros que serão talvez mais artisticamente executados.

Ora bem.

Vimos no pano do fundo a terra depois do cataclisma, espessas florestas, montes incultos, homens errantes, crenças em princípio, o semblante carregado do homem, a mulher mostrando-se através da sua roupagem de escrava, um rosto de expressão resignada pelo sofrer — e também homens dando confusamente à mulher adoração e opressão.

Já vimos que tinham quase, por assim dizer, desaparecido as sandálias e calçavam-se os borzeguins.

Diferentes grupos se levantavam: a Grécia, Roma, Germânia, as florestas dos Hunos e as vastas regiões, que por ocultas em espessas nuvens, não se distinguiam.

Fora tão místico e incerto o jogo de cena, que não contentou os espectadores, homens do século novo, acostumados à decomposição clara e precisa das ideias.



Vamos a outras personagens que falem uma língua pura e precisa.

A linguagem é a roupa com que se veste o pensamento, mas a imaginação quer cores variadas e mimosas, quer que também participem os sentidos dos gozos d'alma, por isso quando esse vestuário é de um gosto que passou, que não dá elegância às formas, rejeitamo-la e compomos uma melhor.

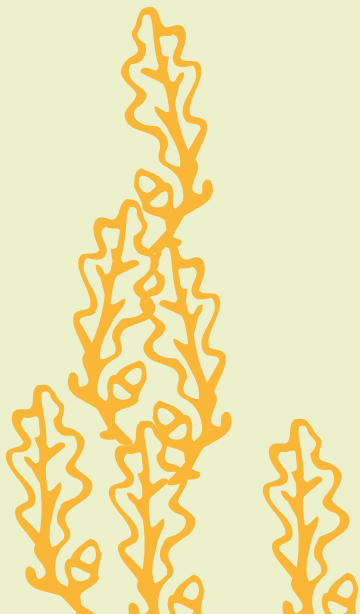
Releve-nos o dito.

Vejam, que imensa revolução se opera atrás do pano, tudo é rumor, tudo são lamentações, inveja, ódio. Preparemos de antemão o espírito, para admirarmos e contemplarmos minuciosamente as cenas que se desfecharem.

E como uma parada súbita na humanidade, onde cada um se prepara, onde cada um irresoluto pede à sua razão o jogo que tem de fazer por segurança própria.

Crenças arraigadas por longas e entrelaçadas raízes vão ser talvez destruídas.

E com elas, aparecerá a mulher!



VIII.

Recapitulemos.

Tanto havemos dito sobre a mulher, só sobre a mulher e chamamos a atenção sobre o homem que caminhava egoísta, sem atender aos gritos da sua inteligência, que talvez sejamos tidos na conta de parciais.

Alguns visos de respeito fomos descobrir, em povos que adoravam a mulher. Mas seria ela completamente livre, entregue à sua divina missão?

Dava-lhes aquela liberdade elevada do pensamento?

Uma veneração cega e sem limites ou uma veneração parcial devem, igualmente, ser rejeitadas.

Toda a veneração que não é presidida por um pensamento sólido e sublime — espiritual, puramente espiritual é uma devoção reprovável.

Costumamos muitas vezes embelezar um desejo que em nós descobrimos e veneramos; mas não o comunicamos porque é repreensível.

Bem pode ser que os povos, que assinalavam à mulher um altar incensado, fossem a isso levados por superstição ou por sensualidade.

E o livro que nos conta essas belezas, conta-nos também o resto dos costumes que talvez reprovássemos?

Ao menos é incerto.

Porque parece um absurdo ligarmos-lhe completa confiança, quando o espírito desses séculos quase pela maior parte o não confirma.

O que é verdade, porém, é que para a mulher não se havia marcado ainda o lugar da sua superioridade.

A inteligência humana que, no meio das guerras da antiguidade, tinha dado à mulher armas e ações homéricas, deveria no tirocínio da sua educação dar-lhe a brandura, a mais invencível das armas manejadas por uma mulher. Não a brandura filha da servidão, mas a brandura natural de sua alma dócil.

A mulher, que devia segundo as intenções do Criador, perfazer o homem, era ao contrário constituída por ele.

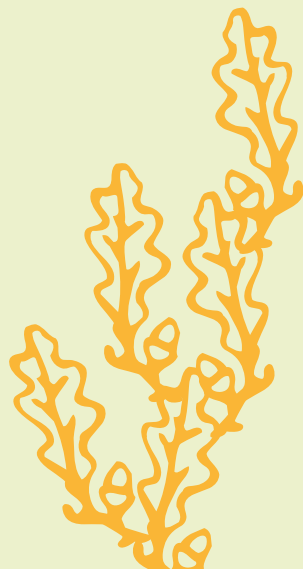
O que é contrário à vontade de Deus, deve um dia cair, e então aparecem as suas puras intenções.

Porque a natureza não sofre contrariedades.

Mas, diante de nossos olhos se desenrola um novo período. Que temos primeiro de ver? Será a *mulher*?

No berço da raça humana, na Palestina, museu das mais admiráveis antiguidades, quando o mundo a considerava mais incapaz de produzir, pela desmoralização a que tinham chegado os seus povos, preparava-se no recanto de uma simples casa a misteriosa mudança do gênero humano. A humildade devia apresentar-se, como sempre, à vestimenta do pensamento divino; ela convém à resolução dos grandes fenômenos da humanidade, porque também a natureza é simples na explicação dos seus segredos, que parecem muita vez inescrutáveis.

Naquela época, como sempre desde o começo das coisas, quando as classes elevadas, encarregadas de dar a educação ao povo, se desmoralizavam e esqueciam totalmente a sua predestinação superior de *mestras dos ignorantes*, um homem do povo, simples e virtuoso, entretinha-se em sonhos com a Divindade e, cheio de fé pura, pensava nas horas do silêncio no que ia pelo mundo. Ele era tão pequeno, tão pobre! Podia apenas pensar nas desgraças que corrompiam os homens, e lastimá-las; mas não se podia atrever a impor-lhes uma barreira.



José, o simples, o bom carpinteiro, era na sua profissão um homem assaz conhecido pela sinceridade das suas práticas religiosas; alguns dos seus o ouviam com dedicação e respeito, e os grandes da terra nem o conheciam. Ele vivia santamente na honestidade do seu trabalho; ia ao templo e cantava os salmos; mas nutria na alma uma esperança, esperança inexplicável que o fazia adormecer gostosamente: ele não a declarava, vivia mudamente com ela, como se fora um sorriso interno, que devesse sempre ocultar-se bem dentro do seu coração. Há tantas vezes esperanças para nós na mocidade, que por soberanamente doces, não as dizemos, de modo que os homens não as ridicularizem. Um dia ele suspirou, e na vibração desse som ele distinguiu na vaga harmonia que produziu, um corpo de belíssima mulher. *Maria!* Exclamaram seus lábios religiosamente, e seus olhos se dirigiram com casta avidez para essa figura que abaixava o alvíssimo rosto de lírio ao passar por ele, e juntou por instinto as mãos ao céu... E depois da sua oração e do seu sonho, Maria, a virgem inspirada, *era sua mulher.*

Da vida dos antigos, de toda essa história que enche imensos volumes, nem um fato se mostra que seja superior àquele; nas façanhas dos grandes Romanos e dos Gregos, nenhuma houve que acendesse mais o santo entusiasmo do que aquela inclinação tão simples e original: era uma virgem, um pensamento-mulher

que magnetizara o espírito pudibundo de um homem nascido na mais modesta virtude.

José e Maria viviam nessa misteriosa existência, que não podia ser compreendida pelos homens, mas que Deus fazia sentir claramente ao coração da mulher, predestinada ao progresso e melhoramento da humanidade. O espírito Santo, isto é, a elevada sabedoria que inspira uma inteligência que faz a sua primeira educação na religião, ou antes a pura inteligência junta ao amor concedido pela razão e pelo coração inocente, predisse a mulher — esposa que teria de ser mãe. Oh! Qual é a mãe, que não dará de antemão toda a pureza, toda a beleza espiritual ao filhinho que tem de nascer? Qual a mulher que não ache na sua vida de esperanças maternas, uma grinalda de merecimentos para o infante que terá de ser homem?

Maria guardou o segredo do que o seu espírito sonhando lhe havia dito e José recebia no beijo casto de sua esposa essa santíssima candura que transluzia debaixo de seus vestidos simples, na sua fisionomia expressiva e melancólica, risonha, ornada apenas de uma seriedade invejada.

A profecia dos tempos anunciava a chegada do Messias há tanto esperado, a estrela do Oriente o prognosticava, os estados se revolviam espantados, e os povos obedecendo ao mandado de Deus correram a admirar a florzinha, que brotava linda e res-

plandecente da haste de David — linda e resplandecente como lágrima em prazer brotada dos olhos da mulher original, que debaixo de humilde teto mostrava aos que se chegavam, transbordando de alegria, a criancinha que acabava de dar aos homens, filho da união com o espírito reformador de Deus sobre a terra.

O menino brincava estendido e sorria; o filho volvia seus pequenos olhos brilhantes para a mãe; o Homem-Deus encarnava-se no corpinho gentil de um recém-nascido, tão alvo como a espuma do Jordão. Quando as gerações que o procuravam para curvarem-se diante dele o miravam, seus olhos pareciam falar, seus lábios pareciam abençoá-las.

Com ele foi, então, verdadeiramente, a mulher constituída. As atenções, os cuidados, as carícias de Maria-Mãe eram inimitáveis, e José em pé, em frente ao pobre berço de seu filho, contemplava a mulher com admiração e veneração, e o filho com um amor íntimo. Essa santa família viveu na mais completa paz doméstica até que a maldade dos homens se acendeu contra ela, e o Homem Santo declarado impostor, porque queria reformar o que havia de mau, destruir a superstição, ilustrar a inteligência, fazendo os homens pensar; mas como uma tal tensão era tão alta e soberana que o seu desinteresse espantava os homens, martirizaram o Sábio e deram-lhe em recompensa uma Cruz para expiar o seu atentado.

Ele veio, apareceu entre a humanidade, sofreu como um atleta e morreu como justo, depois de haver contemplado tristemente sua mãe e tê-la feito sentir toda a superioridade do seu sexo.

Maria foi apresentada aos séculos do porvir, como uma mulher exemplar.

Tinha-se fundado o cristianismo, a religião da sábia reforma, e devia como boa semente germinar, crescer, desenvolver-se. Em todos os ramos da sociedade pedia-se ilustração, e ela era ministrada pelos cristãos, porque eles eram os apóstolos da humanidade, deixados na Terra por Cristo para levarem a bandeira da emancipação às nações, que estavam surdas aos clamores da sua consciência.

Antes de aparecer Cristo, tudo era mentira e traição, e Ele espalhou suas sentenças de filosófica virtude para riscá-las.

Longo tempo se debateu o cristianismo em convulsão indecisa; por fim a palavra do Evangelho venceu a maldade, e os homens





como que despertados de um sono começaram a sentir e a pensar, isto é, quiseram ser homens; e Cristo que havia apresentado Sua mãe como o tipo das mulheres, para quem Ele tivera sempre o amor de um santo Filho, queria que a *mulher* fosse tida e avaliada na humanidade como um ente privilegiado.

Não analisemos, porque seria repetir verdades que ninguém nega, mas perguntemos a todos os homens que pensam:

Não será a mulher tão predestinada à liberdade do pensamento e da ação, como o homem?

Vós, homens, que lhe roubais a liberdade, confias-lhe vossos filhos para modelá-los pela educação, e não credes que quem pode ser apta para educar, não possa ser livre?

Vós, que lhe dás tanto, não lhe dás alguma coisa do que é vosso?

A mulher não quererá de vós mais do que o cumprimento dos vossos deveres, sede virtuosos; a mulher nada vos quer roubar, mas dá-lhe a instrução, e não a vaidade.

Como não é sublime e singular uma mulher cheia de instrução e da religiosidade que lhe é sempre natural, no exercício das suas sagradas funções de esposa e de mãe! Ela educa e forma o homem, o homem apenas cuida depois na continuação daquilo que a mulher organizou, e, entretanto, os direitos só pertencem aos homens!

Não queremos nada formar de novo, não, não é nossa ideia, apenas compulsamos com o raciocínio as nossas crenças religiosas, e argumentamos com os princípios de justiça. Nós vamos muito longe, e, sem nos ser difícil, veremos que a prepotência do homem deve, no progresso da civilização, ser insuportável; que está ele numa continuada contradição consigo mesmo, e que a mulher deve um dia na luz radiante de seu espírito, depois de ilustrada, apresentar-se ao mundo tal como lhe cumpre. A mulher do cristianismo não pode e não deve ser como a escrava do sensual e ignorante maometano.

A sabedoria de Jesus Cristo tinha mostrado para que havia sido criada a mulher, a quem se deveria sempre ligar a ideia do amor; e logo que esse amor forma a base fundamental do cristianismo, claro é que a mulher é o SÍMBOLO DO CRISTIANISMO; entendamo-nos: não a mulher tal como tem sido quase geralmente apresentada, mas aquela que, partilhando a instrução do homem, for uma mulher superior e digna de preencher o lugar que lhe é destinado pela natureza e a religião.

A perversidade dos costumes, a sensualidade e a soberba, é que tem separado do homem o destino social da mulher; fácil, porém é de conceber-se que quando a mulher for inteira companheira dos direitos do homem, poderá a sociedade dizer-se ilustrada, porque se é a mãe sábia que constitui o homem útil aos homens, todos os homens, pois, devem à mulher, sem a qual não seria possível a educação.

Há uma linguagem que só as mães podem falar, uma linguagem que é, por assim dizer, o ímã que se deposita na alma do menino, para que possa ser posto em movimento pelas potências ou relações externas; este ímã é o conhecimento de si próprio, e por consequência o princípio da faculdade de raciocinar, sem raciocínio homem nenhum se diria homem, assim, logo que é ele preciso, logo que é a mulher aquela que lhe dá em partilha, segue-se que é a mulher única, a verdadeira motora na humanidade.

XI

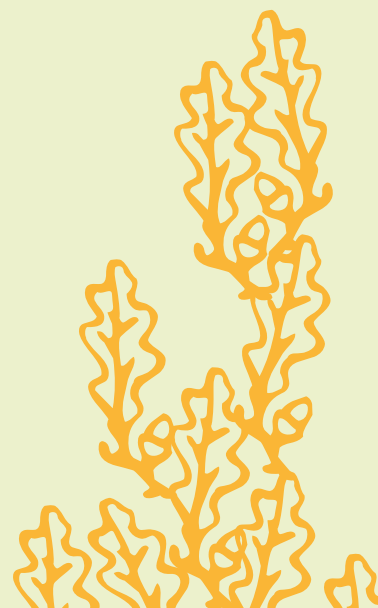
A humanidade tem, pois, na mulher, o símbolo do seu progresso. Mas a mulher nasce apenas destinada para o seu fim, não formada; se os homens lhe negarem os meios para a sua ilustração, negam o que há de mais necessário à sua existência, e a sociedade será destruída pela corrupção, porque a mulher, não sabendo desempenhar os seus deveres, deixa apenas homens meio

formados, ou nada aptos a se conhecerem, e então de tudo escarnecerão eles, escarnecendo de si próprios.

A verdade mais incontestável é, que a mulher é, como o homem, apta para os trabalhos da inteligência e seria absurdo supor o contrário, quando à delicada sensibilidade que elas juntam ao seu espírito as torna por muitos títulos superiores ao homem, por isso que tem mais clara concepção. O homem é preciso acostumar-se para compreender, a mulher só basta sentir.

XII

Estamos, pois, no período em que a verdade de Deus veio, por meio da sábia filosofia de Jesus Cristo, emancipar a humanidade. Parecia que tudo tinha chegado ao auge da necessidade; e ou a humanidade ficaria para sempre perdida no meio dos seus erros, ou seria vencida pelo espírito elevado de um homem, cuja santidade tem na terra um nome entrelaçado em coroas de séculos.



Com a redenção do homem, parece ser consecutiva a redenção da mulher; pois que ela, A MÃE DA HUMANIDADE, sem haver reclamado os seus direitos, tinha em Maria, a humilde, a advogada que pedisse, mas suplicando, que mandasse, mas rogando, o lugar de verdadeira mãe.

O mundo sorria-se no seio da mãe cristã; a mãe cristã formava de seus filhos uma família, que rezava diante da cruz, depois de explicar-lhe ela o admirável LIVRO DA CARIDADE.

Então é que os homens começaram a sentir o quanto era a mulher digna de adoração; porque nos debates da religião pagã com a cristã apareciam, de dia em dia, virgens apresentando seu corpo imaculado, ou ao fogo, ou ao cutelo do algoz. Morriam em sua fé; e os séculos que vieram designaram-nas como santas — que é precisamente desse singularíssimo composto de martírio, que o catolicismo formou a grinalda religiosamente artística, com que os seus templos são coroados.

Já a terra se harmonizava com os cantos dos salmos, já ela, ataviada com galas simples, parecia ver no sol que se levantava uma cruz dourada com o seu CRUCIFICADO, indicando assim ao mundo inteiro que era para ele cristão; já a mulher revestida do seu divino sacerdócio embalava o filhinho com cantos do Céu, tão simples como a alma pura do inocente, e ia depois cuidar naquilo que se chama *família*; já o homem de braços cruzados,

em pé, à porta feliz da sua casinha, contemplava o quadro mi-moso da sua vida repartida ali. E abençoava com o trabalho a sua indústria, que os homens alimentavam no seu seio; alguns começavam a desconhecer a verdade desta simplicidade santa, e imaginavam novas reformas, novos erros.

O homem é incorrigível; cai no erro mil vezes e mil vezes o Criador lhe aponta o verdadeiro caminho.

Tudo se exagera, mesmo o pensamento mais divino; por isso, à proporção que marchava a sociedade para o progresso, novas cabeças não contentes com o que já havia, caíam de erro em erro, de exageração em exageração, e conseguiram dar uma nova forma às santas instituições, que colocava a mulher a par do homem com o que satisfeitos deviam estar. Esses entusiastas, homens incapazes da persistência, não quiseram ver na mulher mais essa santa companheira, essa irmã de Maria, simples e humilde; mas elevavam-na a um mundo, onde ela não podia viver, porque era um mundo de incertezas e de escura poesia ora, a mulher é filha do cristianismo, que é o sol das crenças, que é a verdadeira luz, ela ama mais a luz, e por isso não poderia viver no mundo mentiroso de alguns poetas; por isso a veneração que se lhe tributava no século de que falamos, era uma veneração precíval, que o espírito de família, por verdadeiramente real, mostrava a impossibilidade de possuí-la.

Achamo-nos no palco façanhoso da meia idade.

Era a época entre a guerra da cruz e da meia lua.

Entre cristãos e maometanos.

XIII.

Tudo quanto o espírito humano pode fantasiar de fabuloso, de grande e de extravagante, acha-se esculpido nos pórticos góticos desse tempo.

A cruz era levada no meio dos soldados; e assim tinha a divisa da humanidade chegado a se salpicar de sangue de batalha! Fazia-se a catequese, não por meio da doce persuasão evangélica, mas com a espada em punho. Mandava-se, não se pedia.

Poderá haver alguma coisa onde esteja a verdade misturada tão heroica, tão poeticamente com os erros e abusos?!

Por isso intitula-se este o período — *maravilhoso*.

E já que a cruz servia para a batalha sanguinolenta, a mulher que é, depois da cruz, o símbolo também do cristianismo, assistia aos ensanguentados torneios, para ao depois da liça, ir premiar com trêmula mão o guerreiro apregoado pelos seus feitos.

Eis pois a mulher guerreira.

Os homens cantavam-lhe hinos, mas como se elas participassem também das suas armaduras; de forma que em lugar de se continuar na sua emancipação cristã, era ela ao contrário posta na sensual dependência de um amor romântico, extravagante, e incapaz de formar uma mãe.

Os homens foram sempre cegos, por isso que eles sempre cuidaram pouco na educação que faz o homem pensar.

Eles não concebiam que a sua companheira, não deveria ser igual à uma escrava estúpida e sensual, não. Davam o exemplo pernicioso com uma vida cheia de inconvenientes e perigos; e com uma tal vida, não se pode formar uma família, que tem tanta necessidade de uma mãe como do seu companheiro.

De certo não era aquela vida errante e perigosa, que convinha à educação do coração da Mulher.

XIV

Vemos, pois, no decurso dos tempos a mulher constituída diferentemente do que o era no tempo da revelação.

De então até os nossos tempos tem vivido a mulher, mais ou menos sujeita aos preconceitos da humanidade. Os poetas, os mais perigosos incensadores da beleza física das mulheres, não pouco tem contribuído para a sua vaidade e corrupção; como se

em um verso não coubesse um pensamento muito mais elevado do que banais e sensuais elogios a aquilo que não é a alma. A Sociedade das mulheres, desde a meia idade até nós, tem quase que exclusivamente sido como uma galeria de belas estátuas, onde se olha mais para a posição, para as roupagens, para os contornos, do que se pensa na concepção de tais produções. Tem-se ensinado a vaidade, a sensualidade, a corrupção, mas tudo é tido pelos homens como progresso.

A ignorância, oh Deus! até foi assinalada à mulher, porque até o século XVIII ela não podia pensar, nem o sabia. De tão estúpida, quanto criminosa organização, deram os Espanhóis e Portugueses os mais vergonhosos exemplos, onde até mesmo aqueles que eram encarregados da religião em ação, pregavam nos seus púlpitos a ignorância às mulheres, e no entretanto na América, na África, e na Ásia se espalhavam os seus catequizadores.

XV

Falemos da mulher, tal como o nosso coração jovem a sente.

Anjo, ou fada, ou ilusão, ou santa tudo nos parece ser ela; mas quando o seu espírito educado a adverte dos seus próprios sentimentos, da sua superioridade; porque aquela que não tem uma alma delicada, não saberá dar conta das suas virtudes e não

saberá reprimir um insolente dito daquele, que a considera mais como uma bonita mulher, do que como uma virgem casta e mimosa.

Uma mulher educada nos mais sãos princípios de sua mãe, uma mulher religiosa e cheia de instrução, é, sem dúvida alguma, um ente que pode dignamente caber no ansioso coração de um homem virtuoso. Oh! Então ela, habitará tão meigamente a alma; tudo quanto for beleza sua, é pela imaginação pintada com mais vivas cores; tudo quanto for um dito seu é um eco que se demora longo tempo dentro em nós; cada movimento de seu corpo é como o brando movimento de uma ilusão, é como a passagem de uma para outra ideia, é como uma pulsação do nosso coração, que é só dela.

A mulher assim toma o homem venturoso e ilustrado.

Por ela, pela virgem dos seus sonhos, ele estuda as suas inclinações, corrige as más e exercita-se nas melhores. Por ela, por esse anjo de espírito e doces sorrisos, ele estudará a história





da humanidade, e quererá ser um homem útil, sendo sábio. Oh! Por ela, só por ela, ele tudo será!

Nas horas da amargura, quando cansado o espírito das injustiças que sofre, ele, olhando para o céu para orar a Deus, a vê lá mesmo como uma dimanação da Divindade, e acha conforto na sua religião, porque *Ela* é a sua religião; *Ela* é também a fé de Deus, uma *Deusa*; *Ela* é o seu espírito, o seu coração, a sua alma, a sua existência; Ah! Tudo isto é só *Ela*.

Quando essa virgem for um dia sua esposa, a mãe de seus filhos, e ele carregado de anos e de cansaço sentar-se no meio dos seus para sentir-lhes o amor, lembrando-se ainda do que fora *Ela*, exclamará com entusiasmo divino: *Foste tu, tu mesma, que me deste o céu em que vivo!*

Ah! Quem não amará uma mulher assim?

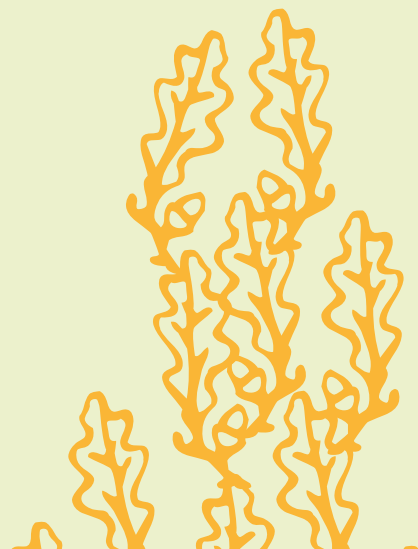
XVI

Concluamos.

Mostramos a mulher em todas as idades, em todas as transições humanas, sempre dependendo do destino que o homem lhe dá.

No século em que existimos, alguns países adiantados, compenetrados de tantas verdades e querendo ainda remediar males, que aliás iriam de geração em geração, têm dado à mulher mais liberdade, dando-lhe a instrução, instrução igual à do homem.

Deixai, pois, que a mulher siga o impulso do seu coração, deixai que os livros e os professores sejam também seus, franqueai-lhe o interior dos vossos institutos, para verdes o seu espírito brilhar. Deixai que estude a mulher até os vinte anos; mas não lhe dêis o título — Senhora — sem que ela vos tenha inteiramente provado que é digna dele; Ah! Pensais que uma menina de dezesseis anos possa, sem outro título mais do que lindos cabelos e lindos olhos, ter direito a uma posição que deve ser agrinaldada pelo saber que é sempre relativo?



.....

25. Nota da
edição: autoria
atribuída.



Que filhos pretendeis dar ao mundo, que de vós reclama cidadãos ilustrados? Pensais que uma mãe ignorante, não deve ser um objeto de compaixão, na sociedade ilustrada do século atual?

Compreendei; não queremos que façais doutores de todas as mulheres; mas dai-lhe a teoria daquilo que todo o homem tem de saber, conforme as circunstâncias e posição de cada um. Pensai; não são nos bailes que se ilustram vossas filhas, mas nos bons, nos ilustrados colégios, ou de preferência em vossas casas. A educação e instrução, que vossas mulheres derem a vossas filhas serão inimitáveis.

Tremei; vossas filhas ignorantes estão expostas a perigos imensos; porque sendo ignorantes, elas não procurarão senão a materialidade dos prazeres banais da sua vaidade, e...

Fazei a mulher com instrução igual à do homem, e os vindouros falarão com respeito desta geração; eis o que é o verdadeiro progresso, aquele que tem de trazer os outros.

Emancipai a mulher, mas não lhe deis a licença; porque a mulher tem tanto direito a *procurar a sua subsistência* como o homem e as famílias não conservarão na ociosidade tantas filhas maiores.

Antes de tudo, porém, bons costumes e instrução.

Artigo: A mulher perante Deus e o mundo

Jornal/Revista: Jornal das Senhoras

Edição: 1852, tomo II, p. 75-133

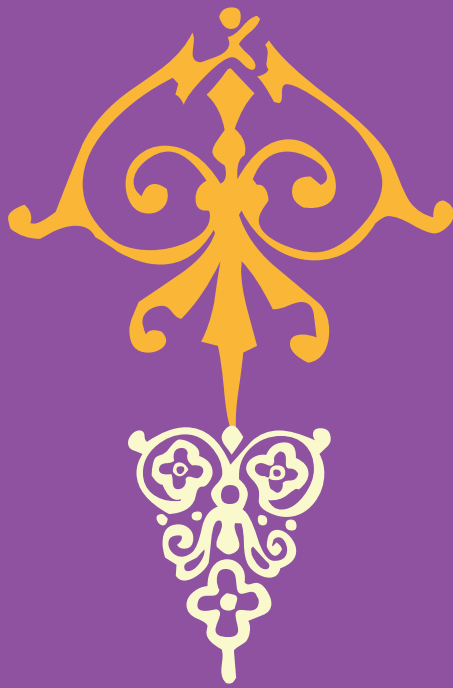
Autoria: Joana Paulo Manso de Noronha²⁵

Transcrição: Laura Nolasco

Acesse o texto original [aqui](#), ou utilize seu celular para visualizar pelo QR Code abaixo:



**A MULHER
PERANTE DEUS**



AS MÃES DE FAMÍLIA




endo tido e continuando a ter em vista a redatora deste jornal a educação, instrução e elevação do seu sexo, não cessará de repetir sempre: que só quando todas as mulheres tiverem uma educação completa, serão regenerados os costumes de nossa sociedade. Nesse empenho, sempre que lhe for possível, oferecerá ela às leitoras artigos como o que se segue.

Vindo a Sabedoria Divina em pessoa, descendo do céu à terra o Ser mestre dos homens, a nova cadeira que Instituiu nesta grande universidade do mundo e a ciência que Professou foi só a de Ensinar aos homens serem justos e santos.

A retórica, deixou-a aos Túlios e aos Demóstenes; a filosofia aos Platões e Aristóteles; as matemáticas aos Ptolomeus e aos Euclides; a medicina aos Apolos e aos Esculápios; a jurisprudência aos Solões e aos Licurgos; e para Si Tomou só a ciência de ensinar a salvar e a fazer santos.

Pois bem, mães de família, à imitação do Divino Mestre sejamos na terra, a continuação de sua santa missão. Eduquemos nossas filhas, escolhamos para elas preceptores capazes de ensinar-lhes as disciplinas que soem ser ensinadas aos homens, a fim de que possam



elas buscar meios de subsistência, ao menos proporcionados às suas mais imprescindíveis necessidades.

Ministremos-lhes nós mesmas a tríplice educação, isto é, robustecemos-lhes o corpo por meio de uma perfeita higiene; o seu intelectual, desenvolvendo-lhes as faculdades por meio da atenção, e formemos-lhes o coração pela doutrina, santa e justa, que o Divino Redentor nos Ensinou.

A razão e propriedade do nome, diz Aristóteles, consiste em ser uma definição da natureza e essência do seu significado, isto é, daquilo que exprime. A palavra “mãe” simboliza autora da vida de um ente, e pois, deve reproduzir-se nesse ente; e se assim é, que sentimento e desgosto para nós, não deve ser o acharmos mil vícios e defeitos nos homens, os quais não são outra coisa que a reprodução do nosso eu?

Para educarmos nossas filhas não precisamos de mais que sermos virtuosas, porém para instruí-las necessitamos de mais vasta instrução do que a que temos tido até hoje, e pois, se presentemente não a temos, podê-la-emos ter mediante as três virtudes:

Fé, Esperança e Caridade.

Fé, em Deus, que há de melhorar a nossa sorte; Esperança, em nossos esforços; e Caridade perdoando aos homens o descuido e nenhuma atenção que tem a nossa instrução merecido, ao governo deles.



26. Autoria
atribuída. N.E.



Artigo: As mães de família

Jornal/Revista: O Sexo Feminino

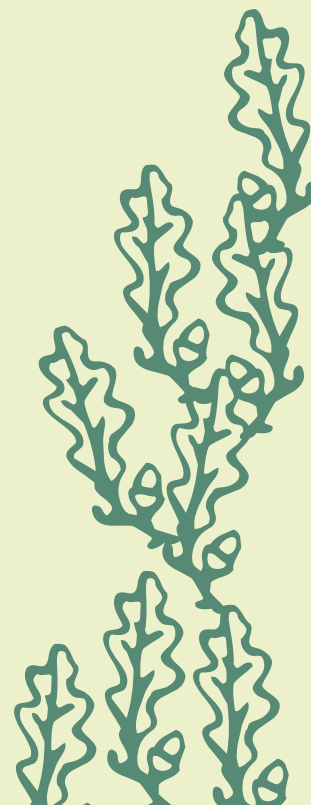
Edição: 1874, nº 29, p. 01-02

Autoria: Francisca Senhorinha da
Motta Diniz²⁶

Transcrição: Íris Ladislau



Acesse o texto original [aqui](#), ou
utilize seu celular para visualizar
pelo QR Code abaixo:



A RACIONAL EMANCIPAÇÃO DA MULHER



.....

27. A palavra no original é “precinetes”, entretanto, essa palavra não foi mantida no corpo do texto, pois, possivelmente, trata-se de um erro tipográfico, vez que tal vocábulo não existe em língua portuguesa. N.E.



riando em 7 de setembro de 1873 um periódico hebdomadário com o título supra; jornal dedicado aos interesses da mulher, vimos com prazer completar seu 1º ano, sem que sofrêssemos nenhuma contrariedade, e ao contrário tivemos a satisfação de ver que nossas ideias foram aceitas e louvadas pelos bons pensadores e amigos do progresso.

Por motivos justificáveis tivemos de interromper por alguns meses a publicação de nossa folha, mas agora continuamos animosas no bom acolhimento que ela terá, deste povo fluminense, sempre entusiástico pelas ideias de progresso. A redatora tudo espera das Senhoras, não só da corte, como das províncias, para a coadjuvação e sustentação da folha e da ideia, oferecendo desde já suas páginas a todas aquelas que as honrarem com seus bem elaborados escritos, nos preceitos²⁷ do programa.

A redatora deste jornal, não perde de vista seu assunto principal, e o fim com que o redige, esperando sempre que os primeiros vislumbres de luz aumentem pouco a pouco, e o que hoje é julgado utopia, sonho irrealizável, etc. breve se mudará em brilhante realidade.

Porquanto, oferecendo-se-lhe ocasião não perderá de aplicar os meios que a sua inteligência sugerir, para conseguir o êxito desejado. Os resultados obtidos simplesmente pela força de vontade que hão conseguido desde muitos séculos, os grandes homens da ciência e das artes, animam-nos a prosseguir nesta gloriosa missão, a qual de pugnar pela racional Emancipação da mulher, adquirida pela tríplice educação: – Física, moral e intelectual. Vemos que depois da educação física a que devemos seguir é a moral, ou antes digamos: a educação da alma. Sem seu auxílio, as melhores inteligências nunca poderiam idear o infinito, o belo, o moral, o verdadeiro, o santo e o justo. No começo da vida tudo nos fala à alma; e sua linguagem é a do amor e da virtude. Como dizem os perscrutadores da natureza humana: *Não há crenças más*, os exemplos inconvenientes à infância e as más educações são que dão causas a perversidades de algumas crenças, e de muitos homens.

Vemos quase sempre sair de inteligências assaz notáveis, frio egoísmo e atrozes crimes, enquanto que, de corações virtuosos só atos de humanidade se nos hão mostrado.

Tudo depende de Deus, mas por ordem d'Ele mesmo, o sermos bons depende de nós mesmos, de nossos pais ou educadores. Mais de uma vez temos dito neste nosso jornal, aos legisladores, que eles necessitam de sábios para instruir seus filhos, nas ciências nas artes que até hoje hão sido vedadas ao nosso sexo, porém, para reconstruir um mundo civilizado, sobre as bases da moral, bastar-lhes-ão boas mães de família e educadoras. Devem ter toda a certeza de que não haverá progresso possível na moral do gênero humano, enquanto não se convencerem, os mesmos, da necessidade da educação das mães de família; do auxílio que elas podem prestar, da sublimidade dessa potência encantadora e salutar de que elas dispõem. É o orgulho desmedido que os domina, que estorva e que veda adoção de medidas aplicáveis ao desejado *desideratum*; porém esperamos ainda que alguma modificação será feita em seu orgulho. Semeemos. Com efeito deve-se semear para um dia poder colher-se. Com paciência e tempo a folha da amoreira se muda em cetim. Esperamos que homens mais eminentes não desdenharão nossas ideias e imperfeições. Temos fé que eles empregarão seus esforços em dar-lhes o último remate.

Uma infinidade de pesquisas aparentemente destituídas do menor interesse, servirão de base a teoria ou métodos que posteriormente darão resultados da mais evidente utilidade prática.

Felizmente vê-se que os homens hoje já creem naquilo que há muito deveriam ter acreditado, isto é, que a mulher, deveria entrar no plano geral da concorrência da civilização. O que seria do mundo se as raras inteligências, que alargam a esfera dos humanos conhecimentos, se Sócrates, por exemplo, Aristóteles, Galileu, Descartes e muitos outros, tivessem parado em frente das crenças gerais do século em que viveram?

Se assim houvessem obrado, teriam mergulhado a civilização nas trevas da ignorância, da idolatria, e da escravidão. Debalde, pois os rotineiros protestem contra a ideia e programa desta folha a Emancipação racional da mulher, suas opiniões ficarão isoladas em frente do progresso da atualidade, e esmagadas pelo pequeno número de adeptos. Sexo forte, desculpai-nos a ousadia de nos dirigirmos a vós: a dor não tem discernimento. Não considereis as nossas ideias, vãs utopias; em nossos artigos escritos o ano passado, neste nosso periódico hebdomadário; artigos em que vos mostramos claramente quão alto falam os fatos, provamos que a necessidade da educação da mulher é uma das mais palpitantes, e que para preenchê-la não há outro meio que não seja o adotado pelas nações que

hão volvido suas vistas para este assunto; isto é, de seguir o exemplo da Suíça, onde 250 senhoras receberam o grau de doutoras em medicina; da Rússia, onde foi concedida a faculdade de poderem as senhoras de mais de 19 anos frequentar as academias; de Helsingfors, capital de Finlândia.

Lá, no ano passado, tratava-se até de organizar um estabelecimento de ensino superior para as mulheres, o qual teria o nome de Academia das mulheres, e o mesmo dá-se nos Estados Unidos, Paris, etc., etc.

Enfim, a ideia principal é a de abrir todas as carreiras ao nosso deprimido sexo. É tempo de reparardes a injustiça que nos haveis feito, conservando-nos trancadas todas as portas dos estabelecimentos do ensino superior. Ouvi-nos! Temos até aqui sofrido resignadas toda a sorte de humilhações e de injustiças. Agora, porém que a taça transbordou, ousamos levantar nossas débeis vozes pedindo-vos, repitamos: — reparação dos vossos erros e de vossas injustiças. A mulher tem sido oprimida, escarnecida, ludibriada; tem vivido quase que semimorta, e, o que é mais, não haveis considerado que aviltando-a, humilhando-a, conservando-a na ignorância fica ela sem a força de que carece para resolver o mais difícil dos problemas sociais — o da Educação dos filhos; problema confiado só a ela pelo próprio Deus.

Tudo quanto havemos dito, e o que lemos nos diversos noticiários, animam-nos a conservar em nossos corações a crença de que será aceita nossa ideia, ampliada e posta em prática. É chegada a época de reformas. Vemos despontar nos horizontes de várias nações uma nova era de prosperidade e de justiça para o nosso humilhado sexo. Vemos que a força do direito desta parte da humanidade oprimida pelo direito da força do forte contra o fraco, vai começando a ser aqui e ali reconhecida. Com prazer anunciamos às nossas conterrâneas os progressos que nossa ideia tem feito em diversas nações. Lembremos aos nossos concidadãos que, o sexo fraco não necessita de palácios, solidamente construídos, para neles serem recebidas e educadas nossas filhas, as filhas do povo. O que necessitamos é de serem fundadas casas de educação, e dirigidas por hábeis Senhoras, com internato para a classe desfavorecida da fortuna; para as filhas do povo, sobretudo as que forem sem mães; ou que tendo-as não só, não queiram educá-las, como devem, como não o possam por qualquer motivo. Por último, pedimos, aos legisladores, ao governo, aos nossos concidadãos e com especialidade às mães de família para que coadjuvem esta nossa ideia a bem de vê-la coroada de feliz êxito.



Só estas casas de educação são capazes de regenerar os costumes de nossa sociedade. Cuidai, portanto já e já coadjuvar esta instituição.

Ela tirar-nos do estado desolador em que nos achamos.

Cometida, como já constata, esta grande obra de regeneração, é por certo meio caminho andado em tão auspicioso empreendimento.

É pelo estado civil das mulheres que, segundo os publicistas, melhor se pode aquilatar a civilização dos povos; e isto é de tal arte assim, que nos países mais adiantados da cultura humana, na Inglaterra e nos Estados Unidos, é que justamente a mulher goza de mais liberdade e desfruta maior soma de direitos.



28. N.E.: O que a mulher quer, Deus quer. (Tradução nossa)

29. N.E.: Autoria atribuída.

A influência da mulher na sociedade fez-se sentir sempre em todas as épocas e em todas as eras; é tamanha a sua importância que segundo a sabedoria prática dos povos, tem-se dito, e se repete ainda hoje: — *Ce que femme veut, Dieu le veut*²⁸.

Artigo: A racional emancipação da mulher

Jornal/Revista: O Sexo Feminino

Edição: 1875, nº 01, p. 01-03.

Autoria: Francisca Senhorinha da Motta Diniz²⁹

Transcrição: Denise Campos

Acesse o texto original [aqui](#), ou utilize seu celular para visualizar pelo QR Code abaixo:



**A MULHER PERANTE
O MUNDO**



A QUESTÃO DAS MULHERES



há alguns dias eu resumi, sumariamente, as reformas já realizadas em favor das mulheres — essas eternas parias — graças aos nossos perseverantes esforços.

Hoje, eu o repito com orgulho, sob o ponto de vista de instrução, nada mais nos resta a fazer; as meninas acham abertas diante delas, não só as escolas primárias e secundárias, mas, ainda os estabelecimentos de ensino superior, tais como os liceus, as faculdades de direito, de medicina e de ciências — e aí recebem os seus diplomas como os rapazes.

França há uma senhora revestida do raro diploma de doutora em ciências.

Mas isto é tudo o que almejamos? Não de certo.

É necessário instruir as mulheres, mas isso não é tudo. O que nós exigimos é o direito comum, é a completa igualdade civil e política.





As reformas que nos restam alcançar se dividem em duas categorias muito distintas; algumas, tais como a igualdade civil e a igualdade política que exigem uma reforma das leis, dependem somente do corpo legislativo, e neste caso as mulheres nada podem por si próprias; mas há outras dependências de que as mulheres se poderiam libertar sem o auxílio de quem quer que seja, e somente pelo esforço de sua vontade. E foi tratando dessas dependências voluntárias que eu disse que me devia explicar com franqueza. Com efeito a par das dependências impostas pelas leis, das dependências impostas pelo uso, pelos preconceitos, e pela moda — e se as mulheres não têm a precisa coragem para se libertarem dessas, que somente de si dependem, como quererão que o legislador se deixe convencer da necessidade de abolir as outras? É preciso que as mulheres testemunhem ao menor, que elas se interessam pelas suas prerrogativas; é preciso que pelo menos onde as leis não as obrigam à submissão, que elas deem provas de independência.

A mulher não é somente escrava por lei, ela própria se escraviza voluntariamente, por obedecer

aos usos do mundo; eu já não falo do constrangimento com que muitas senhoras suportam certos *toilettes*³⁰ simplesmente porque é moda — há além disso uma multidão de coisas que desagradam as mulheres e que elas fazem de preferência ao que lhes agradaria tão somente por medo do — o que se dirá.

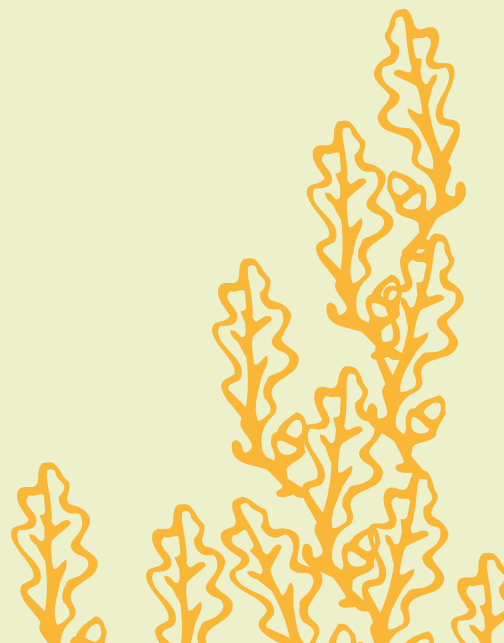
É contra isso que eu reclamo, é contra isso que eu protesto.

Se, seriamente, as mulheres querem ser libertadas da servidão que lhes impõe o código, comecem por se libertar elas mesmas das servidões que lhes impõem os prejuízos mundanos — e por essa forma elas mostraram que sabem ser livres, e que não mais estão dispostas a sofrer qualquer sorte de opressão.

Em vossas mãos está o dardes provas de energia, de coragem e sobretudo de perseverança, não vos inquieteis com os sarcasmos dos primeiros momentos, sede fortes e sólidas, porque só de vós depende o que ainda nos resta a conquista, e o sucesso coroará os nossos esforços.

.....

30. *Toilettes*, aqui, refere-se aos hábitos de higiene. N.E.



Artigo: A questão das mulheres

Jornal/Revista: A Família

Edição: 1892, ed. 130, p. 01.

Autoria: Josefina de Azevedo

Transcrição: Victória Zanette

Acesse o texto original [aqui](#), ou
utilize seu celular para visualizar
pelo QR Code abaixo:



O QUE QUEREMOS?



natural que mais de um desses espíritos retrógrados que compõem nossa atual sociedade tenham feito esta interrogação. É bem provável que os indiferentes, os pessimistas, e os cegos por vontade, igual pergunta se tenham feito.

Força é responder-lhes.

É fato por demais averiguado, que os homens se têm descuidado de ornar o espírito da mulher, contentando-se em enfeitar-lhe o físico, lisongeando-lhe a vaidade.

É inegável que a mulher (salvo poucas exceções) vive na mais completa ignorância de seus direitos, desconhecendo até aqueles em que a legislação do país a considera solidária — qual é a outorga na alienação de bens imóveis.

Quantas mulheres casadas ignoram que o marido não pode dispor por maneira alguma de um imóvel do casal sem seu especial consentimento?

Quantas, em tais negócios, não são iludidas por esses maridos, que as arrastam para assinar uma escritura pública, em que elas maquinalmente rabiscam sua assinatura?

Quantas não vão por aí escrever por seu próprio punho uma sentença de condenação contra todo o seu pecúlio, que tanto custou a ganhar a seus pais, mas que seus maridos esbanjadores comprometem por dívidas que mais das vezes não foram contraídas em benefício do casal?

O estado de crassa e supina ignorância em que jazem as mulheres, as mães de famílias, sempre enganadas por seus maridos, faz com que muitas vezes elas deem-se na suposição de serem ricas e acordem outro dia na mais triste realidade de que não possuem coisa alguma, e são pobres e paupérrimas, porque seus maridos esbanjando o patrimônio, estragou-o, entregando-o aos credores que com a lei na mão vêm reclamar o seu direito?

Só então é que tais mulheres se apercebem do abismo que têm diante dos olhos!

E não é muito de estranhar que tais maridos em ocasiões destas coroem a obra de suas trapaças, abandonando mulher e filhos!!

Muitos maridos sentem que suas mulheres não tenham instrução para, em sua ausência, tomarem a si seus negócios, pondo e dispondo como eles próprios o fariam.

Outros maridos há que bendizem essa ignorância, e dão graças à sua sorte, de que suas mulheres não entendam de seus ne-

gócios, de negócios, como eles dizem em que as mulheres não se devem intrometer!

Quantos pais por aí não vivem em labutar desabrido para preparar um dote a suas filhas e depois entregá-la em corpo e alma a um genro que pouco se lhe dá em esbanjar esse dote que obteve por meio do casamento que para ele não foi um fim, mas sim um meio de se obter fortuna sem trabalho?

O fim do casamento na sociedade nunca foi outro senão legitimar a união do homem com a mulher, para que assim unidos vivam e se amem, como Cristo amou a sua igreja.

Porém, nesta sociedade corrupta, sem moral e sem religião, o casamento é um meio de fazer fortuna, é o fim a que se propõe o homem malandro que não quer trabalhar, e que qual volantim de nova espécie quer dar saltos mortais para apanhar um bom dote, não importa que seja de moça bonita ou feia, velha ou viúva rica; tudo lhe serve.

Desvirtuado assim o fim social do casamento, desaparece com a maior facilidade o amor à família, aos filhos e à pátria.

Preparem-se, pois, as meninas para estes embates de fortuna; deem-se-lhes educação e instrução, que elas quando casadas, solteiras ou viúvas, desde que conheçam os seus direitos, poderão também adivinhar pelo rosto as intenções e o coração daquele ho-



mem que se propuser à sua mão, tomando-as por suas esposas.



Respondendo, portanto, à tese deste artigo, diremos que:



Queremos a nossa emancipação — a regeneração dos costumes;

Queremos reaver nossos direitos perdidos;



Queremos a educação verdadeira que não nos têm dado a fim de que possamos educar também nossos filhos;



Queremos a instrução pura para conhecermos nossos direitos, e deles usarmos em ocasião oportuna;

Queremos conhecer os negócios de nosso casal, para bem administrarmos-los quando a isso formos obrigadas;

Queremos enfim saber o que fazemos o porquê e o pelo quê das coisas.

Queremos ser companheiras de nossos maridos, e não escravas;

Queremos saber o como se fazem os negócios fora de casa;

Só o que não queremos é continuar a viver enganadas.

.....

31. Autoria atribuída.

N.E.



.....

Artigo: O que queremos?

Jornal/Revista: O Sexo Feminino

Edição: 1873, nº 08, p.01.

Autoria: Francisca Senhorinha da Motta Diniz³¹

Transcrição: Denise Campos

.....

Acesse o texto original [aqui](#), ou utilize seu celular para visualizar pelo QR Code abaixo:



MULHER E LIBERDADE

A sociedade sem liberdade é um suplício.

VOLTAIRE – Carta ao rei da Prússia.



antes de entrar em matéria, permiti-me abrir um parêntese e explicar, segundo os meios de que disponho, o que se entende por liberdade. Essa palavra, alma dos grandes trabalhos, objetos de grandes sacrifícios, a liberdade que todo o mortal deseja ou abraça, este sentimento que vive em todos os corações e cujo nome sagrado e venerado, embora em silêncio, quantas significações não tem ela?

Entretanto, creio que o seu sentido mais próprio é a “condição do ser que não pertence a senhor algum” podemos também defini-la assim: livre arbítrio, faculdade que tem o ser de fazer o que lhe convier.

Mas por liberdade pode-se entender por ventura o ócio, a despreocupação, isto é, o estado em que se não é útil a si mesmo nem aos outros?

Não! A liberdade pode compreender a faculdade de escolher entre fazer uma coisa de preferência a uma outra; mas nunca pode significar negação de ação, e a razão é que, se liberdade significasse ócio ou faculdade de nada fazer, sendo o homem naturalmente inclinado à preguiça, a sociedade estaria ainda no gênesis da sua civilização. A última acepção da palavra liberdade é, pois, rejeitada pela obrigação que todo o ser tem de trabalhar para o bem-estar da grande família humana.

Além das definições expostas é certo que a palavra que me serve de assunto pôde ser tomada em grande número de sentidos, todavia eu creio que suas significações podem ser reduzidas a três:

- 1.º Liberdade natural, ou a do ser (compreende a espécie).
- 2.º Liberdade civil ou a do cidadão.
- 3.º Liberdade política ou a do povo.

Referindo-me a liberdade natural me ocuparei somente dela.



Em uma das definições que acima dei da palavra de que é objeto este artigo, avancei que liberdade não podia significar faculdade ou livre arbítrio de nada fazer, pois que a ela está ligada a ideia de ação. Visto que a ação traz consigo a ideia de responsabilidade de um autor, e que a mulher, que faz parte da constituição da humanidade, “assume uma responsabilidade igual à do homem perante a sociedade, ela deve, pois, gozar dos mesmos direitos do que foste porque não há lei que naturalmente não apresente duas fases, que não há decreto ordenando, sem o seu corolário que proíbe, porque não há edito que impõe sacrifícios sem conceder ao mesmo tempo privilégios.”

Mas onde estão os benefícios que a lei que nos carrega de impostos nos concede?

“*No taxation without representation*” disseram os norte-americanos, e de lá surgiu a revolução cujos resultados nos são bem conhecidos.

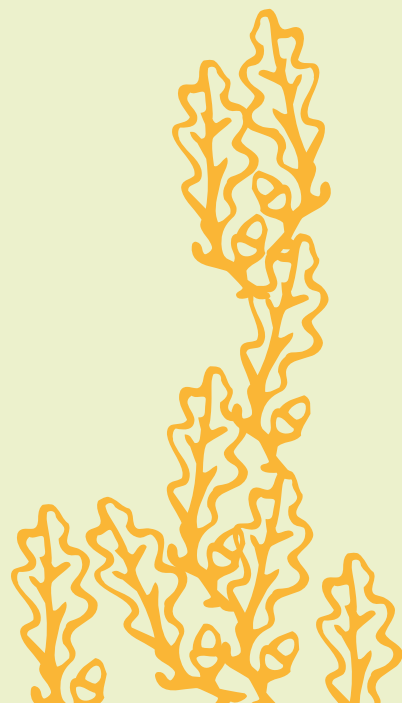
Esta lógica pôde fazer crer em uma pretensão a impelir a reivindicação da liberdade feminina até a revolta, longe de mim tal intenção, porque a revolta a pé firme não seria senão a revolta permanente, e eu sou tão oposta à guerra civil no lar ou no casamento, como à guerra intestino no Estado.

Entretanto é inegável que o homem que reconhece a responsabilidade da mulher, não somente restringe os seus direitos, a sua liberdade natural, mas ainda muitas vezes os frutos quando sem Ela a humanidade seria ainda nascente o que prova a realeza feminina tanto como a masculina.

A Providência os criou ambos, e os fisiologistas de nossos dias, reconhece-lhe tantas aptidões como ao homem.

A sua organização física permite-lhe, quando cuidada e acostumada desde a meninice, a resistir no campo ao lado do seu marido, aos raios ardentes do sol no momento das colheitas, de perder-se nas entranhas da terra, onde ela extrai o carvão junta ao seu irmão, mineiro, de medir suas forças musculares as do homem na forja, fabricando a arma que mata e nas impressões onde partem as ideias que vivificam as suas faculdades.

A matéria encefálica masculina por acaso estaria constituída de outros elementos do que a nossa? As suas divisões estariam diversas e estas



diminutíssimas diferenças do volume do crânio que Sappey mencionou fariam diferença?

Mas em que sociedade escolheu ele as dezesseis mulheres sobre quem ele tomou as medidas, e que exercício mental é permitido a mulher para desenvolver o seu cérebro? E mais ainda explica o anatomista porque o cérebro de Voltaire o grande filósofo era muitíssimo mais leve do que o do louco Jorge III de Inglaterra e a contradição que a análise provou haver entre as declarações de Bichat que professava a necessidade de inteira igualdade e simetria nos lóbulos cerebrais e que entretanto possuía lóbulos de volume absolutamente diferentes?

Não, a ciência não se presta mais a fornecer destas desculpas e mais ainda, as provas em contrário amplamente manifestadas de nossos dias se erguem, colossos para derribar estes sofismas. Se o homem possui a razão a mulher a possui igualmente; a imaginação é tão forte no belo sexo como no sexo que se denomina de forte; à mulher não falta a memória; a vontade, quem pode duvidar que ela não a tenha?

O homem, diz-se em virtude de suas aptidões é chamado a exercer uma outra ordem de funções que a mulher; eu quero ainda que desterreis esta mulher delicada no interior da casa, onde ela deve administrar e educar os seus filhos. Isto quer dizer que este trabalho da mulher não pede tanta intervenção da inteligência como o faria qualquer trabalho do homem? Não; é impossível acreditar que “não seja preciso de tanto bom senso para educar um filho,” para dar-lhe, dia por dia, não só o leite do corpo como o do espírito é impossível aceitar que não seja preciso de tanta inteligência para formar e cultivar uma alma novel como para construir uma máquina ou vender café!”

Vemos, portanto, que o cargo imposto a mulher não é tão simples e fácil pois que é preciso de tanto trabalho para formar um espírito como para fabricar um engenho, que é necessária de tantas aptidões para cultivar a mente de uma criança como para lavrar um campo.

Tratemos de saber agora se a mulher cumpre com as suas obrigações:





Ah! Infelizmente não. Quantas vezes não é a mãe tão cega como a criança que ela dirige! Floresta virgem, ela precisa de ser roteada primeiro e a instrução é o machado que deve arrancar e destruir os abrolhos que brotam no cérebro feminino.

Mas sob o nome pomposo de instrução não se deve entender o título irrisório que se dá usualmente ao Alpha dos conhecimentos.

Entretanto, quantas vezes não declaram os pais estar fechado o livro das ciências às suas filhas quando elas apenas tocaram com a ponta dos dedos as coisas as mais elementares!

Eis essa moça sem ideias ou sem solidez no pouco que tem, lançada no mundo em busca de um marido que a apreciará, talvez, por sua beleza, mas que certamente, nenhum comércio intelectual terá com ela.

Duas pessoas estranhas, incompreensíveis uma para outra, e para quantos anos?

E assim caminha a sociedade, não pensando que é a influência vivificante da mulher que enriquece a choupana e civiliza os povos que é um

fato incontestável que em toda parte o abaixamento da mulher é a prova do aviltamento do homem, que em toda parte o embrutecimento do homem e a reação do abaixamento da mulher, pois a instrução nunca terá raízes profundas se não chegar aos filhos por meio das mães as quais têm tanta precisão de escavar os segredos do livro universal como o homem, mas as quais não lhes concedem direito, nem liberdade, quero dizer que o pai acha penoso gastar dinheiro para educar a filha, mas prodigaliza demais quanto aos filhos, e assim frustra em proveito do outro.

.....

Artigo: Mulher e liberdade

Jornal/Revista: Álbum das Meninas

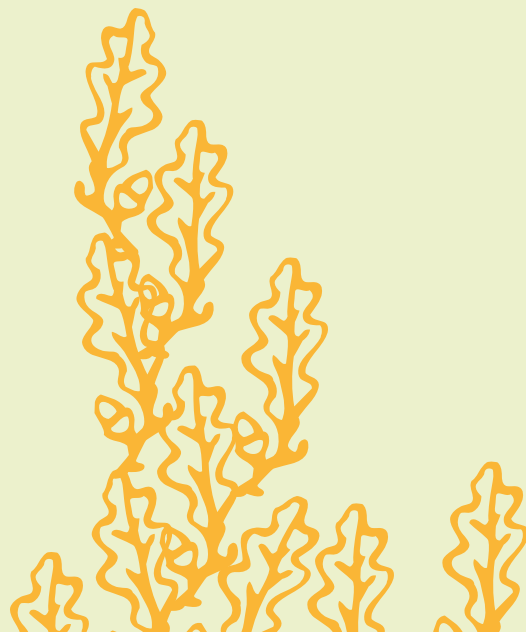
Edição: 1899, nº 13, p. 320-324

Autoria: Maria Rennotte

Transcrição: Íris Ladislau

.....

Acesse o texto original [aqui](#), ou utilize seu celular para visualizar pelo QR Code abaixo:



EMANCIPAÇÃO DA MULHER II



a América do Norte, os nossos direitos políticos vão alcançando os mais elevados triunfos!

Apesar que, a propaganda da emancipação da mulher não tenha tido tão denotadas propagandistas; não tenha sido essa causa tão debatida, como neste país, tem encontrado adeptos dedicados que desejam elevar a mulher, isto é, aquelas que merecem cargos públicos, pela sua ilustração e capacidade.

Desde a elevada posição da magistrada, á humilde ocupação da operária, reputa-se ali como uma vulgaridade no gênero social.

Já não se sente de todo a falta de estabelecimentos dirigidos por mulheres.

Doutoras em direito, medicina, engenharia, jornalistas, farmacêuticas, agrimensores, comerciantes, artistas, tabeliães e outras tantas infinidades de empregos quer nas repartições públicas, quer nos estabelecimentos particulares.

Além de tudo isso agita-se ali uma importante causa que, decerto, vai causar revolução no mundo político.

Referimo-nos à presidência dos Estados Unidos disputada por uma mulher!

Nada mais justo do que isso, desde que os seus dotes intelectuais e a sua posição social correspondam à elevação do cargo, mas assim não pensam nem concordam aqueles que com mais ardor devem pugnar pelo nivelamento da civilização universal, colocando a mulher em posição igual a sua, dando-lhe os mesmos direitos que gozam.

Questão de fino quilate, que decerto vai encher de confusão e vergonha aos espíritos atrasados, essa lição nobre e de adiantamento que há de dar em breves tempos o povo dos Estados Unidos, tão diversos em ideias, neste nosso país que só pensa na elevação do homem, embora sem mérito, negando tantos lugares, que por direito pertencem a mulher!



AS MULHERES CURSANDO A UNIVERSIDADE DE CAMBRIDGE



Morning Post, discutindo o ensino superior das mulheres na Inglaterra, que diz achar-se hoje em condições de poder competir com o dos Estados Unidos, acrescenta que no Reino Unido sobe hoje a 27 o número das mulheres que se acham em condições de poderem desempenhar com grande vantagem elevadas posições sociais, por se acharem formadas e com documento de sua capacidade.

Para mais confirmar semelhante asserção recorre à estatística dos estudos das mulheres na Universidade de Cambridge, exprimindo-se deste modo:

“Os que se interessam pelo ensino superior das mulheres leiam com interesse o relatório anual dos exames da Universidade de

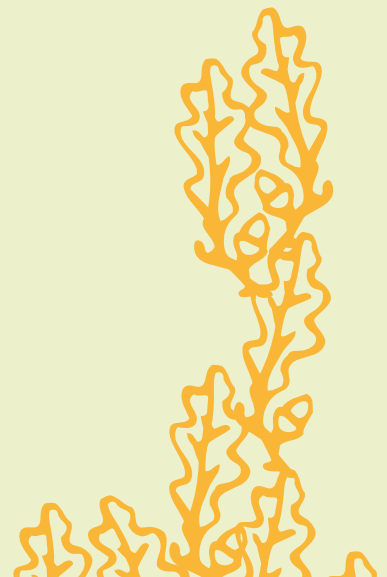
Cambridge durante o ano de 1873, 220 jovens de idade superior a 16 anos fizeram o exame, deixando de o fazer 25.

É um progresso sobre o ano precedente, em que se apresentaram 154 jovens, das quais fizeram exame 132. As observações dos examinadores mostram quanto resta ainda a fazer-se para realizar o ideal universitário.”

Os exames das senhoras versaram sobre latim, grego, francês, alemão e italiano, quanto a línguas, e em matemáticas, botânica e zoologia quanto a ciências.

Em suma é extremamente satisfatório ver-se que o progresso intelectual efetua-se sem perder terreno, e sem que as qualidades femininas tenham de algum modo enfraquecido. A cultura de espírito não faz sair a mulher de sua esfera. Torna-a sim um ser mais nobre, mais sábia, melhor e mais amável.

O nosso império do Brasil que faz timbre em ser submisso imitador da Europa e dos Estados Unidos em todos os progressos, por que não legisla a fim de que as mulheres em nossa terra



.....
32. Autoria atribuída.

N.E.



possam ser graduadas nas ciências mais indispensáveis aos usos da vida?

Será que o governo se arreceia de alguma revolução resultante de ciência feminina?

.....
Artigo: As mulheres cursando a universidade em Cambridge

Jornal/Revista: O Sexo Feminino

Edição: 1874, nº 20, p. 03-04.

Autoria: Francisca Senhorinha da Motta Diniz³²

Transcrição: Íris Ladislau

.....
Acesse o texto original [aqui](#), ou utilize seu celular para visualizar pelo QR Code abaixo:



A MULHER E SUA EDUCAÇÃO



o meio dos mais assombrosos empreendimentos, e da poderosa e esplêndida civilização do último quartel do século XIX, não é por certo para alegrar aos corações patrióticos a deficiente e mal orientada educação que ainda hoje se dá à mulher

Qualquer que seja o ponto de vista pelo qual possamos encarar a sua instrução, reconhecemos que a ideia sempre discutida, sempre debatida da emancipação feminina, que tanto tem inquietado aos partidários do nosso obscurantismo, não passa entre nós de uma vaga e longínqua aspiração.

Ainda que os países de adiantada civilização como a Inglaterra e outros sejam de opinião geral que as faculdades intelectuais, todas as aptidões naturais da mulher são das mais próprias para desempenhar os árduos trabalhos de oficina nas grandes administrações, sendo também capaz de elevar-se pelo pensamento ao nível do homem, nada há porém de mais difícil do que destruir-se a barreira tenaz dos preconceitos estólidos, das convenções errôneas da sociedade, que levanta-se sempre com todas as suas exigências, com todas as suas resistências, para o retardamento de qualquer ideia civilizadora de grande alcance



social. Por entre as irradiações cintilantes de alguns dos raros talentos femininos, que têm surgido entre nós, deixando em sua passagem um rastilho luminoso, contrapõe-se o quadro negro da nossa supina ignorância. E ainda para mais agravar-se uma tal situação, o limitado e superficial ensino que nos dão dirige-se exclusivamente à inteligência, ao passo que a nossa vontade e a nossa sensibilidade, postas à parte, interrompem o seu desenvolvimento e ficam incuravelmente débeis.

Assim mal armadas contra as nossas próprias paixões, mal preparadas para senti-las e dominá-las, quando soa-nos a hora do áspero combate quotidiano, e da reciprocidade dos deveres que temos a preencher na sociedade, não raras vezes comprometemos e sacrificamos a família, base essencial da ordem.

E realmente, se a mulher continua a aprender só o que até hoje se lhe tem ensinado, o seu entendimento mediamente iluminado, bem longe de atingir esse grau de consciência e de cultura indispensáveis para o longo convicto da luta

incessante pela vida, onde em uma civilização adiantada as necessidades se multiplicam, há de enlanguescer-se na ignorância, vivendo na eterna dependência.

Todavia não podemos deixar de convir que a mulher do presente, tem aberto diante de si um largo horizonte, e que se fosse educada em uma elevada intuição da liberdade, aliada a uma forte compreensão do direito, poderia conquistar os mais lisonjeiros destinos, estudando os difíceis problemas da ciência, aperfeiçoando e animando as letras e as artes, incitando a indústria a novas produções e o comércio a novos cometimentos, sem contudo ultrapassar os limites dos negócios públicos do foro e da política, mas como diz um autor de nota, se a educação dos homens entre nós é incompleta, para logo se vê quanto deve ser deficiente a das mulheres.

Na sua *Voyage au Brésil*, Mr. Agassis foi com a mais justa razão que, discorrendo sobre a nossa acanhada instrução, assim se exprimiu: “Pouco tenho a dizer das escolas de meninas. O Brasil quase não se importa com a educação das mulheres. O nível do seu ensino mesmo é pouco elevado. Até nos colégios frequentados pelas filhas das classes ricas, todos os mestres se queixam de lhes serem tiradas as alunas, justamente na idade em que a inteligência começa a desenvolver-se”.

E a prova disto vemos na Gazeta de Notícias de outubro de 1885, que de seis milhões de senhoras, cinco milhões trezentas e vinte cinco mil são analfabetas!!

Ninguém pode contestar, diz Neville, que a sociedade de qualquer nação, não seja modelada pelas mulheres, elas não fazem as leis, mas amoldam o espírito dos legisladores e, segundo a opinião de um notável escritor, “se ao homem cabe a missão de fundir nos moldes preparados pelo espírito nacional, a formosa estátua da Civilização, cabe à mulher o suave encargo de limar as asperezas da fundição, e de aperfeiçoar e completar a obra do homem.”

Nesta partilha vê-se que são igualmente elevados e absolutamente irmãos os destinos do homem e da mulher.

E se o progresso atual individualizou o servo libertando-o, deve também individualizar a mulher igualando-a ao homem pelo desenvolvimento de todas as suas faculdades, com o fim de preencher dignamente cada uma a sua missão na sociedade como filha, como esposa e como mãe.

.....

Artigo: Emancipação da mulher II

Jornal/Revista: A Família

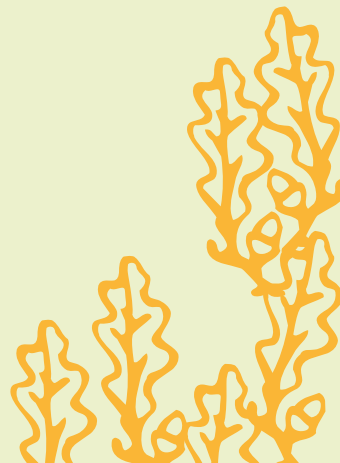
Edição: 1891, ed. 106, p. 01-02.

Autoria: Amélia Feijó

Transcrição: Victória Zanette

.....

Acesse o texto original [aqui](#), ou
utilize seu celular para visualizar
pelo QR Code abaixo:



**NOSSAS
PATRÍCIAS**



AMÉLIA FEIJÓ



mélia Feijó, distinta escritora do jornal *A Família*, apesar de ser parte importante da luta pela emancipação feminina, possui poucos dados divulgados.

Especulamos com base em uma árvore genealógica da família Feijó, que Amélia pode ter nascido no dia 10 de janeiro do ano de 1872. Durante sua vida, casou-se com João Marimon, de quem teve dois filhos. Faleceu com 47 anos em 1919. Mas esses dados são apenas especulações.

Algumas informações certas que sabemos dessa mulher notável, nos são contadas pelo próprio jornal que ajudou a criar.

Em 1891, com destaque na seção “Novidades do Jornal *A Família*”, Amélia Feijó cria o primeiro Partido Feminista da cidade de Santa Maria Magdalena, no Rio de Janeiro. Um passo importante para um movimento que vinha se destacando cada vez mais nas terras brasileiras.

Além disso, contribuinte assídua do *A Família*, Amélia Feijó escrevia sua própria coluna, Emancipação Feminina, na qual dissertava sobre as razões do movimento ser de extrema

importância no nosso país e também contribuía, vez ou outra, com poemas.

Figura essencial para o desenvolvimento do jornal e para a luta feminista do século XIX, Amélia foi eternizada pelos seus textos, poemas e pelo seu empenho pela causa da emancipação intelectual feminina.

TEXTO DE VICTÓRIA ZANETTE.

ANÁLIA FRANCO



Anália Emília Franco, nome de solteira, ou Anália Franco Bastos, nome de casada, nasceu em 1º de fevereiro de 1856, em uma família católica, na cidade de Resende (RJ) onde morou até os oito anos de idade, mudando-se depois para São Paulo.

Anália costumava fazer algumas viagens para o interior do estado de São Paulo, principalmente para as cidades de São Carlos dos Pinhal e Taubaté a última possibilitou a sua inserção no Jornalismo, colaborando a partir de então com os jornais e

revistas literárias, a exemplo de: *A Família*, *O Eco das Damas* e *A mensageira*, ao lado de outras mulheres. Em 1898, Anália assina sua própria revista, intitulada *Álbum das Meninas*. No ano de 1901 funda a AFBI – Associação Feminina Beneficente e Instrutiva, voltada ao atendimento de criança negra, pobre e órfã, tendo também uma política para a mulher que não fazia qualquer discriminação de credo ou de raça.

Ao longo da sua história, foram implementadas cerca de 110 escolas, entre asilos, creches, escolas maternais, liceus femininos e a colônia regeneradora. A Associação contava com o apoio da sociedade civil, da maçonaria e de grupos espíritas; recebeu subvenções do Estado e do município, mas também ganhou a antipatia do clero. Não se sabe ao certo o que levou Anália a fazer a opção pelo magistério, talvez por sua luta pela educação feminina ou por associar o magistério à imagem da sua mãe, que era professora. Porém, toda a infância e boa parte da vida adulta, a educadora conviveu com uma sociedade escravocrata.

A mudança do interior do Rio de Janeiro para a cidade de São Paulo colaborou para que Anália presenciasse uma série de mudanças no cenário brasileiro. A defesa da causa social assumida por ela e que acompanhou toda a sua trajetória de educadora, escritora e jornalista, está ligada as marcas da Lei do Ventre Livre, aprovada em 28 de setembro de 1871, que tornava livres todos os filhos de mulheres escravas, nascidos a partir da data de sua pro-

mulgação. Porém, as crianças ficariam sob o poder e autoridade dos senhores de suas mães, que tinham a obrigação de criá-los até os 8 anos de idade, mas a “Lei do Ventre Livre não teria trazido resultados satisfatórios para os abolicionistas”.

Nos anos seguintes à Lei do Ventre Livre, muitos abusos foram ocasionados por parte dos fazendeiros, desinteressados em criar os filhos de seus escravos sem o retorno financeiro que desejavam. Diante dessa situação, Anália teria escrito cartas para as mulheres fazendeiras, apelando em favor das crianças então abandonadas, ao tempo que buscava meios de ampará-las. Desta maneira, ao perceber que as crianças negras, expulsas das fazendas, já perambulavam mendigando pelas ruas, imediatamente troca seu cargo na Capital paulista por outro, no interior, a fim de socorrer as crianças necessitadas. Num bairro de uma cidade do norte de São Paulo, em imóvel alugado, funda a primeira ‘Casa Maternal’, amparando todas as crianças trazidas à sua porta ou encontradas nas moitas e estradas.

O comportamento, insólito para a época, de uma professora espírita proteger negros, filhos de escravos, pedir esmolas pelas ruas em pleno regime monarquista, católico e escravocrata, gera um clima de antipatia e rejeição entre os moradores da região ante a figura daquela mulher considerada perigosa, e seu afastamento da cidade já é cogitado, quando surge um grupo de abolicionistas e republicanos a seu favor. O que contribuía para a atitude da socie-

dade, era o fato de Anália ser adepta do espiritismo, em um período em que possuíamos uma sociedade conservadora e profundamente marcada pelo catolicismo. Embora Anália fosse bem cautelosa com relação à fé que professava, evitando torná-la pública, apesar de ser casada com o senhor Francisco Antônio Basto professo assumido da doutrina espírita.

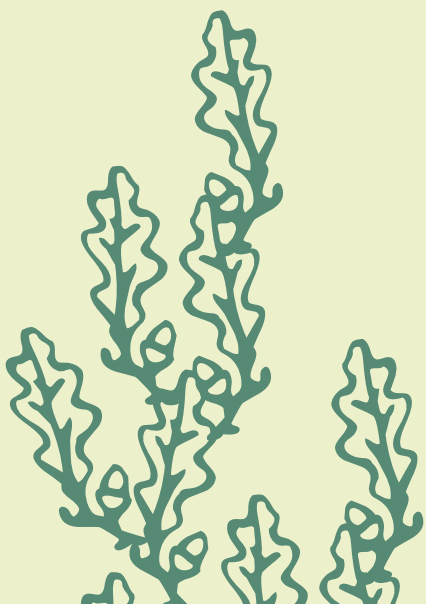
Anália era uma defensora da liberdade de pensamento, teve na causa da criança desvalida e da mulher, o alicerce de sua obra educacional e social. A propaganda da AFBI pregava que nas suas instituições não se fazia distinção de credo ou de cor, recebendo crianças e mulheres de qualquer procedência religiosa ou étnica. Assim, buscava imprimir um caráter laico à Associação.

No início do século XX criou o chamado Albergue Diurno para os Filhos de Mães Jornaleiras, um dos braços da AFBI, na cidade de São Paulo, assim demonstrando preocupação com as mães trabalhadoras daquele período. E ao pensar na mãe, ela pensa no filho e, assim criança e mulher são postas à frente na prioridade da sua prática. Anália Franco faleceu em 20 de janeiro de 1919, vítima da gripe espanhola, quando ainda era presidente da AFBI, deixando a sua figura como um fragmento importante que colaborará na reconstrução da historiografia da educação.

Além da colaboração e criação dos jornais citados, Anália escreveu os romances: *A Égide Materna*, “*A Filha Adotiva*” e “*A Filha do Artista*”. Autora de poesias, comédias, diálogos, operetas, canções, cançonetas, dramatizações escolares e contos cômicos, tudo produziu com o objetivo de distrair e educar os asilados.

É vasta a sua produção de obras didáticas, das quais mencionaremos as seguintes: *Manual das Mães*, para o 2º. Ano elementar 1ª. Série, fascículos 1º. e 2º; *Lições aos Pequeninos*; *Manual Para as Creches e Escolas Maternais*; *Noções de Geografia Elementar*; *Brevíssimo Resumo de Aritmética*, *Primeiras Lições Para as Escolas Maternais*, dois fascículos; *Quartas Lições Para as Escolas Maternais*, 3 fascículos; etc. São também de sua autoria o magnífico opúsculo intitulado *As Preleções de Jesus*, escrito em 1901, e que vale por um tratado moral-filosófico; *O Regulamento das Escolas Maternais*; *O Ensino Popular em São Paulo*, entrevista ao jornal *Jaú Moderno*; “Programa para a fundação de Escolas Maternais e Regime Interno do Asilo Creche”.

TEXTO DE CIBELLE MAGALHÃES



FRANCISCA SENHORINHA DA MOTTA DINIZ



rancisca Senhorinha da Motta Diniz nasceu no final do século XIX na cidade de São João Del Rey, região sudeste de Minas Gerais. Filha de Gertrudes Alves de Melo Ramos e Eduardo Gonçalves da Motta Ramos, casou-se com o advogado, professor da Escola Normal de Campanha e dono do jornal *O Monarquista*, José Joaquim da Silva, com quem teve duas filhas: Albertina Diniz e Elisa Diniz Machado. Apesar das inúmeras pesquisas empreendidas, ainda não se sabe com precisão as datas de nascimento e morte de Senhorinha Diniz.

Com um projeto audacioso para sua época, Francisca Senhorinha Diniz rompeu barreiras e ocupou espaços tidos exclusivamente como masculinos, entre eles a imprensa. No comando do periódico *O Sexo Feminino*, lutou por meio das palavras pelos direitos das mulheres se educarem, votarem e se emanciparem física, moral e intelectualmente. Em um período de extremo analfabetismo, a publicação iniciou-se com tiragem de 800 exemplares, quantidade considerada elevada dadas as condições. Com sua transferência para o Rio de Janeiro, o número quintuplicou, batendo 4 mil exemplares. Entre os leitores ilustres d'*O Sexo Feminino* estão a princesa Isabel e Dom Pedro II.



Além do jornal, outra grande empreitada de Senhorinha Diniz foi a fundação e direção do Colégio Santa Isabel na capital do Rio de Janeiro. A instituição era dedicada exclusivamente à educação de meninas e moças da classe média carioca. A construção da escola é a transposição para o plano físico de seus ideais constantemente refletidos nas páginas *d'O Sexo Feminino*, onde a editora reforçava a importância da educação básica da mulher para si e, principalmente, para a formação dos filhos e manutenção do lar.

Escritora, educadora e jornalista, Francisca Senhorinha da Motta Diniz teve suas primeiras experiências no magistério em 1854 como professora em Vila de Uberaba, Minas Gerais. Posteriormente, lecionou em São Paulo e no Rio de Janeiro, onde fixou residência e fundou o Colégio Santa Isabel, já viúva, contou com o apoio das filhas para administrar a instituição.

Como jornalista, colaborou com os semanários *Estação*, *A Primavera* e *A Voz da Verdade*. Em 1873, criou o jornal voltado para mulheres *O Sexo Feminino*, que começou a redigir em Campanha (MG) em 1873 e deu continuidade no Rio de Janeiro em 1875. Após a Proclamação da República, o semanário passou a se chamar *O Quinze de Novembro*, direcionando a

atenção para a ótica do sufrágio feminino. Também em solo fluminense, Senhorinha Diniz escreveu o romance de costumes *A Judia Rachel* com a ajuda da filha Albertina da Motta Diniz.

TEXTO DE RAFAELLA RODINISTZKY

JOANA PAULO MANSO DE NORONHA



Joana Paulo Manso de Noronha nasceu em Buenos Aires, no dia 26 de junho de 1819. Foi uma escritora, tradutora, jornalista e professora.

Chegou ao Brasil em 1839, aos 20 anos de idade, quando seu pai fugiu da ditadura argentina de Manuel Rosas (1793-1877), numa breve passagem pelo Rio de Janeiro. Depois se mudaram para o Uruguai, quando publicou um artigo no *El Nacional de Montevideú* intitulado *A Mulher Poeta*, mas logo uma ditadura militar também tomou conta do governo daquele país.

Em 1842, a família retornou ao Brasil para um segundo exílio, mas no ano seguinte Joana volta ao Uruguai para ser nomeada diretora de uma escola de meninas. Casou-se com o violinista português Francisco Sá Noronha em 1844 e com ele teve duas filhas.

A primeira, Eulália, em 1846 nos Estados Unidos, quando o marido decidiu tentar a vida artística no país; e a segunda, Herminia, em Cuba, numa breve passagem pelo país antes do seu retorno para o Brasil, em 1852. Foi nesse período na América do Norte que esboçou seu único romance, o político *Misterios del Plata*, que posteriormente seria publicado n' *O Jornal das Senhoras*, sob o formato de folhetim. Um ano depois, após ser vítima de maus-tratos do marido, ele a abandona com as filhas, voltando a Portugal com outra mulher.

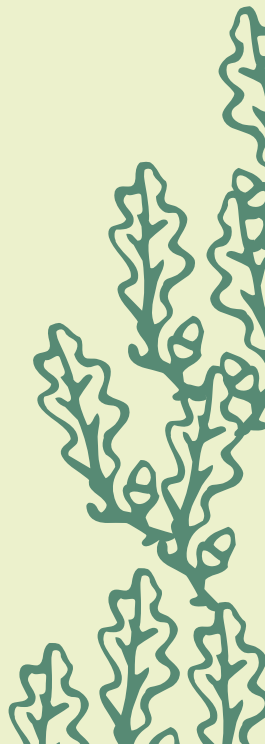
Escreveu para alguns jornais cariocas até 1852, quando se naturalizou brasileira a fim de estudar medicina (sonho que nunca conseguiu realizar, sendo recusada da Escola de Medicina apenas por ser mulher), e também quando fundou e passou a dirigir *O Jornal das Senhoras*, o primeiro jornal latino-americano destinado às mulheres. Seu trabalho no jornal se manteve até 1854, ano em que retornou definitivamente a Buenos Aires, após o fim da ditadura no país. Na capital argentina foi nomeada, em 1859, por Sarmiento (ex-governador), diretora da primeira escola mista da cidade; publica um livro sobre Pedro Varela, escritor e estudioso das questões da educação; e passa a escrever artigos para alguns jornais argentinos, além de fundar o *Álbum de Señoritas*, jornal muito semelhante ao criado por ela no Brasil. Em ambos, a temática centrava-se na moda, na literatura e no teatro.

Em 1862, escreveu *The Manuscripts of Alginate*, um livro de história para estudantes primários. Escreveu também o primeiro compêndio da história argentina e foi autora de novelas históricas onde denunciou a situação dos mais negligenciados da época: crianças e mulheres. Poeta e grande oradora, sempre esteve disposta a participar de reuniões falando e denunciando as opressões da época.

Foi pioneira do feminismo nos três países onde residiu: Argentina, Brasil e Uruguai.

Morreu em 24 de abril de 1875, aos 55 anos, vítima de hidropisia, depois de diversos ataques de jornais e publicações à sua luta pelo direito e pela emancipação das mulheres.

TEXTO DE OCTÁVIO CARDOZZO



JOSEFINA DE AZEVEDO



Josefina Álvares de Azevedo nasceu na cidade de Recife (segundo ela própria afirmava), em 5 de maio de 1851 e faleceu no Rio de Janeiro, em 2 de setembro de 1913, embora o *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, de Augusto Blake, informe que ela tenha nascido em Itaboraí. Josefina foi jornalista, escritora, professora e uma das precursoras do feminismo no Brasil. Viveu em sua cidade natal até os vinte e seis anos e, em 1877, mudou-se para São Paulo, que foi onde fundou, no ano seguinte, o jornal *A Família*. Em 1889 o jornal foi transferido para o Rio de Janeiro, sendo publicado até o ano de 1897, quando Josefina teve de interrompê-lo, mas retomou-o pouco depois, em 1898. Josefina era partidária da ideia da educação da mulher como algo instrumental para a sua emancipação e difundiu essa noção através de seu jornal, o qual ela procurou levar para todo o país, viajando às regiões Norte e Nordeste para disseminar a causa. Com o artigo *O Direito ao Voto*, publicado em 1890, a feminista promoveu o sufrágio feminino, escrevendo no mesmo ano a comédia *O Voto Feminino*, que foi encenada no Teatro Recreio Dramático, um dos mais celebrados da época.

Como foi dito, o periódico *A Família*, criado por Josefina de Azevedo, tinha como objetivo principal abordar a educação para mulheres, partindo da ideia de que isso era essencial para sua emancipação. Segundo a Coordenadora do Núcleo de Pesquisa Mulher, Literatura e Sociedade (UFPE), Karine da Rocha Oliveira, em seu artigo *Josefina Álvares de Azevedo: a voz feminina no século XIX através das páginas do jornal A Família*, o periódico tinha viés literário e era dedicado à educação da mãe de família. Josefina afirmava que a intenção das publicações não era ensinar mães a educar filhos, mas educar mães para a vida, para uma realidade maior que as tiraria da sombra dos maridos (OLIVEIRA, 2009).

No entanto, dada a *conjuntura* nacional da época, o objetivo primeiro do jornal tornou-se a reivindicação dos direitos das mulheres, de modo geral, mas principalmente no que se refere a representação nas questões políticas, tendo como principal exemplo de direito político o direito ao voto. A mudança de Josefina e, conseqüentemente, de seu jornal para o Rio de Janeiro, segundo Oliveira, foi com a intenção de ter uma aceitação maior por se aproximar da Corte.

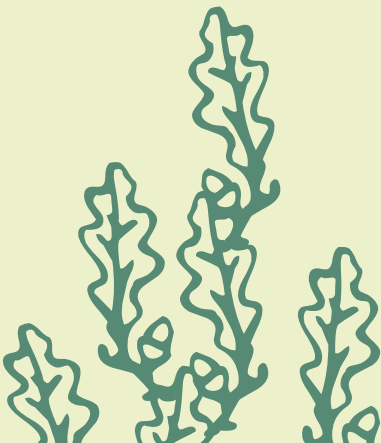
Em 1890, Josefina de Azevedo criou a peça teatral *O Voto Feminino*, que também tinha como intenção dar voz às mulheres no que se refere ao cenário político do Brasil, mais uma vez



ênfatizando a questão do voto. A peça era sobre um casal que recebe a filha e o genro para um jantar e sobre a empregada e o marido que esperam o resultado de uma consulta, a determinado ministro, a respeito da decretação da lei do voto feminino. A peça foi encenada apenas uma vez, embora tenha sido aclamada pela imprensa antes mesmo da estreia. Segundo Valéria Souto-Maior, a peça era uma mistura de comédia, escola realista francesa e teatro musicado (SOUTO-MAIOR, 2001).

Além do periódico *A Família*, do artigo *O Direito ao Voto* e da peça *O Voto Feminino*, Josefina de Azevedo também escreveu poesias, as quais reuniu e editou, juntamente a outros textos, na coletânea *Retalhos*, e também publicou no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro.

TEXTO DE ÍRIS LADISLAU



MARIA AMÉLIA DE QUEIRÓS SODRÉ



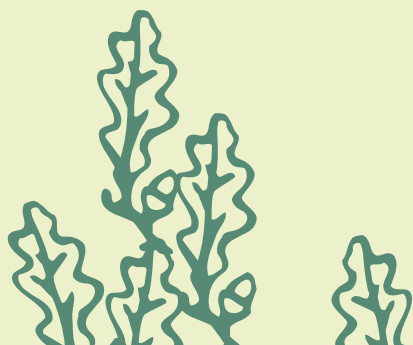
aria Amélia de Queirós Sodré da Mata nasceu em Pernambuco, no século XIX. Foi poetisa e abolicionista, atuando ativamente na luta contra a escravidão. Maria Amélia, também, colaborava com o jornal *A Família*, que era editado e publicado por Josefina Álvares de Azevedo, em São Paulo, em seus escritos, a abolicionista militava pelo fim da escravidão e pelos direitos das mulheres, dentre os quais destacam-se o direito à educação, ao voto e ao divórcio. Além de expressar sua opinião no jornal, publicou uma coletânea de biografias de mulheres célebres e proferiu palestras públicas, nas quais afirmava a sua posição contra a escravidão, a favor do direito ao divórcio e contra a chefia masculina sobre as famílias.

Em sua atuação contra a subjugação dos negros, Maria Amélia frequentava o Clube do Cupim, importante associação abolicionista de Recife, e, em 1884, com Leonor Porto e outras companheiras, fundou a associação de mulheres Ave Libertas, que lutava pela libertação dos escravos em Pernambuco. As reuniões do grupo aconteciam no Poço da Panela, no bairro de Casa Forte, em Recife, onde, no século XVII, funcionava o Engenho da Casa Forte, de Ana Paes. Em 1885, a Ave Libertas lançou o jornal *Vinte e Cinco*

de Março, que continha textos de homens e mulheres, para comemorar o primeiro aniversário da abolição da escravidão no Ceará.

As atividades dessa associação, que lutava contra a escravidão, sem violência, incluíam a arrecadação de fundos, inclusive de joias, para comprar alforrias de escravos e a proteção a negros fugidos, escondendo-os e organizando viagens para o Ceará, onde já havia ocorrido a libertação dos escravos. Essa associação também promoveu uma festa para celebrar a assinatura de 200 cartas de alforria assinadas por senhores de engenho, os quais foram incentivados por essa mesma entidade. Em 1888, a *Ave Libertas* realizou uma passeata em favor da abolição, que teve a participação de centenas de mulheres. Após a abolição da escravidão, ocorrida nesse mesmo ano, Maria Amélia e suas companheiras alfabetizaram muitos escravos em Pernambuco e ensinaram-lhes trabalhos manuais e técnicas que os ajudariam a se inserirem no mercado de trabalho.

TEXTO DE DENISE CAMPOS



MARIA RENNOTTE



eanne Françoise Maria Rennotte nasceu em Souverain-Wandre, em 11 de fevereiro de 1852 e faleceu em São Paulo, em 21 de novembro de 1942. Maria Rennotte foi uma imigrante belga, tendo chegado ao Brasil com 26 anos, em 1878, e atuou como médica e professora, além de ser considerada uma importante feminista na história do Brasil. Sua vinda para o Brasil foi na intenção de ser uma preceptora e, de acordo com a família com que trabalhou, era uma profissional bastante competente e responsável. Maria Rennotte defendia ideias progressistas, incentivava classes mistas e que se ensinasse ciências químicas e naturais para meninas. Seus ideais feministas estão presentes em publicações de jornais e revistas brasileiras e foram fundamentais para a garantia, para si e suas alunas, do direito de aprender e desempenhar seu papel da sociedade brasileira. Com mais de 40 anos, Maria Rennotte se formou médica na *Woman's Medical College of Pennsylvania*, a primeira





instituição de medicina exclusiva para mulheres da América do Norte. Ter se formado em Medicina era algo inesperado, tanto pela época quanto pela idade de Rennotte. Pouco tempo depois voltou ao Brasil e começou a desempenhar a profissão de médica em São Paulo, deixando contribuições importantes como a criação da filial paulista da Cruz Vermelha Brasileira e do Hospital de Crianças.

Maria Rennotte fez o curso de magistério em Paris. Foi professora de francês, alemão, desenho e caligrafia no Colégio Werneck, uma instituição particular, localizada na capital fluminense, que era voltada à educação feminina da elite do Rio de Janeiro, possuindo grande divulgação no *Almanaque Laemmert*. Em 1882, Rennotte foi contratada pelo Colégio Piracicabano, no interior de São Paulo, fundado no ano anterior por Martha Watts. A escola, assim como o Colégio Werneck, era voltada à educação feminina, contando com os cursos fundamental e médio e seguindo um modelo metodista protestante, que priorizava os métodos empíricos de ensino, possuía matérias científicas na grade curricular e ignorava as regras ligadas aos papéis de gênero esperados da época.

ca. Nessa escola, Rennotte deu aulas de ciências, francês e matemática, criou turmas mistas de alunos, de química e física, criou um museu de história natural e abriu uma sociedade literária com suas alunas. Suas conquistas como professora tornaram possível que outras mulheres da sociedade brasileira também fossem reconhecidas.

Em 1882, Rennotte publicou no jornal *Gazeta de Piracicaba* o artigo *A Educação da Mulher*. Ainda na mesma década, começou a ser colaboradora, a partir de artigos, do jornal *A Família*, de Josefina de Azevedo. Após se formar em Medicina, em 1892, Rennotte se especializou como obstetra, neonatologista e ginecologista, na França, trabalhando em alguns hospitais de Paris, como Hôtel-Dieu e Saint-Louis. Em 1895 quando voltou ao Brasil, sua tese “Influência da Educação da Mulher sobre a Medicina Social”, que fazia uma crítica contundente ao conteúdo educacional dirigido a meninas, foi publicada pela editora Typographia Aldina. No mesmo ano, Rennotte tornou-se médica interna da Maternidade de São Paulo, cujo principal objetivo era atender mulheres pobres da capital. Em 4 de maio de 1902, Rennotte tornou-se a primeira mulher a integrar o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do qual fez parte até seu falecimento. Em 1906, passou a trabalhar na clínica cirúrgica da Enfermaria da Santa Casa de Misericórdia e, em 1912, assumiu parte da Diretoria da Cruz Vermelha.

TEXTO DE ÍRIS LADISLAU

NÍSIA FLORESTA



Ísia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto, nasceu em 1810 na cidade de Papari, no Rio Grande do Norte. Foi uma educadora e escritora e é considerada pioneira no movimento feminista no Brasil.

O pseudônimo Nísia Floresta deriva da junção entre o final do nome de batismo de Dionísia e o nome da fazenda na qual ela cresceu - Floresta. “Brasileira” é uma referência à sua nacionalidade, que ela sentia necessidade de afirmar depois de anos vivendo na Europa. Augusta é uma homenagem a seu segundo marido e pai de seus dois filhos, Manuel Augusto de Faria Rocha.

A origem portuguesa do pai de Nísia fez com que ela e a família precisassem fugir do Rio Grande do Norte devido ao movimento antilusitano. Foram então morar no Pernambuco, onde Nísia estudou no Convento das Carmelitas.

Em 1831 publicou seu primeiro artigo no jornal *Espelho das Brasileiras*, de Pernambuco, já abordando a educação e a condição feminina. Em 1832 traduziu, aos 22 anos de idade, o livro *Vindication of the Right of Woman*, de Mary Wollstonecraft, ao qual

adicionou notas suas e chamou de *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*.

Aos 28 anos de idade Nísia fundou uma escola para meninas no Rio de Janeiro, o Colégio Augusto. Nessa escola aplicava os conceitos e métodos comentados em seu primeiro livro. Anteriormente havia administrado uma escola no Rio Grande do Norte, mas se mudou para a capital brasileira na época durante a Guerra dos Farrapos.

O Colégio Augusto funcionou por 17 anos e mesclava a educação tradicional feminina - que, na época, considerava o casamento e a maternidade como únicas alternativas possíveis, e tinha aulas como bordado - com o ensino de ciências, matemática, línguas, história, religião, geografia, educação física, artes e literatura, se propondo a ser páreo com os melhores colégios masculinos. Durante esses anos, continuou publicado em diversos periódicos.

Nísia Floresta, além de feminista e extremamente ativista quanto à educação feminina, fazia parte também do movimento republicano e abolicionista. Publicou também livros e contos falando sobre a opressão colonial sobre povos indígenas.

Foi alvo de muitas críticas e ataques por causa de seus ideais e conquistas. Era acusada de adultério por ter se separado do primei-

ro marido e vivido com outro homem. Diversas críticas a seus textos foram publicadas em jornais principalmente do Rio de Janeiro.

Em 1849 Nísia se muda para a Europa por recomendações médicas após sua filha sofrer um grave acidente a cavalo. Conheceu então Augusto Comte, pai do positivismo, em um curso que fez e era lecionado por ele. Na França, continuou publicando.

Retornou ao Brasil uma vez, onde passou alguns anos e voltou a publicar livros.

Nísia faleceu devido a uma pneumonia em 1885, aos 74 anos, na cidade de Rouen, na França. Ao longo de sua vida publicou 15 obras: *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, 1832; *Conselhos à minha filha*, 1842; *Daciz ou A jovem completa*, 1847; *Fany ou O modelo das donzelas*, 1847; *Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta*, 1847; *A lágrima de um Caeté*, 1847; *Dedicação de uma amiga*, 1850; *Opúsculo humanitário*, 1853; *Páginas de uma vida obscura*, 1855; *Itineraire d'un Voyage en Allemagne*, 1857; *A Mulher*, 1859; *Scintille d'un'Anima Brasileira*, 1859; *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*, 1870; *Le Brésil*, 1871; *Fragments d'un ouvrage inédit: notes biographiques*, 1878. Atualmente, a cidade que nasceu leva seu nome.

TEXTO DE LAURA NOLASCO





REFERÊNCIAS

ALVES, Luis Antônio. Família Feijó - Açorianos no RS. FUJ, 2016. Disponível em: http://www.fuj.com.br/?a=postagem&p=familia_feijo_acorianos_no_rs_847. Acesso em: 22 nov. 2019.

AULETE, Caldas. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa: Dicionário Caldas Aulete, versão online. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>. Acesso em: 26 nov. 2019.

AZEVEDO, Josefina de. Partido Feminino. Jornal A Família. Rio de Janeiro. 4 de jun. 1891. nº 105. p. 7.

BRITO, Rafaella. Nísia Floresta, a primeira feminista brasileira. Blogueiras Feministas. 06 ago. 2014. Disponível em: <https://blogueirasfeministas.com/2014/08/06/nisia-floresta-a-primeira-feminista-brasileira/>. Acesso em: 22 nov. 2019.

CANDEIAS, Nelly Martins Ferreira. Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo: 10 Anos da Memória Paulista: 2002-2012. Ed. Escrituras: São Paulo, SP. 2013.

CHOMSKI, Mayra. Lute como uma garota: Francisca Senhorinha. Medium, 2018. Disponível em: <https://medium.com/revista-subjetiva/lute-como-uma-garota-francisca-senhorinha-de22c4b00b1c>. Acesso em: 29 maio 2019.

FRANCISCA SENHORINHA DA MOTTA DINIZ (SÉC. XIX). Mulher 500 anos atrás dos panos, 2019. Disponível em: <http://www.mulher500.org.br/francisca-senhorinha-da-mota-diniz-sec-xix/>. Acesso em: 29 maio 2019.

FRANCISCA SENHORINHA DA MOTTA DINIZ. Usina de Letras, 2007. Disponível em: <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=45320&cat=Artigos&vinda=S>. Acesso em: 29 maio 2019.

FRANCISCA SENHORINHA DA MOTTA DINIZ. Wikipédia, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Francisca_Senhorinha_da_Motta_Diniz&oldid=54654331. Acesso em: 21 nov. 2019.

GARCIA, Carla Cristina; FERNANDES, Débora Baldin Lippi. 18 mulheres brasileiras que fizeram a diferença – parte 1. Revista Forum Digital, São Paulo, 07 out. 2014. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/digital/167/18->

mulheres-brasileiras-que-fizeram-diferenca-parte-1/. Acesso em: 05 jun. 2019.

JOANA PAULO MANSO DE NORONHA (1819-1875). Mulher 500 anos atrás dos panos, 2019. Disponível em: <http://www.mulher500.org.br/joana-paula-manso-de-noronha-1819-1875/>. Acesso em: 21 nov. 2019.

JOANA PAULA MANSO DE NORONHA. Wikipédia, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Joana_Paula_Manso_de_Noronha&oldid=51255331. Acesso em: 21 nov. 2019.

JOSEFINA ÁLVARES DE AZEVEDO. Wikipédia, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Josefina_%C3%81lvares_de_Azevedo&oldid=54948258. Acesso em: 05 jun. 2019.

JUANA MANSO. Wikipédia, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Joana_Paula_Manso_de_Noronha&oldid=51255331. Acesso em: 22 nov. 2019.

LOBO, Luiza. Juana Manso: uma exilada em três pátrias. Gênero. Niterói, v.9, n.2, p.47-74, 1º sem. 2009. Disponível em: <http://www.pe->

riodicos.uff.br/revistagenero/article/download/30904/17993.
Acesso em: 21 nov. 2019.

MARIA AMÉLIA DE QUEIRÓS. Wikipédia, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_Am%C3%A9lia_de_Queir%C3%B3s. Acesso em: 05 jun. 2019.

MARIA RENOTTE. Wikipédia, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Maria_Renotte&oldid=53843227. Acesso em: 05 de jun. de 2019.

NÍSIA FLORESTA (ESCRITORA). Wikipédia, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=N%C3%ADsia_Floresta_\(escritora\)&oldid=56785912](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=N%C3%ADsia_Floresta_(escritora)&oldid=56785912). Acesso em: 22 nov. 2019.

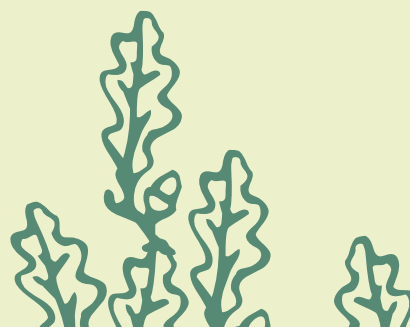
NÍSIA FLORESTA BRASILEIRA AUGUSTA (1810-1885). Mulher 500 anos atrás dos panos, 2019. Disponível em: <http://www.mulher500.org.br/nisia-floresta-brasileira-augusta-1810-1885/>. Acesso em: 22 nov. 2019.

OLIVEIRA, Karine da Rocha. Josefina Álvares de Azevedo: a voz feminina no século XIX através das páginas do jornal A Família. 2009. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/producao-intelectual/documentos/josefina-alvares-azevedo-voz-feminina-seculo-xix>. Acesso em: 02 jun. 2019.

ROSA, Gerlice Teixeira. A mulher projetada no discurso: a construção ethótica de Senhorinha Diniz em O Sexo Feminino. Belo Horizonte: Revista Contra Ponto, v.1, n. 1, p. 126-143, jul. 2011. Disponível em: http://periodicos.pucminas.br/index.php/contraponto/article/download/2241/pdf_8. Acesso em: 29 maio 2019.

SANTANA, Rosemeire Siqueira de. Tecendo os fios da memória: um breve ensaio biográfico sobre as educadoras Anália Franco, Neide Mesquita e Laura Amazonas. In: VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade, 2012, São Cristóvão - SE: Universidade Federal de Sergipe, 2012. v. 01. p. 01-14.

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (Org). Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.



SCHUMAHER, Schuma; CEVA, Antônia. Mulheres no poder: trajetórias na política a partir da luta das sufragistas do Brasil. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015, p. 11-40.

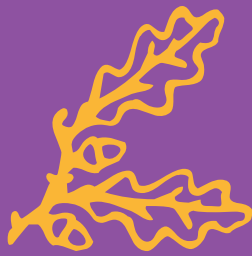
STEINLE, Heric. Nísia Floresta. Projeto Memória. Disponível em: <http://www.projetomemoria.art.br/NisiaFloresta/index.html>. Acesso em: 22 nov. 2019



SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. O florete e a máscara: Josephina Álvares de Azevedo, dramaturga do século XIX. 241p. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

TELÉSFORO, João. Nísia Floresta Brasileira Augusta: o feminismo revolucionário do século XIX. Carta Maior. 26 mai. 2015. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Cultura/Nisia-Floresta-Brasileira-Augusta-o-feminismo-revolucionario-no-seculo-XIX/39/33582>. Acesso em: 22 nov. 2019.

WANTUIL, Zêus. Grandes Espíritas do Brasil. Rio de Janeiro: FEB, 1969.



GLOSSÁRIO

Abalizados: notáveis

Agrilhoar: prender, acorrentar

Agrinalda: enfeitada, ornamentada

Alacridade: alegria, animação

Arguia: acusava

Ataviada: embelezados, ornados

Aviltam: humilham, rebaixam, ofendem

Batavos: holandeses

Borzeguins: calçado de cano curto

Bruxuleiam: oscilam, brilham intermitentemente

Cabedal: acumulação de bens e riquezas, é o mesmo que dote

Cadinho: passar

Cafraria: antiga designação de uma vasta região do sul de África, que abrangia a região da Cidade do Cabo, na República da África do Sul, e algumas regiões adjacentes, habitada por povos não muçulmanos, a que correspondem hoje os Zulos, os Pundos e os Xhosas

Cataplasma emoliente: preparado medicinal pastoso que se aplica diretamente, ou entre panos, folhas, etc. sobre alguma área do corpo, com diversos fins

Cerviz: cabeça

Circunspeta: atenta, prudente. Relativo à circunspeção, isto é, examinar um objeto por todos os lados.

Choça: casebre, casa rústica, pequena

Chufa: caçoada, expressão de zombar.

Coco dos meninos: cuca dos meninos / inteligência dos meninos

Côncio: consciente

Crido: acreditado

Debalde: inutilmente

Dédalo: labirinto

Denodado: corajoso

Derrogar: abolir, alterar

Desideratum: desejo

Dimanação: emanção

Esternal: referente ao osso achatado, situado no tórax dos vertebrados, e que, nos seres humanos, se articula com as sete primeiras costelas e as duas clavículas

Estoico: resignado, conformado

Excitantes: substância ou droga estimulante

Franquear: deixar livre, permitir o uso

Guerra intestino: que está ou se passa no interior de um país (revolução intestina)

Impávida: destemida

Imoladas à licença: sacrificadas com a permissão de...

Infante: criança

Liça: local reservado aos combates

Louçanias: enfeite, adorno, elegância

Manietada: de mãos atadas, amarradas

Mofa: ação ou resultado de mofar; gozação; troça; zombaria

Morgado: filho mais velho

Nefanda: que nem se deve mencionar, abominável

Omnimodamente: de todos os modos possíveis

Ósculo: beijo

Pari passu: no mesmo passo ou ritmo

Petizes: meninos, garotos, crianças

Pilhéria: engraçado, sarcástico, espirituoso, piada

Pugnar: brigar, combater ou lutar

Pulem: do verbo “polir”

Pudibundo: que excede em pudor, pudico

Sabença: sabedoria

Tirocínio: prática

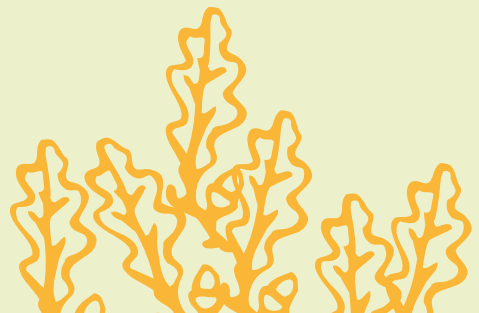
Variegada: diversa, diferente

Vassalagem: homenagem, tributo, honra

Visos: indícios, sinais

Volantim: acrobata; aquele que anda ou dança em corda bamba

Vulgo: leigo



ÍNDICE ONOMÁSTICO

Amélia Feijó: 30, 52, 243

Anália Franco: 121, 127

Francisca Senhorinha da Motta Diniz: 33, 37, 73, 111, 213, 216, 231

Joana Paulo Manso Noronha: 134, 142, 149, 154, 167

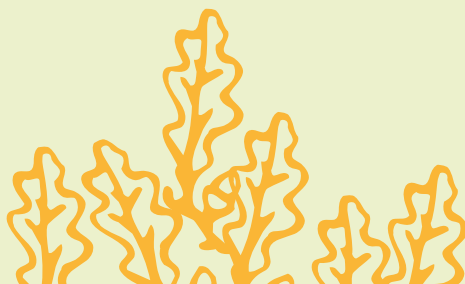
Josefina de Azevedo: 27, 40, 227

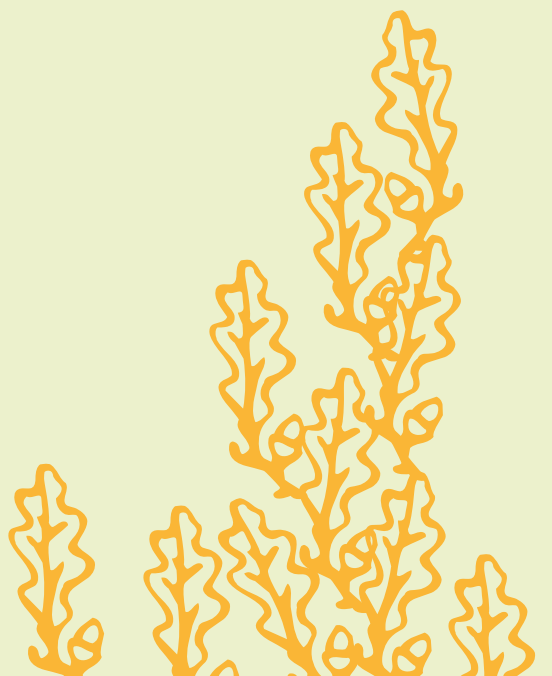
Maria Amélia de Queirós: 62, 114, 118

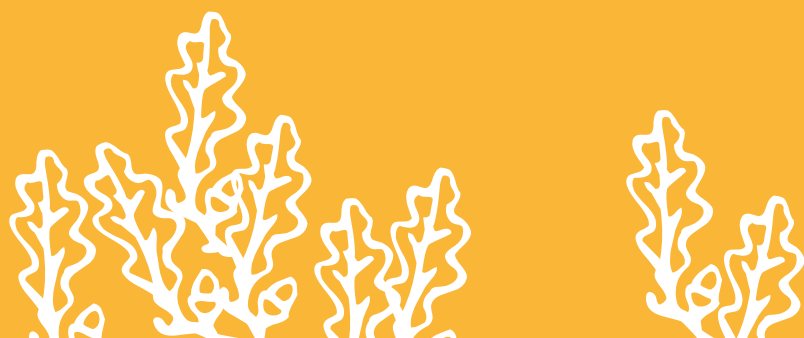
Maria Rennotte: 236

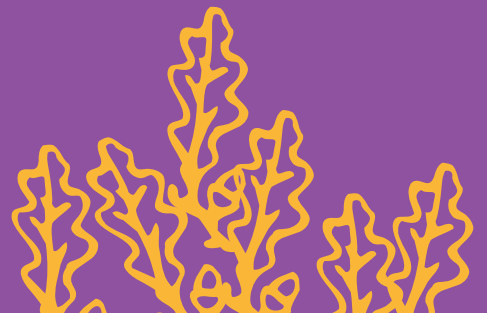
Nísia Floresta: 19, 73, 98, 304, 306

Viscondessa da... : 160









EDITAR O FEMINISMO: UM PROCESSO

Emília Mendes

Giselle Luz



s discursos nascem dos conflitos, circulam e depois recolhem-se aos costumes. Vez ou outra é preciso tirá-los desse ostracismo e trazer à baila a sua potência, mesmo depois de séculos. A luta pela emancipação feminina não foi uma reivindicação somente do século XX, mas sim uma tessitura discursiva que se construiu por séculos na história ocidental, ao menos dessa parte da qual temos conhecimento. Da mesma forma que na nossa atualidade, nossas antepassadas que pleitearam mais autonomia e mais liberdade foram ridicularizadas, estigmatizadas, ofendidas, sofrendo os mais diversos tipos de violência, seja ela física ou verbal. Para ilustrar, basta consultar obras

escritas e/ou organizadas por Michelle Perrot ou Mary Del Priori.

Felizmente, com o advento do digital, é possível acessar muitas imagens e escritos que ficaram no limbo da memória; com isso, o jornalismo escrito por mulheres e feito para elas pôde chegar aos nossos dias. Reler o passado para melhor compreender o presente, na sua sequência de eventos, é uma atividade reveladora da riqueza de nossa existência, mesmo que a memória nos faça armadilhas com os seus desvãos.

O projeto inicial desse livro era partir dos registros que temos disponíveis³³ hoje sobre a defesa dos direitos da mulher, qualquer que fosse a busca por direitos. Nosso critério era nos valer de gêneros factuais e que fossem escritos por mulheres. Pudemos chegar retrospectivamente até o século XVI na França, com Louise Labé, mas isso não quer dizer que não existam mulheres escrevendo textos anteriormente a ela, de forma alguma excluímos tal hipótese. Quanto mais nos lançamos em direção ao passado, mais raros são os documentos factuais escritos por mulheres. As raras mulheres

.....

33. Acreditamos que exista a possibilidade de muitas coisas serem descobertas após a digitalização das bibliotecas e dos arquivos, numa escala mundial. Atualmente, temos também o interesse crescente pela história das mulheres, o que implica na realização de muitas pesquisas e, por consequência, de uma maior circulação de fontes documentais que vierem a ser descobertas.



escritoras que tivemos, não têm arquivos pessoais ou textos que não fossem ficcionais.

Assim sendo, nessa programação inicial de jornada, faríamos uma viagem do hexágono ao Brasil, mostrando de que maneira várias teses sobre as mulheres foram sendo construídas e rebatidas, seja favoravelmente ou contra tal emancipação. Emancipar-se, nesse sentido, era sair da constante tutela do masculino, que colocava a mulher no mesmo patamar daquele de uma criança, o que só vai mesmo mudar depois dos anos 1950. Contudo, as mulheres não deixaram de lutar, embora não tivessem conseguido uma emancipação mais abrangente, tiveram pequenas vitórias que possibilitaram, mesmo que a passos curtos, chegar aonde estamos. Não podemos de forma alguma deixar esse pioneirismo e essa coragem de luta ficarem no ostracismo, mesmo porque muitas mulheres sacrificaram suas vidas pelos ideais feministas.

Munidas desse intuito de pesquisa e de desejo de republicar essas vozes, nos deparamos com inúmeros jornais publicados no Brasil no século XIX, graças ao maravilhoso trabalho de preservação da Biblioteca Nacional e do Arquivo Público de São Paulo, com a disponibilização de acervos on-line. Diante dessa gama de jornais, decidimos adiar o projeto de publicações de textos das francesas e nos dedicamos aos escritos de brasileiras, que estão mais próximas de nós e de nossa realidade. Além disso, abrir uma

coleção com textos de nossas patrícias é também uma forma de mostrar que temos pensamento próprio sobre o feminismo, que não importamos tudo da Europa ou dos Estados Unidos. As forças corajosas que geram a defesa de direitos são as vítimas de opressão e de aniquilamento que cada mulher sofre, independentemente do continente em que esteja, da riqueza ou da pobreza das nações.

Cara leitora, caro leitor, não se impacientem: a seleção, a tradução e a edição das francesas cujos textos compreendem o marco temporal que vai do século XVI ao XIX será ainda feita, em breve, com publicação nesta mesma coleção e feita de forma coletiva. Tampouco nos esquecemos de mulheres de outras nacionalidades, futuramente, pretendemos contemplar também tais grupos. Por exemplo, diferentemente do Brasil que só começa a imprimir livros e jornais oficialmente no início do século XIX, o México começa suas atividades impressoras no século XV mesmo, inclusive com a participação de mulheres.³⁴

.....
34. C.f.: SUSÁN, Sandra E. *Diccionario de mujeres impresoras y librerías de España e iberoamérica entre los siglos XV y XVIII*. Saragoza: Prensas de la Universidad de Saragoza, 2018.



.....

35. DUARTE,
Constância L.
Imprensa femini-
na e feminista no
Brasil: século XIX.
Belo Horizonte:
Autêntica, 2017.



Em nossa pesquisa, pudemos contar com o trabalho consciencioso realizado no dicionário *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX*³⁵, estabelecido por Constância Lima Duarte. De acordo com a autora, a obra conta com 143 títulos de revistas e jornais femininos e feministas, impressos por todo o país. O referido dicionário foi de grande valia para nos ajudar a conhecer melhor os jornais e as jornalistas, bem como ter uma dimensão geográfica do que foi o fenômeno do jornalismo feminino no século em questão. De norte a sul do país temos mulheres que querem propagar a voz feminina, por tanto tempo sufocada na garganta de tantas das nossas irmãs.

Assim como Duarte, acima mencionada, nos valem dos dois adjetivos “feminina” e “feminista” para intitular nosso volume. Vale dizer que o termo feminista já circulava no século XIX, mas não era tão usado como hoje, tendo sua origem, provavelmente, em tratados médicos, como uma qualificação negativa. Não havia também uma necessidade de separar mulheres conservadoras que são contrárias às lutas daquelas que são mais pro-

gressistas, como é o caso atual em nossa sociedade. Nos muitos artigos que lemos nos jornais pesquisados, “feminina” não vem com o sentido de conservadorismo, mas no sentido de propor algo novo e que traga progresso, inclusive, há o argumento de que a emancipação feminina seria a responsável pelo progresso da nação, já que iria trazer mais conhecimento e discernimento para todos. Para ilustrar, podemos citar algumas palavras que são adjetivadas com o termo “feminina”: emancipação, intelectualidade, ciência, educação, condição, voz, dentre outras. Assim, ao nos valermos aqui do título Feminina feminista, queremos justamente fazer uma ponte de sentido entre esse passado de lutas e a nossa atualidade, evidenciando, dessa maneira, possíveis dialogismos - à maneira do círculo bakhtiniano.

A nosso ver, quando vemos a dicotomia atual entre feminina e feminista, não nos parece possível separar essas duas coisas, uma feminista sempre será feminina, por sua pertença a um sexo biológico e por sua defesa de direitos do gênero feminino. Não existe uma natureza humana feminina, não é possível naturalizar uma formatação social dada a um gênero por milhares de anos para que fosse subjugado. Como já disse Simone de Beauvoir, essa ideia de feminilidade cordata é uma construção histórica e social. As mulheres que se dizem femininas - e não feministas - são somente pessoas que preferem não lutar por seus

direitos como mulher e que preferem ficar numa situação de comodidade. As femininas sempre se valeram das conquistas das feministas, em todas as instâncias. Assim sendo, dizer que essas mulheres do século XIX são femininas feministas é dizer que estão num nível acima das demais mulheres da época quando se trata de inovação e de ideias progressistas. São mulheres completas por terem conhecimento sobre sua condição de mulher, por terem cuidado de si e por lutarem por seus direitos.

É oportuno dizer que temos consciência da ambiguidade do adjetivo “feminina” quando se fala de imprensa feminina, que não necessariamente tem - ou teve no século passado - um compromisso com a emancipação da mulher ou com a busca de direitos. Valer-se desse tipo de publicação de variedades voltada para mulheres não deixa de ser uma estratégia inteligente adotada por essas jornalistas militantes do XIX, já que seria praticamente impossível ter espaço num jornal de grande porte. O alcance de público poderia ser menor nos jornais estudados, mas eram muito direcionados, o que, lançamos a hipótese, poderia tornar a comunicação mais efetiva.

O contexto de produção desse primeiro volume da coleção *Zigoto* ensaio foi desenvolvido em sala de aula, mais especificamente na disciplina do curso de Edição da Faculdade de Letras

de Minas Gerais, cujo título era: Editar o feminismo, ministrada em 2019. O objetivo foi de também refletir sobre a prática da edição, da curadoria, da editoração, dentre outros. Assim sendo, não impusemos um recorte, os alunos puderam tomar contato com vários jornais e pensar por si próprios sobre o tipo de seleção poderia ser feita e sobre que tipo de abordagem publicariam se fossem editores.

Nesse primeiro exercício de curadoria, cada grupo escolheu um jornal, não importando a região na qual foi publicado. Tratava-se de um experimento/teste para saber o que tínhamos como material, qual recorte temático possível. Dessa tentativa de organização, apareceram coletâneas sobre: moda, literatura, educação feminina, ginástica, viagem, bordados, música, teatro, artes plásticas, biografias de mulheres célebres, emancipação feminina, dentre outros.

Como curiosidade, é interessante mencionar que esses jornais são muito permeados pelo discurso religioso católico da época, o que causou uma certa estranheza para os alunos que estabeleciam um interdiscurso com práticas discursivas religiosas de nossa atualidade que não aceitam bem a emancipação feminina nem os direitos adquiridos nesses anos todos de luta. Tal estranheza gerou uma certa rejeição, mostrando como é comple-

xo trabalhar com textos e contextos de outras épocas. Com o tempo, pudemos contextualizar o momento histórico a partir de reflexões sobre a história das mulheres empreendidas por diversas autoras. Em linhas gerais, pudemos perceber que há um uso retórico e muito estratégico desse discurso religioso por parte das jornalistas. Um argumento que pudemos ver algumas vezes parte do discurso bíblico e se estrutura mais ou menos assim: se Deus fez o homem e a mulher à sua semelhança, por que a mulher deveria ser tratada de forma diferenciada? A autoridade Deus é fiadora dessa luta e não pode ser questionada sem causar algum inconveniente. Era preciso falar para as mulheres com a linguagem e os costumes da época, mesmo porque não havia ainda um discurso feminista tão estruturado e plural como temos hoje.

Depois de um primeiro ensaio, decidimos coletivamente como publicar o nosso livro. O primeiro critério foi selecionar jornais publicados no Sudeste brasileiro, por ser o espaço geográfico no qual vivemos. Entretanto, não estabelecemos uma regra sobre ser obrigatório ter nascido na supracitada região. Assim, temos Nísia Floresta e Joshepina Azevedo que vêm do Nordeste; Maria Renotte que veio da França, ou Joana Paulo Manso de Noronha, de origem Argentina.

O segundo critério foi a seleção temática dos artigos. Optamos pelo recorte: emancipação e educação feminina. Essa escolha foi motivada por ser este um debate seminal para que as mulheres pudessem ter acesso à sociedade não como incapazes, mas como cidadãs.

Ao fazermos a transcrição dos textos, tivemos como norte o desejo de tornar o texto acessível ao público contemporâneo. Contudo, buscamos manter o tom dos artigos, que são mais próximos da oralidade, cheios de expressividade, vide a quantidade de pontos de exclamação que usavam. Tudo o que representava uma marca de estilo foi mantido na medida do possível.

A pontuação foi um desafio e muitas vezes tivemos que fazer adaptações até mesmo na estrutura das frases, pois eram de difícil compreensão para nós. Por esta razão, disponibilizamos os links para todos os textos, assim, a leitora ou o leitor poderá acessar o original de forma prática caso tenha alguma dúvida. É preciso pensar também nos poucos recursos de edição do século XIX, na tipografia iniciante, na escolaridade das pessoas, dentre outras questões.

Nosso objetivo foi fazer com que os textos do séc. XIX ficassem mais próximos, em termos de língua, do séc. XXI. Como não se trata de textos literários, julgamos que seria pertinente

fazer algumas adaptações. No início dos trabalhos, definimos que nosso público-alvo seria o mais amplo possível, assim sendo, adotamos a reescritura de trechos de compreensão difícil, tornando-os, a nosso ver, dotados de uma maior legibilidade. Por outro lado, não queríamos um texto sem as marcas de estilo e de pertença a um século específico. Para não nos desvirtuarmos tanto do estilo, mantivemos palavras que são ainda listadas nos dicionários contemporâneos. No caso de palavras e expressões cujo sentido não é recuperável via dicionário, colocamos o significado suposto em nota de rodapé.

Não foi nosso objetivo fazer uma edição crítica, no sentido da disciplina Crítica Textual, que segue suas próprias regras e convenções. Os originais de todos os textos da coletânea estão disponíveis em acervos digitais de acesso gratuito, como mencionado acima. Para análises linguísticas, sugerimos que recorram aos originais, visto que a presente coletânea não tem a finalidade de constituir um corpus para pesquisas desse nível.

Uma autora foge um pouco dos critérios, mas pensamos que sua presença é obrigatória devido à sua modernidade e à sua importância: Nísia Floresta. Não conseguimos recuperar os textos nos jornais, por essa razão, partimos do livro Opúsculo humanitário. Este por sua vez, é uma coletânea de artigos pu-

blicados em jornais, o que não nos distanciaria tanto de nosso propósito. O seu pequeno livro é todo organizado em itens - muito provavelmente os títulos de jornais foram suprimidos pela edição - por essa razão, atribuímos temas para que o leitor possa ter mais conforto na leitura e possa se guiar.

Cara leitora, caro leitor: esperamos que possam se inspirar pelas palavras revolucionárias dessas grandes mulheres do século XIX. Esperamos que mais pessoas tenham interesse em fazer esse trabalho de recuperação de textos e editá-los, para que a faceta feminina da história se faça presente e os discursos sexistas e misóginos sejam problematizados e desconstruídos através de cada narrativa feminina recuperada.



A COLEÇÃO ZIGOTO

CONCEITO E OBJETIVO:



Coleção Zigoto - subdividida em Ensaio e Ficção - foi criada para a edição e publicação exclusivamente de textos que se encontram em domínio público ou que possuam licenças Creative Commons (CC), permitindo assim a sua divulgação nos moldes do Labeled/Fale-UFMG. A proposta é também uma reflexão didática sobre a história do livro, da edição e do design gráfico. A proposta é aproveitar coisas existentes e criar outras possibilidades, ressignificações.

A escolha do nome Zigoto se justifica pelo fato de significar a junção do masculino e do feminino, em não importa qual espécie animal ou vegetal. Trata-se da união de traços para se criar um novo ser. Assim, queremos, a partir de vários traços das mesmas épocas ou de épocas diferentes, produzir novos livros, com curadorias que podem descortinar novas existências a partir do que já existe.

Assim sendo, o projeto gráfico da coleção tem por finalidade pensar a história da edição, de que maneira a cultura gráfica de

uma determinada época se caracteriza e de que maneira podemos fazer releituras dela em nossa atualidade. Por outro lado, não se trata de copiar obras antigas, mas de, a partir delas, ter um projeto atual, mas sem perder de vista o diálogo com a tradição da memória e da cultura gráficas no ocidente.

A coleção é inteiramente em formato digital e se divide em Ensaio e Ficção.

IDENTIDADE VISUAL:



ideia para a criação da identidade da coleção veio da representação e definição do que é a realidade e a verdade para nós e para nossos antepassados. Em vários momentos da história da humanidade, o que é estabelecido no universo de crenças de uma dada sociedade não é necessariamente o que poderia ser cientificamente comprovado. A título de ilustração, podemos pensar: a priori, um mapa deve ter um estatuto factual, é uma restrição do gênero já que o mapa geográfico deve servir de guia para encontrarmos lugares factuais, mas os mapas medievais e mesmo aqueles do início do século XVI ainda são

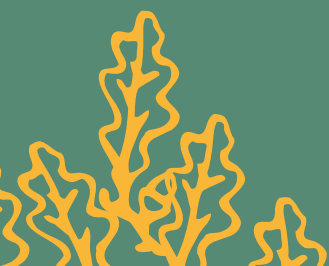
povoados pela ficção dos monstros marinhos e dos perigos que o mar pode oferecer, além de apresentarem o mundo até então conhecido, que se diferencia da percepção que temos hoje. Mesmo os sofisticados e revolucionários mapas do quinhentista Gerard Mercator ainda trazem alguns vestígios dessa tradição de representação de monstros e de outros efeitos de ficção.

Da mesma forma, a linguagem e a escrita são expedições e aventuras sujeitas aos perigos e às intempéries, às interpretações, aos contextos. Ao fazer um livro, lançamo-nos numa empreitada que une planejamento e ações do acaso, sobretudo quando queremos trazer para a nossa atualidade os escritos de outrora e entrar nessas águas povoadas de quimeras reais e/ou ficcionais. Assim sendo, foram escolhidas duas criaturas que hoje consideramos mitológicas, mas que eram factuais para os europeus medievais e para outros povos antigos: um dragão anfisbena e uma sereia, respectivamente para ilustrar ensaio e ficção. A identidade deles está duplicidade, seja pelas duplas cabeças do dragão seja pelos dois rabos da sereia – esta por sua vez tem também a dubiedade de ser humana e animal.

O estilo em xilogravura foi escolhido para fazer um diálogo com a tradição popular brasileira de ilustração dos cordéis e de outras manifestações artísticas do nordeste brasileiro. Vale

mencionar que, para alguns estudiosos, como Le-
maire (2010), a tradição cordelística brasileira que
se inicia no século XIX tem raízes no teatro de
cordel europeu, sobretudo naquele praticado por
Gil Vicente (sécs. XV/XVI). Dessa maneira, tra-
zer um elemento das edições do cordel brasileiro
para a coleção é fazer um elo entre uma memória
cultural europeia e a de nosso país. É possível di-
zer que o cordel tenha sido a primeira publicação
genuinamente brasileira, popular, com linguagem
própria e que apresenta elementos locais, daí a sua
importância de usarmos um elemento desse gênero
editorial e literário para um projeto como o que se
desenvolve nesta coleção.

Pensar a história do livro é também
refletir sobre a passagem da oralidade para a escri-
ta, sobre os vários tipos de manuscritos existentes
conforme a tecnologia de suporte (placas de argila,
papiro, pergaminho etc.) e sobre os processos de
impressão, da tipografia ao digital. Embora seja
um escopo vasto, tentamos, na presente coleção,
trazer alguns traços dessa história, seja na forma,
seja no conteúdo. As logomarcas foram criadas por



Emília Mendes e Alice Masago, bem como todo o projeto gráfico da coleção. Abaixo, tecemos considerações mais detalhadas sobre cada subdivisão.



ZIGOTO ENSAIO

Zigoto ensaio



O gênero ensaio pode significar muitas coisas: impressões sobre o mundo, linguagem literária, discussões analíticas sobre artes ou até mesmo ser sinônimo de artigo científico. Diante dessa pluralidade, essa subcategoria

pode abrigar: textos de opinião, cartas em suas múltiplas variações, trabalhos mais científicos, dentre outros. Em suma, para a nossa proposta: trata-se de um espaço para publicações de textos factuais ou que, na época de sua primeira circulação, assim tenham sido considerados.

A imagem do dragão de duas cabeças pretende ser a metáfora da multiplicidade de pontos de vista, mas também a ponte entre o passado e o presente, movimento essencial em nossa proposta. Essa duplicidade dos anfisbenas traduz bem nosso propósito de mostrar muitos lados de uma mesma questão, respeitando múltiplos pontos de vista.

Para criar a logomarca, baseamo-nos numa representação de dragão do século XIII, citada por Pastaureau (2011, p. 36)



Bestiaire Latin, Paris, BnF, ms. Latin 3630, fol.94.

Para os medievais europeus, de acordo com Pastaureau (2011), os dragões eram criaturas reais e de convivência cotidiana sob a forma de arte, figurando em vários compêndios e enciclopédias, além de serem esculpidos, bem como representados em vitrais em templos e igrejas. Ainda segundo esse autor, o dragão medieval é o produto da fusão, em uma única criatura, de numerosas tradições anteriores: bíblica, orientais, greco-romanas, germânicas. Para Pastaureau (2011), na época romana, o dragão pode adquirir não importa qual forma para desenhar uma letra ou várias letras ornadas. Em outros termos, era também parte desse processo de representar a palavra e um elemento do design editorial da época.

O dragão é fruto do engenho criativo humano, é polimorfo e polivalente, domina a terra, o céu e o mar, além dos cinco sentidos, é um ser que encarna todo o mundo, tem uma totalidade de abrangência. Essa versatilidade é a característica que nos interessa, que o coloca como ser completo, mas ao mesmo tempo perigoso, ardiloso, múltiplo, guardião de tesouros, dentre outras qualificações.



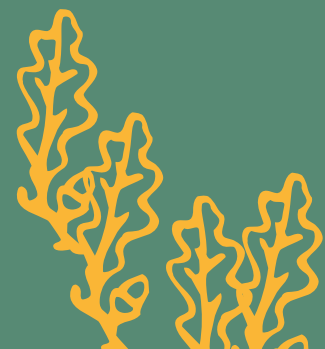


ZIGOTO FICÇÃO

Zigoto ficção



ficcionalidade é um recurso sofisticado criado pela humanidade. Simular novos mundos nos possibilita não somente exercer nossa capacidade criativa, como também testar a possibilidade de



algo dar certo ou não. Há uma polissemia quando evocamos a palavra ficção que pode ser definida como texto em prosa até como mentira, o que seria um equívoco. Na acepção de Mendes (2004), a ficção é a simulação de um mundo possível, é a criação de discursos que não possuem a intenção de enganar, ou seja, não são lesivos para quem os acessa. A mentira, por outro lado, tem deliberadamente a intenção de enganar e de obter uma vantagem, de se passar como verdade.

Nessa perspectiva, os gêneros de discurso têm, algumas vezes, um papel importante na definição do estatuto factual ou ficcional de um texto: romance, conto poema, teatro, por exemplo, trazem um contrato de ficcionalidade a quem os acessa. Já uma carta, pode ou não ser ficcional, depende de vários outros contextos. Na coleção *Zigoto ficção* interessa-nos a publicação desses gêneros classicamente rotulados de ficcionais. Contudo, caso outras possibilidades que se encaixem no perfil apareçam, serão analisadas e consideradas.

A figura fantástica meio mulher meio peixe – ou meio pássaro – é muito difundida em quase todas as culturas: sereia na Grécia, Mélusine na Europa, Kianda na África, Iara no Brasil, dentre outros. De acordo com Doudoumis (2002), a primeira menção uma mulher com rabo de peixe que se tem notícias é a deusa fenícia Dercéto, cerca de 2.000 a.C. Depois dela, muitas outras dessas entidades perpassaram nos textos e nas tradições

orais que se difundiram no mundo. Contudo, Homero eternizou as sereias de belo canto e a coragem de Odisseu ao se permitir ouvi-las, mesmo que muito bem amarrado. Vale dizer que para a antiguidade clássica, as sereias eram aladas; contudo, a iconografia em torno da obra as representam como tendo rabo de peixe em lugar de asas, cristalizando essa forma de representação.

De acordo com Doudoumis (2002), será no início da Idade Média que veremos o hibridismo mulher peixe se caracterizar de forma mais decisiva. Ainda na perspectiva da autora supracitada, Homero coloca as sereias num cenário marinho e essa proximidade criou a ideia que pertenciam a esse mundo e não ao mundo dos ares.

Ao longo da história, esses seres míticos vão ganhando ressignificações e chamamos atenção para uma em especial: a sereia encarna o próprio mito da criação literária. Valendo-se de Maurice Blanchot, Doudoumis (2002) argumenta: mais do que pelo canto em si, é através da promessa que as sereias encarnam, sobretudo, o mito da busca do conhecimento e da verdade. A poesia torna-se então um método de conhecimento, conectando-se assim com a ideia de que é o ato de escrever que importa. A fala e a linguagem são dois constituintes essenciais desse método.

Dessa forma, a sereia é uma mulher mítica que tem poder e domínio pelo encanto da voz, mas é também o símbolo do en-

canto pela palavra, pela arte. Todos são tocados por ela: Odisseu se regozija e segue em frente, contudo, nas terras tupiniquins, Macunaíma se lança nos braços de sua Iara, pois é um herói que não quer a coragem do personagem de Homero, mas deseja sucumbir no encanto da palavra. Em suma: a Sereia/Mélusine/Kianda/Iara é um ser feito de palavras, concebido pelas palavras, por isso é interessante que seja a identidade visual dessa subcategoria da coleção. Além disso, a ambiguidade dos dois rabos faz também referência à ambiguidade da linguagem, às inúmeras possibilidades de geração de sentido que o discurso comporta. Assim, a sereia é também a metáfora da engenhosidade criativa da humanidade.



REFERÊNCIAS

DOUDOUMIS, Anélie. Syrènes. In: BRUNEL, Pierre (org). *Dictionnaire des mythes féminins*. S/L: Editions du Rocher, 2002, p.1708-1717.

LEMAIRE, Ria. Tradições que se refazem. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n.35. Brasília, janeiro-junho de 2010, p. 17-30.

MENDES, Emilia. *Contribuições ao estudo do conceito de ficcionalidade e de suas configurações discursivas*. Faculdade de Letras da UFMG, 2004. 267 p. (Tese, Doutorado em Estudos Linguísticos)

PASTAUREAU, Michel. *Bestiaires du Moyen Âge*. Paris: Seuil, 2011.



Diretora da Faculdade de Letras

Graciela Inés Ravetti de Gómez

Vice-Diretora

Sueli Coelho

Comissão editorial

Elisa Amorim Vieira

Emilia Mendes

Fábio Bonfim Duarte

Luis Alberto Brandão

Maria Cândida Seabra

Sônia Queiroz

Endereço para correspondência

LABED – Laboratório de Edição – FALE/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627 – sala 3108

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Tel.: (31) 3409-6072

e-mail: originais.labed@gmail.com

site: <https://labed-letras-ufmg.com.br/>

Capa e projeto gráfico

Alice Masago e Emilia Mendes

Coordenação editorial

Emília Mendes

Giselle Luz

Seleção, organização e transcrição de textos

Cibelle Magalhães

Denise Cristina Campos

Emília Mendes

Giselle Luz

Íris Ladislau

Laura Nolasco

Octávio Cardozzo

Rafaella Rodinistzky

Victória Zanette

Preparação de Originais

Anna Gabriela da Conceição Teixeira

Barbara Sartore

Denise Cristina Campos

Victória Zanette

Diagramação

Alice Masago

Revisão de provas

Emília Mendes

Giselle Luz

Isabella Guedes

Lobélia Rodrigues



Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Priscila Oliveira da Mata - CRB/6-2706

F329

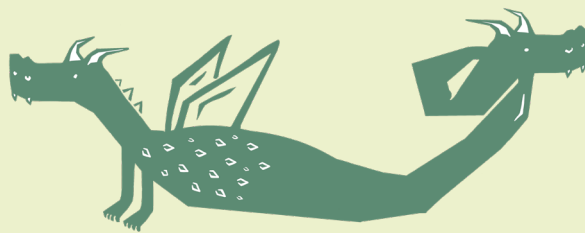
Feminina feminista: uma mulher à frente de um jornal, no século XIX, que bico de sete cabeças será? / Emília Mendes, Giselle Luz (orgs.). – Belo Horizonte : Faculdade de Letras da UFMG, 2021. 328 p.: il.

Inclui referências.

ISBN: 978-65-87237-24-4 (digital)

1. Mulheres e jornalismo – Séc XIX – Brasil. 2. Mulheres na imprensa. 3. Feminismo – Brasil – História. I. Mendes, Emília. II. Luz, Giselle. III. Univridade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. IV. Título.

CDD : 301.412



ZIGOTO ENSAIO

A COLEÇÃO ZIGOTO É UM RESGATE DE TEXTOS EM DOMÍNIO PÚBLICO E DE CONFIGURAÇÕES DO LIVRO NUMA PERSPECTIVA TEMPORAL, CONSIDERANDO O INÍCIO DA HISTÓRIA DA ESCRITA E AS DIVERSAS CONFIGURAÇÕES DO SUPORTE. AS EDIÇÕES SÃO ESTABELECIDAS A PARTIR DE TEMÁTICAS INSTIGANTES E FUNCIONAM COMO EXERCÍCIO DE SALA DE AULA PARA OS ALUNOS DO CURSO DE EDIÇÃO DA FALE/UFMG.

A presente edição em formato digital foi composta com as fontes Adobe Caslon, Avenir e Petit Fleur, formato 20x26cm, nas cores roxo, laranja e verde.

O projeto gráfico da capa e do miolo foi criado por Emília Mendes e Alice Masago, que também fez a diagramação.

A revisão foi coletiva. O trabalho foi realizado em Belo Horizonte, entre 2019 e 2020.



||| fale
editora
|||

LAB
ED